



Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação Especial

ANÁLISE DE RECURSOS AUDIOVISUAIS
UTILIZADOS POR DOCENTES DO ENSINO SUPERIOR
NAS DISCIPLINAS DE LIBRAS

RODRIGO VECCHIO FORNARI

São Carlos
2021

RODRIGO VECCHIO FORNARI

**ANÁLISE DE RECURSOS AUDIOVISUAIS
UTILIZADOS POR DOCENTES DO ENSINO SUPERIOR
NAS DISCIPLINAS DE LIBRAS**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos. Linha: Produção científica e formação de recursos humanos em Educação Especial.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Lara Ferreira dos Santos.

São Carlos
2021

Rodrigo Vecchio, Fornari

Análise de recursos audiovisuais utilizados por docentes do ensino superior nas disciplinas de Libras / Fornari
Rodrigo Vecchio -- 2021.
95f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos
Orientador (a): Lara Ferreira dos Santos
Banca Examinadora: Cristina Broglia Feitosa de Lacerda, Otávio Santos Costa
Bibliografia

1. Libras. 2. Audiovisual. 3. Material Didático. I. Rodrigo Vecchio, Fornari. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação Especial

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Rodrigo Vecchio Fornari, realizada em 14/12/2021.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Lara Ferreira dos Santos (UFSCar)

Profa. Dra. Cristina Broglia Feitosa de Lacerda (UFSCar)

Prof. Dr. Otávio Santos Costa (USP)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Especial.

AGRADECIMENTOS

Certamente é um privilégio concluir um mestrado acadêmico vinte anos após terminar a graduação. As duas formações pela Universidade Federal de São Carlos, instituição onde trabalho como técnico audiovisual desde fevereiro de 2017. Isso não seria possível sem o apoio de muita gente querida que agradeço a seguir.

Agradeço a minha orientadora, Lara Ferreira dos Santos, por três anos de parceria, compreendendo minhas dificuldades, aceitando meu ritmo, mas me puxando sempre que necessário. Agradeço a banca por suas valiosas contribuições no exame de qualificação e na defesa. À Cristina Broglia Feitosa de Lacerda, que transformou minhas “concepções sobre deficiência” no momento que mais precisei. Ao Otávio Santos Costa, parceiro de altos papos sobre Libras e audiovisual desde os tempos do projeto para o processo seletivo... quem diria que ele estaria ali na banca! E aos participantes da pesquisa.

Agradeço a minha irmã Raquel, meu exemplo e fonte de inspiração na área acadêmica, aos meus pais, José Roberto e Maria Helena, e meus irmãos Rafael e Ricardo. Também à Cida, Diogo, Ismália e Leonardo – minha família são-carlense.

Aos meus colegas da UFSCar, técnicos e intérpretes, em especial, à Regina C. Torres, Tatiane C. Bonfim, Sarah L. Lisbão, Joyce C. Souza, Herbherth K. Novaes e Willian D. Pereira; e aos professores do TILSP e do PPGEs, especialmente à Vanessa Martins, Vinícius Nascimento, Janaína Cabello, Leonardo Cabral e Geresa Lourenço. Também aos integrantes do Grupo de Pesquisas Surdez e Abordagem Bilíngue.

Finalmente agradeço a minha família – Rosália e Heloísa – razão da minha vida.

ANÁLISE DE RECURSOS AUDIOVISUAIS UTILIZADOS POR DOCENTES DO ENSINO SUPERIOR NAS DISCIPLINAS DE LIBRAS

RESUMO

A Língua Brasileira de Sinais é uma língua de modalidade visuogestual e sua aprendizagem se dá principalmente pelo canal visual. Assim, os recursos audiovisuais presentes em materiais didáticos para o ensino de Libras em cursos de graduação devem primar pela qualidade de imagem e de conteúdo. Há alguns anos, gravar, editar e compartilhar um vídeo somente era possível para profissionais da área ou diretamente ligados ao mercado audiovisual. Hoje, graças aos avanços da tecnologia e à popularização de smartphones e computadores pessoais, estas tarefas são realizadas por “pessoas comuns”, bastando apenas um pouco de interesse e curiosidade para lograr esses feitos. Porém, este uso intuitivo de equipamentos e ferramentas para a produção de vídeos pode acarretar problemas técnicos que prejudiquem a qualidade final destes materiais. Diante disto, esta pesquisa tem como objetivo analisar recursos audiovisuais para o ensino-aprendizagem da Libras como segunda língua (L2) para alunos ouvintes. Para tanto, optou-se por realizar uma pesquisa exploratória-descritiva, com análise de materiais produzidos e/ou utilizados por professores de Libras, de nível intermediário ou avançado, dos cursos presenciais de licenciatura e bacharelado que visam a formação de professores, tradutores e intérpretes de Libras de Instituições Federais de Ensino Superior. Os professores destas instituições foram contactados e, por meio de um formulário online, buscou-se traçar o perfil dos participantes. Foram realizadas entrevistas com alguns participantes, visando uma melhor compreensão sobre o processo de elaboração ou escolha de materiais audiovisuais. Posteriormente, foi solicitado que enviassem ou indicassem o material audiovisual utilizado, para fins de análise. O material coletado foi apresentado nas análises e as discussões e reflexões têm como embasamento a literatura das áreas da visualidade e da tecnologia. Como resultado, esta pesquisa demonstra a necessidade de suporte técnico e de uma formação complementar direcionada a estes docentes para a produção de materiais com recursos audiovisuais para suas aulas, recursos estes de extrema relevância para aprendizes ouvintes. A análise técnica dos materiais enviados permitiu a formulação de orientações e recomendações de captação, edição e compartilhamento de vídeos para a produção de novos materiais mais eficientes e assertivos para as disciplinas de Libras.

Palavras-chave: Educação Especial. Libras. Audiovisual. Material didático.

ABSTRACT

The Brazilian Sign Language is a visual-gestural language, and its learning takes place mainly through the visual channel. Therefore, the audiovisual resources present in didactic materials for the teaching of Libras in undergraduate courses must prioritize image and content quality. A few years ago, recording, editing, and sharing a video was only possible for communication professionals or those directly linked to the audiovisual market. Today, thanks to advances in technology and the popularization of smartphones and personal computers, these tasks are performed by “ordinary people”, requiring only a little interest and curiosity to achieve these feats. However, this intuitive use of equipment and tools for video production can cause technical problems that affect the final quality of these materials. In view of this, this research aims to analyze audiovisual resources for the teaching and learning Libras as a second language (L2) for hearing students. For this purpose, it was decided to carry out an exploratory-descriptive research, with analysis of materials produced and/or used by teachers of Libras, of intermediate or advanced level, of the presencial courses of licentiate and baccalaureate that aim at the formation of teachers, translators, and sign language interpreters, from Federal Educational Institutions. The professors at these institutions were contacted and, through an online form, an attempt was made to outline the profile of the participants. Interviews were carried out with some participants, aiming at a better understanding of the process of elaboration or choice of audiovisual materials. Subsequently, they were asked to send or indicate the audiovisual material used for analysis purposes. The material collected was presented in the analysis and the discussions and reflections are based on the literature in the areas of visuality and technology. As a result, this research demonstrates the need for technical support and complementary training aimed at these teachers to produce materials with audiovisual resources for their classes, resources that are extremely relevant for hearing learners. The technical analysis of the materials sent allowed the formulation of guidelines and recommendations for capturing, editing, and sharing videos to produce new, more efficient, and assertive materials for the Libras disciplines.

Keywords: Special Education. Libras. Audiovisual. Didactic material.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Revisão de Literatura	28
Quadro 2: Total de participantes	40
Quadro 3: Trechos de vídeos enviados para a pesquisa	50
Quadro 4: Taxa de bits para cada resolução	55
Quadro 5: Vídeos com diferentes valores de tempo de exposição	60
Quadro 6: Ajuste das configurações para gravar vídeo	65

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Vídeo convite para participantes da pesquisa	37
Figura 2: Infográfico sobre perfil dos participantes	41
Figura 3: Planos cinematográficos	52
Figura 4: Esquema de iluminação para estúdio	53
Figura 5: Eixo dramático, campo e contracampo	56
Figura 6: Iluminação e rastros no movimento	59
Figura 7: Teoria e técnica sobre tempo de exposição para criar efeitos em filmes de ação	61
Figura 8: Aplicativo <i>Open Camera</i> no site <i>Google Play</i>	65
Figura 9: Tela do aplicativo <i>Open Camera</i> para gravação de vídeo	66
Figura 10: Bloquear ajuste automático de foco e balanço de branco	67
Figura 11: Interface de um software de edição de vídeo	69
Figura 12: Tutorial básico de <i>Shotcut</i> produzido pela SEaD – UFSCar	70
Figura 13: Siga os passos de 1 a 3 para criar uma <i>playlist</i> no <i>YouTube</i>	72
Figura 14: Editor de legendas do <i>YouTube Studio</i>	73
Figura 15: Tutorial para criar legendas no <i>Youtube</i>	74
Figura 16: Visualização de um vídeo com capítulos no <i>YouTube</i> (no smartphone)	75

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

IFES	Instituioes Federais de Ensino Superior
IFSC	Instituto Federal de Santa Catarina
INCE	Instituto Nacional do Cinema Educativo
Libras	Língua Brasileira de Sinais
TILSP	Traduao e Interpretaao em Língua de Sinais / Português (curso de graduaao da UFSCar)
TVE São Carlos	TV Educativa de São Carlos (emissora de televisão)
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UNIR	Universidade Federal de Rondônia

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
--------------------	----

CAPÍTULO 1

RECURSOS AUDIOVISUAIS NA EDUCAÇÃO

1.1 Audiovisual educativo: Conceito e contexto histórico	15
1.2 O audiovisual educativo no Ensino Superior	18

CAPÍTULO 2

DISCIPLINAS DE LIBRAS NO ENSINO SUPERIOR

2.1 Legislação sobre Libras.....	22
2.2 Recursos audiovisuais para o ensino de Libras como L2.....	23
2.3 Revisão de Literatura.....	27

CAPÍTULO 3

PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 Objetivo.....	36
3.2 Instrumentos	36
3.3 Participantes da pesquisa.....	39
Perfil dos participantes	40
3.4 Apresentação dos dados	43

CAPÍTULO 4

ANÁLISE DE DADOS

4.1 Análise das respostas do formulário.....	44
4.2 Entrevistas	47
4.3 O material audiovisual enviado	49
Estela	51
Samuel.....	52

Gustavo.....	54
Igor	57
Natália	59
Análise conjunta e outras considerações	62
CAPÍTULO 5	
ORIENTAÇÕES E RECOMENDAÇÕES PARA PRODUÇÃO DE VÍDEOS	
5.1 Antes de gravar.....	64
5.2 Captação de imagens	64
5.3 Edição.....	68
5.4 Compartilhamento	71
CAPÍTULO 6	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
REFERÊNCIAS	79
ANEXOS.....	84
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (ANEXO A).....	84
Formulário online para professores de Libras (ANEXO B).....	86
Roteiro das entrevistas com professores de Libras (ANEXO C)	89
Tabela de respostas do formulário online (ANEXO D)	90

APRESENTAÇÃO

Ingressei na UFSCar como aluno de graduação em 1996, na primeira turma do curso "Imagem e Som". Todos me perguntavam "mas que curso é esse, afinal?" E eu respondia: "É uma mistura do curso de Cinema com o curso de Rádio e TV". Mais tarde, fui perceber que minha resposta estava no caminho certo. Naquela época, quem quisesse estudar sobre audiovisual - palavra pouco utilizada cotidianamente naqueles tempos - tinha que optar por um desses dois cursos, como se esses fossem os únicos mercados para quem se aventurasse a trabalhar com imagens e sons.

Já durante a graduação, iniciei minha carreira profissional estagiando e trabalhando em emissoras de TV e produtoras de vídeo, e quando me formei em 2001, o mercado de trabalho era completamente diferente de quando ingressei na universidade. A edição de um vídeo podia ser feita em um computador pessoal e não dependia somente de imensos equipamentos que só as emissoras de TV possuíam.

Depois de formado, prossegui minha carreira profissional trabalhando com edição de vídeos. Sempre tive facilidade com informática e acompanhava de perto as novidades sobre *hardwares* e *softwares* para a produção audiovisual. Nos anos seguintes o audiovisual "entrou" na internet, com a criação do *YouTube* em 2005 (MÜNSCH, 2020) e poucos anos depois a gravação de vídeos foi popularizada pelos *smartphones*. Estas novidades tecnológicas transformavam a todo momento a forma de trabalhar, a qualidade do trabalho e as possibilidades do que poderia ser feito.

Em 2010 fui nomeado pela Prefeitura ao cargo de Chefe de Produção Audiovisual da TV Educativa de São Carlos, onde tive meus primeiros contatos com a produção de vídeos educativos. A TVE é uma emissora de TV aberta, retransmissora da TV Brasil - TV Pública do Governo Federal - e que possui uma pequena programação local diária. Por conta dessa configuração, a TVE São Carlos era obrigada a transmitir as propagandas eleitorais locais durante as campanhas para prefeitos, deputados e vereadores. E foi nessa situação que tive meu primeiro contato com a Libras, em agosto de 2016.

Antes de iniciar a veiculação das campanhas de TV e rádio, uma reunião foi marcada no Fórum da cidade, para discutir e acertar detalhes da produção e veiculação destes materiais. Um dos pontos que gerou certa polêmica entre os participantes foi a tal "janela de Libras". Produtoras de vídeo estavam preocupadas com gastos extras com intérpretes, tempo

de estúdio e edição. Ninguém (inclusive eu) entendia e não conseguia explicar por que era necessário a inserção da janela de Libras, uma vez que as legendas em português, também obrigatórias, "dariam conta do recado". O consenso era que quem não podia ouvir, poderia ler as legendas. Ao final, o Juiz concluiu que era aconselhável colocar a janela de Libras simplesmente porque estava na Lei, e quem não colocasse correria o risco de ser multado. Hoje, anos depois, lembro desse fato e percebo como ainda é grande a falta de conhecimento sobre a Libras - uma Língua - diferente do Português (falado ou escrito). Naquela reunião ninguém soube explicar que um surdo pode saber Libras e não ter fluência no Português, pelo menos suficientemente para acompanhar a legenda de um vídeo. Mais do que isso: É direito do surdo assistir a uma campanha eleitoral na sua primeira língua, a Libras, mesmo que ele reconheça e entenda o português escrito como segunda língua.

No fim da campanha, com a derrota do prefeito, fomos exonerados da TVE. Eu já havia prestado um concurso e, em fevereiro de 2017, ingressei na UFSCar como técnico de audiovisual. Para minha surpresa, não fui selecionado para trabalhar na TV UFSCar ou no curso Imagem e Som, mas no departamento de Psicologia, no curso TILSP. E desta vez, fui eu quem perguntou: "Mas que curso é esse, afinal?" - "Tradução e Interpretação em Língua de Sinais / Português". Era a Libras novamente batendo na minha porta.

O curso, que estava no seu terceiro ano de funcionamento (a primeira turma iniciou o curso em 2015) tinha em seu projeto de estruturação uma vaga para técnico de audiovisual. Rapidamente tudo fez sentido para mim. As demandas por produções de vídeos tanto de professores quanto de alunos, para lecionar/ aprender uma língua que não é oral/ escrita poderiam ser muitas. Quando comecei a trabalhar, as aulas do primeiro semestre ainda não haviam iniciado. Os intérpretes do curso me apresentaram os professores e, entre eles, os professores surdos. Pensei: "Professores universitários surdos!" Fiquei surpreso. Não é que eu achava que isso poderia ou não ser possível... na verdade, eu nunca havia pensado sobre isso.

Entre conversas com os professores surdos e intérpretes e vendo todos eles conversando em Libras, comecei a ficar nervoso, angustiado pois eu sabia trabalhar com produção audiovisual, com captação e edição de vídeos, mas não sabia nada de Libras. Será que eu realmente conseguiria atender as demandas do curso? Então perguntei se poderia assistir as aulas da disciplina "Libras 1" como ouvinte e a coordenação do curso atendeu prontamente meu pedido.

Lembro que a professora solicitou um intérprete apenas para a primeira aula e depois continuou sozinha. Com uma didática incrível, ela foi ensinando não só o básico da Libras, mas também muito sobre a cultura surda. Algo que ajudou muito na interação com a turma foi que ela fazia leitura labial de tudo o que falávamos. Era fascinante assistir suas aulas. E quando ela usava uma apresentação de slides no computador ou algum vídeo que ela tinha produzido, eu pensava "aqui meu trabalho poderá ajudar!", pois notava que o material preparado por ela era bom durante a aula em conjunto com sua interação, mas tornava-se incompleto quando revisto fora da sala de aula, na minha opinião.

O entrosamento entre meu trabalho e o material dos professores foi sendo construído devagar. Não tinha a intenção de chegar criando uma "revolução" e ir opinando sobre o trabalho dos outros. Eu tinha muito a aprender primeiro, para depois poder sugerir algo novo. Os professores também tinham que saber o que era possível de ser feito - não só com o meu conhecimento, mas também com os (poucos) equipamentos e estrutura disponível - para solicitar um material novo ou diferente.

Depois de mais de um ano e muitos vídeos editados para professores e alunos, vi no Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, uma oportunidade de evoluir o meu trabalho para o TILSP, além de voltar a estudar, iniciar um mestrado... algo que sempre quis. Pensei também em fazer o mestrado pelo programa de pós-graduação do curso de Imagem e Som, mas achei que as linhas de pesquisa oferecidas não se adequavam ao meu objetivo. Por outro lado, gostava da ideia de estudar algo novo para mim, onde o audiovisual não fosse o objetivo final, mas um meio para alcançá-lo.

No projeto de pesquisa do processo de seleção, propus a criação de materiais didáticos com recursos audiovisuais para serem utilizados pelo professor durante uma aula e como material de apoio ou revisão para os alunos em casa. Este projeto foi aprovado pela banca de seleção, mas no decorrer do início das aulas, já sob orientação da Profa. Dra. Lara Ferreira dos Santos, várias modificações foram feitas com o objetivo de tornar a pesquisa mais bem delineada no contexto do mestrado. Assim, durante o primeiro semestre de aulas, minha orientadora e eu alteramos a pesquisa para uma análise de recursos audiovisuais utilizados por professores de Libras de cursos presenciais, para apoio ao estudo dos alunos fora de sala de aula. Inicialmente pensamos em trabalhar apenas com professores dos cursos de bacharelado em Letras-Libras, mas com a possibilidade de haver poucos participantes para a pesquisa,

incluímos também os professores dos cursos de licenciatura em Letras-Libras e Pedagogia Bilíngue.

Assim, esta pesquisa tem o objetivo de analisar os recursos audiovisuais utilizados por professores de Libras de cursos de Instituições Federais de Ensino Superior (IFES). Algumas questões nortearam a pesquisa e a busca por respostas: Faz diferença trabalhar com recursos audiovisuais no ensino de Libras? Esse material didático é produzido pelos próprios professores? Eles possuem conhecimentos sobre produção audiovisual suficientes para a elaboração destes materiais? Qual o suporte técnico que as instituições oferecem? Os professores indicam conteúdos de terceiros como, por exemplo, vídeos disponíveis na internet, para o estudo?

Para refletir sobre este assunto e iniciar esta pesquisa, foi necessário estudar alguns temas que compõem a fundamentação teórica, detalhada no capítulo 1: definimos o que é audiovisual e contextualizamos historicamente o uso de recursos audiovisuais na educação e no ensino superior. No capítulo 2 analisamos como se iniciou o ensino de Libras no Ensino Superior, através do Decreto 5626 (BRASIL, 2005); e que materiais didáticos com recursos audiovisuais são utilizados atualmente para o ensino desta língua.

O capítulo 3 apresenta o percurso metodológico e a coleta de dados e no capítulo 4 temos a análise dos dados. A seguir, no capítulo 5, são apresentadas algumas orientações e recomendações para captação, edição e compartilhamento para a produção de novos materiais didáticos com recursos audiovisuais, com o objetivo de torná-los mais eficientes para o ensino-aprendizagem de Libras. Finalmente, o capítulo 6 traz as considerações finais desta pesquisa.

CAPÍTULO 1

RECURSOS AUDIOVISUAIS NA EDUCAÇÃO

1.1 Audiovisual educativo: Conceito e contexto histórico

É notável como o avanço tecnológico tornou o audiovisual parte do nosso cotidiano nos últimos anos. O aumento significativo da velocidade da internet por banda larga, fibra ótica, redes *mobile* 3G e 4G; a diminuição do custo de equipamentos e o crescente uso de imagens e vídeos nos meios de comunicação, nas redes sociais, nos softwares e nos *smartphones* mudaram nossa maneira de lidar com o audiovisual no dia a dia, seja para entretenimento, comunicação, cultura ou educação.

Mas o que entendemos por "audiovisual"? Alguns autores definem este termo de forma básica: Audiovisual, como o próprio nome diz, é a união do áudio com o vídeo – do som com a imagem - com a finalidade de criar uma narrativa. Essa definição está diretamente ligada ao cinema e à televisão, únicos formatos de audiovisual acessíveis à população durante décadas (mesmo com a chegada do VHS e do DVD). Contudo, percebemos que atualmente este termo também está ligado a outros como "internet", "tecnologia" e "(multi)mídia" (KERBAUY, 2014).

As invenções do cinema, do rádio, da televisão, dos computadores e da internet, cada uma a seu tempo, ampliaram gradativamente o conceito de audiovisual, gerando novas possibilidades de seu uso e criando novos propósitos, novas linguagens, novos gêneros e novos conteúdos. Ismael Furtado resume este conceito da seguinte maneira:

Quando nos referirmos ao Audiovisual, estamos falando de um amplo conjunto de tecnologias, suportes, linguagens, relacionadas com a produção de imagens em movimento articuladas com sons, inaugurada com o Cinema, em 1895. Este processo ótico-químico do cinema evolui para a formação da imagem eletrônica e sua distribuição pelas ondas de rádio (televisão). O armazenamento destas imagens e sons em fitas magnéticas, fez surgir o vídeo (do latim *Videre*, eu vejo), que na década de 80 foi popularizada pelo videocassete e câmeras VHS. Com o processo de convergência digital, Cinema, Televisão e Vídeo compartilham do mesmo suporte e da mesma linguagem. O que passa a distinguir Cinema, TV e vídeo é a forma de recepção, a narrativa e as temáticas abordadas. Ao nos referir a Audiovisual podemos estar falando de um filme, de um programa de televisão ou vídeo produzido por uma instituição ou pessoa (FURTADO, 2016 p. 243).

Concordamos com o autor e utilizaremos esta definição no nosso estudo. Na nossa pesquisa focamos no audiovisual com fins educativos. Como ele foi utilizado através dos tempos com a finalidade de educar e como recurso didático no ensino-aprendizagem. Para

iniciar esta reflexão, traçamos um breve panorama histórico do audiovisual educativo no Brasil para depois analisar seu uso no ensino superior.

A história do audiovisual educativo caminhou junto com a do cinema e dos meios de radiodifusão. Desde a chegada do cinema no Brasil, diversos documentários foram traduzidos ou legendados para o português. A produção nacional de filmes educativos ganhou impulso com a criação do Instituto Nacional do Cinema Educativo (INCE) fundado em 1937 durante o primeiro governo de Getúlio Vargas, com a participação de Roquette Pinto, considerado o pai da radiodifusão¹ no Brasil, e Humberto Mauro, cineasta de prestígio, que produziu mais de 200 filmes para o instituto (MONTANARO, 2013). Os filmes do INCE eram na maioria curtas-metragens² exibidos em escolas primárias e que tinham por objetivo mostrar a diversidade cultural do Brasil através de narrativas cinematográficas. Não estamos falando aqui, portanto, de conteúdos de videoaulas de disciplinas como matemática ou química, mas sim de enredos com dramaticidade, onde o espectador poderia aprender refletindo sobre enredo e conteúdo. Já o Serviço de Recursos Audiovisuais (SRA) criado em 1960 produziu filmes mais didáticos, voltados para o treinamento de trabalhadores na indústria.

Depois da chegada da televisão, a partir da década de 70, o audiovisual educativo operou principalmente com programas como Telecurso Segundo Grau e Telecurso 2000 - cursos que auxiliaram mais de 5 milhões de pessoas na preparação para exames supletivos de 2º grau³ - além de emissoras públicas e privadas como TV Escola, TV Cultura e, mais recentemente, TV Futura e TV Brasil (MONTANARO, 2013; KRAMER, 2020).

O sistema VHS (*Video Home System*) possibilitou assistir conteúdos na TV que não fossem os que estivessem sendo transmitidos naquele momento pelos canais de radiodifusão. Ou seja, estes aparelhos deram autonomia ao telespectador para gerenciar conteúdos de seu interesse de forma assíncrona à programação das emissoras de televisão. Além disso, um novo mercado se estabeleceu com produtoras lançando vídeos na linha "aprenda ou faça você mesmo" para diversas áreas. Segundo Gomes (2008), estas produções carecem de qualidade educativa, pois

[...] por razões econômicas ou mesmo filosóficas, elas estejam sendo realizadas por equipes que não contemplam a participação de educadores e pedagogos, resultando

¹ Radiodifusão é a transmissão de ondas de frequência no espaço. A rádio e a TV são exemplos de meios de comunicação que transmitem por radiodifusão.

² Filmes com duração máxima de 20 minutos.

³ Nome então dado para o Ensino Médio.

numa produção que não é cinema, nem televisão, nem vídeo educativo (GOMES, 2008, p. 480)

Assim, podemos dizer que o audiovisual educativo surgiu sem características genuínas. Geralmente ele se apresentava apenas como uma aula gravada, tornando-se desinteressante para quem assistia. O vídeo didático replicou "situações tradicionais de comunicação em sala de aula" adotando "um discurso professoral, autoritário, verticalizado" (GOMES, 2008, p. 481). Nesse mesmo sentido, Carneiro (2002) afirma:

Aulas, cursos, conferências, entrevistas gravadas em vídeo ou transmitidas por televisão consistem nos programas educativos que mais se afastam da linguagem televisual. Utilizam o meio audiovisual limitado às técnicas de registro de transmissão, sem preocupar-se em despertar interesse ou atrair público, porque pressupõem público cativo (CARNEIRO, 2002, p. 4).

Estas dificuldades iniciais na concepção de uma linguagem para o audiovisual educativo começaram a ser superadas na medida em que os autores e produtores destes conteúdos perceberam que

[...] é preciso utilizar dramatizações, narrativas ficcionais, fantasia, humor, num ritmo ágil e dinâmico; combinar as finalidades educacionais com um discurso que se aproxime do entretenimento, sem ser banal e sem simplesmente repetir fórmulas da televisão (GOMES, 2008, p. 481).

Em seu artigo de 2008, Luiz Fernando Gomes traz a telessérie infantojuvenil brasileira “Castelo Rá-Tim-Bum”, da TV Cultura, como exemplo de bom uso dos recursos da linguagem audiovisual em um vídeo educacional. Gomes afirma que o referido programa logrou resultados como “ser atrativo, despertar e prender a atenção do aluno pelo tema abordado, promover a aprendizagem e auxiliar na construção do conhecimento” (GOMES, 2008, p. 481).

O início da comercial da internet em 1995, denominado como Web 1.0, apresentava sites meramente informativos, sem possibilidade de interação. O conteúdo era unilateral assim como na televisão e no cinema, ou seja, poucos emissores para muitos receptores. A partir de 2004, o desenvolvimento da Web 2.0 trouxe a interatividade, a mobilidade, as redes sociais e um mundo de novas possibilidades onde os internautas poderiam criar e compartilhar

conteúdos (BACICH, 2015). O audiovisual também evoluiu de uma forma semelhante, já que no início a criação e produção de conteúdos eram restritas a poucos e o avanço da tecnologia possibilitou a transformação dessa realidade, ao ponto de hoje ser possível criar um vídeo e compartilhá-lo com milhares de pessoas, em alguns minutos (ou ao vivo), utilizando apenas um smartphone conectado à internet e sem ter muitos conhecimentos de produção audiovisual (FURTADO, 2016).

1.2 O audiovisual educativo no Ensino Superior

Paralelamente a todo este histórico do audiovisual educativo no cinema e meios de comunicação, seu uso no ensino superior não era expressivo até os anos 90. Projetores multimídia e aparelhos de TV sempre foram menos utilizados do que giz, lousa, livros e cadernos. Muito disso devido ao custo dos equipamentos e das produções de conteúdo, como também à dificuldade de professores sem formação ou conhecimento para seu uso (BACICH, 2015).

Podemos refletir sobre o uso de tecnologias de informação e comunicação (TICs) no ensino superior presencial através da estruturação inicial de seu uso na Educação à Distância (EaD) nas Instituições de Ensino Superior (IES) e seu posterior avanço aos modos presencial e híbrido.

A Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional (LDB) de dezembro de 1996 já convidava as IES para construir a EaD a partir do seu artigo número 80: "O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância" (BRASIL, 1996, s/p.). Porém este artigo tratava principalmente de "canais comerciais de radiodifusão sonora e de sons e imagens" uma vez que a tecnologia audiovisual ainda estava longe dos patamares atuais e a internet dava seus primeiros passos. Ainda que este artigo tenha sido regulamentado somente em 2005 pelo Decreto 5.622 - sendo válido hoje o Decreto 9.057 de 2017⁴ - certamente ele marcou o início das ações do poder público para a implantação da EaD no ensino superior (BRASIL, 1996; 2005; 2017).

Pouco mais de quatro anos depois, em janeiro de 2001, o Plano Nacional de Educação - PNE (BRASIL, 2001), trouxe um capítulo completo sobre EaD, intitulado "Educação a

⁴O decreto 9.057 de 2017 trata da criação, organização e oferta de cursos na modalidade EaD na educação básica e na educação superior.

Distância e Tecnologias Educacionais" com diagnóstico, diretrizes, objetivos e metas. Nas diretrizes foi retomado esse mesmo texto do artigo 80 da LDB afirmando que "a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional introduziu uma abertura de grande alcance para a política educacional" (BRASIL, 2001, p.47). A seguir, foram elencadas as "tecnologias de comunicação" que deviam ser incorporadas, como as citadas anteriormente "transmissão radiofônica e televisiva" e ampliando com novas tecnologias como "programas de computador, internet, seja por meio dos mais recentes processos de utilização conjugada de meios como a telemática e a multimídia" (BRASIL, 2001, p. 47). O conceito de TICs para a educação ainda não estava aqui por completo, mas vemos como a legislação já caminhava nesse sentido.

Um pouco adiante, o PNE (BRASIL, 2001) afirmou que as tecnologias da EaD deveriam ser aproveitadas também no ensino presencial:

As tecnologias utilizadas na educação a distância não podem, entretanto, ficar restritas a esta finalidade. Elas constituem hoje um instrumento de enorme potencial para o enriquecimento curricular e a melhoria da qualidade do ensino presencial. Para isto, é fundamental equipar as escolas com multimeios, capacitar os professores para utilizá-los, especialmente na Escola Normal, nos cursos de Pedagogia e nas Licenciaturas, e integrar a informática na formação regular dos alunos. (BRASIL, 2001, p. 47)

O texto afirmava indiretamente que até aquele momento as tecnologias não faziam parte do cotidiano do ensino presencial e que alunos e professores não estavam totalmente aptos a utilizá-las. De fato, o ensino presencial permanecia preso às estratégias de ensino tradicionais como leitura de textos e aulas expositivas enquanto mostrava-se imprescindível a estruturação com materiais didáticos informatizados, audiovisuais, multimeios, dentre outros para o surgimento de um curso EaD.

Em outro trecho das diretrizes da EaD, o PNE (BRASIL, 2001) comenta sobre a qualidade dos diferentes materiais didáticos: "O material escrito, parte integrante e essencial para a eficácia desta modalidade de educação, deverá apresentar a mesma qualidade dos materiais audiovisuais." (BRASIL, 2001, p. 47). Nota-se aqui a importância já atribuída aos materiais audiovisuais na EaD como prioritários em relação aos materiais escritos.

No capítulo referente ao Ensino Superior, nos objetivos encontramos: "Estabelecer um amplo sistema interativo de educação a distância, utilizando-o, inclusive, para ampliar as possibilidades de atendimento nos cursos presenciais, regulares ou de educação continuada" (BRASIL, 2001, p. 37). Todos estes trechos mostram a intenção, desde o início, de não

desvincular totalmente a EaD do ensino presencial. Pelo contrário, mostra-se como necessário aproveitar o conhecimento e estratégias pedagógicas peculiares de cada modalidade de ensino para incrementar a outra.

O poder público mobilizou o ensino presencial a uma integração com a EaD. A portaria do Ministério da Educação, número 2.253 de 2001, substituída pela portaria número 4.059 de 2004, passando por mais duas portarias, número 1.134 de 2016 e número 1.428 de 2018, sendo válida hoje a Portaria número 2.117 de 2019, permitiu a integração da EaD nos cursos presenciais, através da possibilidade de criação de disciplinas semipresenciais, a um limite de quarenta por cento da grade do curso, sendo que até a portaria de 2018 eram vinte por cento (BRASIL, 2001; 2004; 2016; 2018; 2019). Com isso, os professores puderam refletir sobre novas estratégias de ensino-aprendizagem, aproveitando as TICs para reformular e enriquecer seus planos de aula no ensino presencial (KRAMER, 2020).

A proposta da EaD não é que o ensino seja completamente "à distância". Os cursos preveem em seus planos de ensino atividades presenciais como avaliações, estágio ou aulas de laboratório. Estes momentos presenciais foram definidos como obrigatórios segundo o Decreto 5.622 (decreto que regulamenta o artigo 80 da LDB) mantendo-se assim até 2017, quando o Decreto 9.057 (que revogou o decreto nº 5.622) definiu o conceito de "polos de educação a distância", onde são realizadas as atividades presenciais, mas não indicou como obrigatória a realização destas atividades (BRASIL, 2005; 2017). Por outro lado, podemos refletir que a Educação presencial não é totalmente presencial. Já no ensino fundamental e no ensino médio, o aluno tem as "lições de casa" e os "trabalhos em grupo" para estudar fora da sala de aula e sem a presença do professor. No ensino superior, a responsabilidade do aluno aumenta na medida em que ele deve ler textos previamente selecionados pelo docente, que serão discutidos durante a aula - metodologia conhecida como "sala de aula invertida" (TORI, 2017).

Atualmente estamos acostumados a utilizar diferentes tecnologias para estudar. Aprendemos através de textos digitais, áudio ou vídeo, sincronamente ou não. Esta forma de estudar, interativa e conectada, não deve ser exclusiva do ensino a distância. Ao contrário, é necessário que o ensino presencial incorpore estas tecnologias ao seu cotidiano. Podemos continuar com aulas expositivas com giz e lousa, mas é urgente o melhor aproveitamento das novas tecnologias (que já não são tão novas assim), dentro e fora da sala de aula, para um melhor rendimento dos discentes e também dos docentes (TORI, 2017).

O entrosamento entre a educação e as tecnologias audiovisuais intensificou-se com a chegada dos vídeos digitais à internet, no início dos anos 2000. Assim, foram anos de desenvolvimento tecnológico para chegarmos às “facilidades” atuais. Hoje, por exemplo, podemos criar um “canal” no *YouTube*, hospedar nossos vídeos gratuitamente, sem limites de quantidade ou duração. Cada vídeo pode ser classificado quanto à visibilidade de três formas: 1. Público, ou seja, acessível a todos e pesquisável na internet. 2. Não listado, quando não é pesquisável e somente quem possui o link consegue visualizar. 3. Privado, quando o criador do vídeo define quem terá acesso a ele. Essa classificação pode ser alterada inúmeras vezes, a qualquer momento. Podemos criar listas de reprodução, apenas com nossos vídeos ou com vídeos de outros canais também, criando assim uma sequência de vídeos a serem assistidos. É possível criar links que aparecem na forma de textos na tela durante a execução do vídeo. É possível até mesmo editar um vídeo, inserir sons e trilhas musicais livres de direitos autorais e legendar em vários idiomas, tudo isso através do próprio site, sem precisar de softwares adicionais.

Neste cenário tecnológico e a partir da chegada da internet, a Língua Brasileira de Sinais, doravante Libras, tem se feito muito presente, visto que sua difusão na atualidade se dá por meio de imagens/vídeos. O *YouTube* e as redes sociais, desde então, têm trazido diversos canais e produções que tem a Libras como língua fonte. Em 2005, o Decreto 5.626 (BRASIL, 2005) marcou o apoio ao uso e difusão da Libras nos diversos espaços, mas, especialmente, para o acesso das pessoas surdas à educação. O mesmo Decreto traz também, desde então, o ensino da Libras como disciplina obrigatória nos cursos de licenciatura e como optativa nos demais cursos superiores, e por se tratar de uma língua de modalidade visuogestual implica em adaptações tanto no ensino (metodologicamente) quanto nas recomendações para estudo (GESSER, 2012). Diante da materialidade da Libras, dos avanços tecnológicos e da prerrogativa da legislação, algumas questões motivaram esta pesquisa: Como os professores responsáveis por esta disciplina podem aproveitar estas novas tecnologias? Há formação e suporte para a criação de materiais didáticos com recursos audiovisuais para estes docentes? É sobre esta temática que nos debruçaremos no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2

DISCIPLINAS DE LIBRAS NO ENSINO SUPERIOR

2.1 Legislação sobre Libras

A história da educação de surdos no Brasil é marcada por lutas pelo direito linguístico e cultural. Um marco legal e que tem importância histórica nessa luta é a Lei nº 10.436 (BRASIL, 2002). A partir desta, a Libras passou a ter maior circulação e aceitação social, todavia ainda não era possível, neste período, observar grandes mudanças nos espaços sociais em que seu uso se fazia necessário.

Posteriormente, com o Decreto nº 5.626 (BRASIL, 2005), que regulamenta a Lei nº 10.436 (BRASIL, 2002), nota-se que outras providências foram indicadas, em diversos contextos. O capítulo II trata da inclusão da Libras como disciplina curricular, conforme o texto:

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios (BRASIL, 2005).

Deste modo, observa-se que a Libras passou a circular no ambiente acadêmico, tornando-se disciplina obrigatória com a finalidade de formar futuros professores com conhecimentos acerca da surdez e da Libras, aspecto fundamental para a inclusão educacional de alunos surdos.

O referido Decreto aponta, ainda, no capítulo III "Da formação do professor de Libras e do instrutor de Libras" que:

O Ministério da Educação promoverá[...] programas específicos para a criação de cursos de graduação:
I - para formação de professores surdos e ouvintes, para a educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, que viabilize a educação bilíngue: Libras – Língua Portuguesa como segunda língua;
II - de licenciatura em Letras: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa, como segunda língua para surdos;
III - de formação em Tradução e Interpretação de Libras - Língua Portuguesa (BRASIL, 2005, Art. 11).

Assim, o mesmo Decreto que trouxe a obrigatoriedade das disciplinas de Libras nos cursos superiores, indicou a necessidade de criação de cursos de formação de professores e tradutores e intérpretes de Libras, visando atendimento também às comunidades surdas.

Um novo impulso foi dado através do Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência – Viver sem Limite, por meio do Decreto 7.612, de 17 de novembro de 2011, que tinha como meta até 2014 a criação de 27 cursos de Letras/Libras – Licenciatura /Bacharelado e 12 cursos de Pedagogia na perspectiva bilíngue em conjunto com a criação de 690 vagas entre professores, tradutores e intérpretes de Libras (BRASIL, 2011). Estes cursos começaram a ser criados⁵e já formaram muitos docentes para o ensino de Libras. Mas, ainda hoje, os docentes enfrentam a dificuldade de encontrar opções de materiais didáticos já produzidos, considerando a atualidade deste ensino no contexto acadêmico, tendo que criar os seus próprios para lecionar, ou recorrer a materiais disponíveis em *sites* e canais de vídeo (GESSER, 2010; SANTOS, 2014; CAMPOS, 2015).

2.2 Recursos audiovisuais para o ensino de Libras como L2

Diferentemente das línguas orais, a Libras é uma língua visuogestual. Nesse sentido, o livro, ou qualquer material impresso, não atende plenamente suas características visando o ensino e a aprendizagem, pois imagens estáticas e bidimensionais não mostram satisfatoriamente os movimentos da sinalização (SANTOS, 2014).

A aprendizagem da Libras pode ser mais eficiente se realizada com recursos audiovisuais. Porém, vídeos do professor na frente de um fundo branco ou neutro, sinalizando diretamente para a câmera, como se o vídeo fosse apenas a gravação de uma aula “ao vivo”, podem não ser tão atrativos no momento de estudo, em que o aluno busca complementar as informações, usando estratégias diferentes daquelas apresentadas em sala de aula. Um material didático que contenha algum recurso audiovisual deve ser o resultado de uma produção idealizada e planejada com antecedência e posteriormente editada, verificando a necessidade de adicionar recursos como animações e composições gráficas que sejam pertinentes para um melhor entendimento e aprendizagem do aluno. Jesus (2013), em sua dissertação, conclui: “...a utilização do design, mais especificamente do motiongraphic

⁵A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) criou o primeiro Curso de Graduação em Letras Libras - Licenciatura, em 2006, e o Curso de Graduação em Letras Libras - Bacharelado, em 2008.

design⁶, em vídeo-aulas de LIBRAS - se desenvolvida com planejamento, pode auxiliar e potencializar esse processo de Ensino/Aprendizagem” (JESUS, 2013, p. 58).

Outro recurso na produção dos vídeos que se faz absolutamente necessário para o ensino de Libras é o uso de narrativas, ou seja, o uso de diálogos entre personagens e a narração de histórias demonstrando a Libras em situações reais de uso. Não é possível aprender Libras (ou qualquer outra língua) apenas com a memorização de vocabulário (no caso de Libras utiliza-se a palavra “sinalário”) – palavras (sinais) soltas, sem contexto. Campos (2015), em sua tese sobre o ensino de Libras na modalidade EaD, destaca o uso das narrativas em videoaulas:

O uso das vídeo-aulas de história e diálogo em Libras, como mediadores, aumenta a capacidade de atenção, percepção, compreensão e memória, sobretudo, permite maior controle voluntário do sujeito sobre sua atividade. Vídeo-aula é como um texto que permite que o sujeito se relacione com a língua – mediado pelo vídeo – ampliando suas possibilidades de compreender e usar a língua como se penetrasse no mundo dos surdos e na cultura surda. O sujeito ouvinte não aprende Libras fazendo leituras de textos escritos, e sim acompanhando os movimentos, expressões faciais e corporais, o jeito de expressar em língua de sinais, além de perceber as diferenças entre a Libras e a Língua Portuguesa (CAMPOS, 2015, p. 54).

As videoaulas para o ensino de Libras já são eficientemente utilizadas na Educação a Distância (EaD), mas é necessário que elas sejam repensadas e incorporadas para a educação presencial, ou ainda, criadas exclusivamente para este ensino presencial, sem qualquer relação com a EaD.

A educação a distância não substitui a educação presencial, e certos aspectos percebidos como interessantes na EaD poderiam ajudar também na oferta da disciplina presencial, como: disponibilizar materiais e espaço para postagem de vídeos, de modo que os alunos não precisassem entregar CD/DVD para os professores; ou depender de vídeos disponibilizados no *youtube* por outras pessoas, às vezes pouco adequados para as finalidades acadêmicas (CAMPOS, 2015, p.168).

Campos (2015), em sua tese, aborda o processo de ensino-aprendizagem de Libras, em nível básico, em cursos EaD. Já Jesus (2013), em sua dissertação, estuda a utilização do Motion Graphic Design nas videoaulas de Libras, também para EaD. Percebemos então, que o uso de materiais audiovisuais para o ensino de Libras tem ocorrido prioritariamente em cursos de educação à distância. Mas, e em aulas presenciais? Os recursos audiovisuais em materiais didáticos podem ser uma ferramenta útil para a aprendizagem de Libras?

⁶ Segundo Jesus, O termo *motiongraphic design* é usado para descrever a área de criação audiovisual que permite combinar imagens, vídeos, fotografias, grafismos e animações.

Nos últimos anos, temos visto o aumento significativo de cursos presenciais em que a Libras se faz presente (ALBRES, 2012) e o crescente número de profissionais formados em licenciaturas Letras/Libras, bacharelados em tradução e interpretação em Libras/ Português, e licenciaturas em pedagogia bilíngue (Libras/Português) - que necessitam de materiais didáticos de qualidade para o melhor desenvolvimento de suas aulas e atividades.

O problema de pesquisa está baseado na atual falta de materiais didáticos que apresentem recursos audiovisuais para o ensino de Libras. Estudos comprovam que

É escasso o acesso a materiais didáticos tanto de suporte tradicionais como aqueles disponíveis na internet, diferente do que acontece com a maior parte das línguas estrangeiras orais que já têm material disponível para seus aprendizes a contento. Os dicionários de Libras existentes trazem apenas o vocabulário da língua de sinais, e não a língua em uso no contexto comunicativo. Os websites e programas de ensino da língua para uso na internet também seguem o mesmo modelo, sem atividades comunicativas (SANTOS, 2015, p. 2).

Lebedeff (2016) relata que, após dez anos da promulgação do Decreto 5.626, os materiais didáticos para as disciplinas de Libras em cursos de Letras-Libras continuavam sendo organizados "da mesma forma que as primeiras cartilhas desenvolvidas pela FENEIS: [...] números e alfabeto, família, animais, [...]" (LEBEDEFF, 2016, p.20). Mesmo com as possibilidades que o avanço tecnológico trouxe, a metodologia de ensino não mudou: "A proposta de glossário, de apresentação do vocabulário em famílias semânticas permaneceu nos vídeos" (LEBEDEFF, 2016, p.20).

Podemos citar alguns materiais didáticos, como livros publicados antes mesmo do Decreto 5.626 ou logo depois. São estes: "Coleção Aprendendo LSB" (PIMENTA, 2004), "Curso LIBRAS 1" (PIMENTA; QUADROS, 2006) e o mais conhecido entre docentes e discentes do ensino de Libras, "Libras em Contexto" (FELIPE, 2001), que contou com oito edições entre os anos de 2001 e 2007, apoiado pelo MEC. Esta série, composta com livros para professor e aluno, continha também material em vídeo em fitas VHS, que depois foram substituídas por DVDs (BERNARDINO 2018; GESSER, 2010; 2012).

Considerado o primeiro material didático para o ensino de Libras como L2, "Libras em contexto" é um avanço quando comparado ao que já se utilizava até então, como as já citadas cartilhas da FENEIS, mas é confuso ao trabalhar com diversas abordagens e orientações contraditórias, ora solicitando repetições, ora incentivando diálogos e interações (PEREIRA, 2009). Mesmo quando o livro trabalha com diálogos, o material não consegue alcançar uma abordagem verdadeiramente comunicativa. Segundo Pereira (2009, p. 11), "Os

diálogos, que são propostos como exercícios, são uma prática mecânica na verdade. Memorização e repetição. Nomear de diálogo este tipo de exercício é teatralizá-lo, pois existe uma representação de um diálogo”.

Outro material didático para o ensino de Libras é o livro "Sequências didáticas para o ensino de Libras como L2" dos autores Claudio Alves Benassi e Anderson Simão Duarte, docentes da Universidade Federal de Mato Grosso (BENASSI, DUARTE, 2016). Estes são professores de Libras na referida Universidade e elaboraram o material didático através de um projeto de extensão intitulado "Libras para docentes como L2", onde foi notada "a falta de um material didático sistematizado para o ensino de Libras que atendesse a demanda de apresentação de conteúdo, prática e produção do estudante"(SOUZA, BENASSI, 2016, p.4). O material, elaborado em 2015 e publicado em 2016 pela Revista Diálogos, é constituído de um livro digital em arquivos PDF e arquivos de vídeo disponibilizados em um *drive* virtual⁷.

O livro soma 47 páginas de conteúdo e os arquivos de vídeo são 82 no total, sendo 48 vídeos de vocabulário e 34 vídeos de atividades. Todos os vídeos mostram o professor Benassi de frente, enquadrado da cintura para cima (plano médio) com um fundo verde atrás, mas não se trata de um tecido verde para chroma-key, e sim, uma parede verde em um ambiente externo. O professor utiliza óculos escuros em parte dos vídeos, dificultando a visualização das expressões faciais. Os vídeos, com duração média de dois minutos, não contêm áudio (tradução em voz dos sinais) e exibem legendas na parte inferior do vídeo.

Em uma análise deste material pelo próprio autor, ele conclui que "tendo um conteúdo esquematizado, por meio de aulas temáticas, vocabulários e atividades filmados, há maior interesse do acadêmico ouvinte pela disciplina." (SOUZA, BENASSI, 2016, p.7). Sobre os vídeos, o docente afirma que "o desenvolvimento da percepção linguística visual do acadêmico ouvinte foi favorecida. Isso porque foram elaboradas com foco na fixação do conteúdo lexical apresentado em cada aula." (SOUZA, BENASSI, 2016, p. 8). Contudo, o que percebemos é que os vídeos apenas apresentam os sinais como alternativa para substituir as imagens do livro. Não há narrativas que demonstrem o uso da língua com diálogos, exemplificando situações reais de uso da língua.

⁷Livro e material complementar disponíveis em:
<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/issue/view/236>
<https://drive.google.com/drive/u/0/folders/0BzxFi9uY3katMUdnUUNLVEhwT2M>

Em 2012, Audrei Gesser apontava que a escassez de materiais didáticos para ensino de Libras como L2 para níveis avançados trazia dificuldades aos professores no desenvolvimento de suas aulas, uma vez que eles estavam familiarizados e tinham mais experiência no ensino para níveis básicos:

[...] há uma angústia provocada pela falta de materiais didáticos especializados, que possam assegurar um repertório e delineamento de ordenação do conteúdo linguístico que sirva como “norte” de cursos mais avançados. Nos primeiros níveis, por outro lado, percebem-se conhecimento e conforto maiores por parte dos professores ao conduzirem suas aulas de LIBRAS. Os primeiros encontros, por exemplo, são sempre cheios de novidades, descobertas e curiosidades, e o professor surdo mais experiente, por sua vez, já possui um arsenal de atividades em LIBRAS para praticar com seus alunos. [...] Posteriormente, os encontros vão perdendo corpo e ritmo, restringindo-se, no máximo, a dois anos consecutivos de curso. Por isso, encontrar turmas formais em níveis mais avançados em LIBRAS são situações raras [...] (GESSER, 2012, s/p)

Passados mais de 15 anos da regulamentação do Decreto 5.626/2005, podemos notar muitos avanços ao tratar sobre vídeos para o ensino de Libras nas IES. Alguns destes avanços vêm do desenvolvimento tecnológico e outros são reflexos dos estudos e amadurecimento da área. Apresentamos a seguir uma revisão de literatura, que nos ajuda a traçar caminhos metodológicos e embasar nossa pesquisa.

2.3 Revisão de Literatura

A revisão de literatura foi realizada nas plataformas Google Acadêmico e no repositório da Capes, selecionando artigos, dissertações e teses a partir da combinação de vários descritores como: “ensino de Libras”, “disciplina de Libras”, “material didático”, “vídeo”, “audiovisual”, “produção”, “edição”, “design”, “ensino superior” e “segunda língua”. Outros descritores como “crianças surdas”, “estudantes surdos” e “primeira língua” foram utilizados para excluir resultados e refinar a pesquisa.

Como a obrigatoriedade do ensino de Libras em cursos de licenciatura e a criação dos cursos de licenciatura e bacharelado em Libras (Decreto 5.626 de 2005) é recente e, além disso, as tecnologias para captação, edição e compartilhamento de vídeos tornaram-se muito mais eficientes e acessíveis nos últimos anos, optamos por selecionar estudos realizados a partir de 2013.

Como resultado desta busca, selecionamos onze textos - quatro artigos, três dissertações e quatro teses – que abordam temáticas próximas do nosso estudo: a produção de

vídeos para materiais didáticos nas disciplinas de Libras do Ensino Superior. O quadro abaixo apresenta todos estes estudos com as informações de título, autor, ano, nível (artigo, dissertação ou tese), além do *link* de acesso. Após o quadro, comentamos brevemente cada estudo e procuramos relacionar suas investigações e seus resultados com a nossa pesquisa.

Os estudos estão separados nos grupos a seguir: 1. Vídeos para ensino de língua de sinais / Libras na EaD e 2. Vídeos e outras tecnologias. Ainda que alguns estudos possam ser classificados nos dois grupos, acreditamos que esta separação ajuda a discussão teórica do assunto.

Quadro 1: Revisão de Literatura

1. Vídeos para ensino de língua de sinais / Libras na EaD					
N.	Título	Autores	Nível	Ano	link
1	Produção e Avaliação de Materiais Didáticos Audiovisuais para Ensino de LIBRAS a Distância	Leonardo D. V. L. Camargo	Dissertação	2013	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?id_trabalho=88851
2	O processo de ensino-aprendizagem de Libras por meio do moodle da UAB-UFSCar	Mariana de L. I. L. Campos	Tese	2015	https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/7341
3	Vídeos como Objetos de Aprendizagem para o Ensino de Línguas: uma discussão na perspectiva de aprendiz de Língua de Sinais Britânica	Tatiana B. Lebedeff	Artigo	2017	https://doi.org/10.34019/1982-2243.2017.v21.27984
4	Quadro de referência da Libras como L2	Aline N. de Sousa, Juliana T. Lohn, Ronice M. de Quadros	Artigo	2020	https://doi.org/10.5007/1984-8412.2020.e77339
2. Vídeos e outras tecnologias					
N.	Título	Autores	Nível	Ano	link
5	Diretrizes para projeto de recursos educacionais digitais voltados à	Maria Nilza Oliveira Quixaba	Tese	2017	https://lume.ufrgs.br/handle/10183/172201

	educação bilíngue de surdos				
6	Design editorial na tradução de português para libras	Renata da Silva Krusser	Tese	2017	https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/177595
7	Propostas emergentes: a videoaula como recurso pedagógico no ensino superior	Lilian Cervo Benetti	Dissertação	2017	https://repositorio.ufsm.br/handle/1/20157
8	Luz, câmera, edição: recursos gráficos visuais para traduções acadêmicas de Português/Libras em videoprovas	Walquíria Peres de Amorim	Dissertação	2019	https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/214611
9	Tecnologias digitais aliadas ao ensino da Libras: Um relato de experiência no IFB	Joseane R. S. Rezende Nubia Flavia O. Mendes	Artigo	2019	http://ojs.novapaidia.org/index.php/RIEP/article/view/23
10	A disciplina de Libras em cursos de licenciatura na UFG: um estudo sobre dificuldades e estratégias na aprendizagem	Guilherme G. de Freitas, Juliana G. Faria, Francisco J. Q. de Figueiredo	Artigo	2020	https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/63206
11	O uso de recursos tecnológicos por docentes surdos no ensino da Língua Brasileira de Sinais na Educação Superior	Sátilla Souza Ribeiro	Tese	2021	http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/33230

fonte: Elaborado pelo autor.

O primeiro grupo traz pesquisas diretamente relacionadas com o nosso estudo: vídeos para o ensino de Libras. Também tratam sobre Libras na EaD. Ainda que alguns deles sejam “antigos” para comparar as tecnologias, a internet e o audiovisual, estes trabalhos trazem muitas informações sobre a idealização e produção dos materiais didáticos para o ensino de Libras e foram referências para a escrita desta pesquisa desde seu início.

A produção e avaliação de materiais didáticos audiovisuais para ensino de Libras a distância é o tema da dissertação de Camargo (1). O Estudo foi realizado com professores e alunos das primeiras turmas para a disciplina de Libras em EaD da Universidade PUC Minas, entre 2011 e 2012. O autor narra como foram planejadas as videoaulas pelos docentes e profissionais do setor audiovisual da instituição. Ao final do primeiro semestre em que a disciplina foi ofertada, questionários e entrevistas foram aplicados a professores e alunos. Com base nos dados coletados, foram realizadas adaptações aos materiais para a próxima oferta e, ao final desta, um novo levantamento de dados foi feito. Como resultado, verificou-se a necessidade de ciclos de produção, análise e reelaboração periódica de materiais didáticos, baseada em uma lista de categorias e indicadores gerada por esta pesquisa, como: qualidade técnica e estética dos elementos visuais, visibilidade das informações linguísticas, estrutura narrativa, recursos de tradução (locução e/ou legendas) e velocidade da sinalização.

A tese de Campos (2) trata sobre a implantação e desenvolvimento da disciplina de Libras para dois cursos EaD na UFSCar, através do Moodle. Alunos, tutores e professores responderam questionários avaliativos. Sobre os materiais didáticos, área de interesse da nossa pesquisa, os alunos sugerem mais vídeos com áudio e videoconferências ao invés de web-conferências. Já os tutores perceberam a necessidade de apresentar feedbacks em Libras, gravados em vídeo, ao invés de mensagens de texto pelas ferramentas do Moodle (chat, e-mail, fórum, entre outras). Os docentes relataram dificuldades para inserir vídeos longos e com qualidade no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), como também dos alunos, para visualizar e postar vídeos. Ficou claro que os vídeos, tanto do AVA quanto do DVD, foram os materiais mais relevantes para a prática, enquanto o livro e outros recursos do Moodle que utilizam o português escrito obtiveram melhores resultados para o ensino-aprendizagem do contexto teórico, como os aspectos gramaticais da Libras, e das particularidades da Surdez.

É evidente que as dificuldades tecnológicas foram sanadas com o tempo. Atualmente o DVD é uma mídia em desuso. Os vídeos digitais, mesmo que produzidos de forma não profissional por professores e alunos, evoluíram significativamente na qualidade (definição) e dimensões da imagem, e as ferramentas e plataformas que utilizamos para carregar e visualizar vídeos na internet não impõem dificuldades quanto ao tamanho de arquivos. Ainda assim, são necessários conhecimentos de informática e noções para a produção audiovisual (captação, edição e compartilhamento de vídeos) que muitas vezes estão ausentes no repertório dos alunos e até mesmo dos professores de Libras.

Lebedeff (3) analisa vídeos produzidos para o ensino da Língua de Sinais Britânica na perspectiva de Objetos de Aprendizagem para o Ensino de Línguas (OALs) com base nas características de reusabilidade, interoperabilidade, granularidade e recuperabilidade. O estudo é introduzido com um histórico dos materiais didáticos para o ensino de Libras antes e depois da popularização do VHS/DVD. Trata também das vantagens dos vídeos digitais como a navegação pelo tempo do vídeo e a visualização de narrativas para uma aprendizagem mais contextualizada. Algumas características de OALs não foram contempladas pois os vídeos não eram Recursos Educacionais Abertos (REAs), mas sim materiais em DVDs de cursos presenciais. A autora também discorre, ainda que brevemente, sobre outras características como duração de cada vídeo, uso de narrativas, uso de glossários, enquadramento e troca de planos.

O artigo de Sousa et al. (4) apresenta uma descrição de níveis de proficiência em Libras desenvolvidos a partir do Quadro Comum Europeu de Referência de Línguas, como parte de uma documentação da Libras. O texto traz um histórico do ensino de Libras como L2 no ensino superior, evidenciando a falta de um referencial curricular e materiais didáticos. O artigo informa ainda sobre a produção de aulas-modelo de Libras como L2 para todos os níveis no Portal de Libras da UFSC e a criação de plataforma aberta, na qual professores poderão criar, postar e comentar videoaulas referentes ao ensino de cada nível de proficiência da Libras, criando assim uma grande rede colaborativa. Vale salientar que este projeto está em desenvolvimento. Este estudo talvez não acrescente tantas informações que sejam diretamente ligadas ao nosso objeto de pesquisa, mas nos revela a situação atual, quantitativa e qualitativa, dos materiais didáticos para o ensino de Libras em cursos de graduação.

Notamos nestes estudos a importância de analisar características da gravação e edição dos vídeos, que podem interferir na qualidade e eficiência do conteúdo a ser ensinado. Estas análises podem ser referências iniciais às do nosso estudo e podem nos ajudar a buscar outras características ainda não analisadas que complementem este assunto.

As pesquisas apresentadas em “vídeos e outras tecnologias” tratam de softwares, aplicativos, recursos gráficos e de design, incorporados ao vídeo ou não, que contribuem com o ensino-aprendizagem de Libras no Ensino Superior.

Quixaba (5) traz em sua tese 33 diretrizes para a elaboração de recursos educacionais voltados à educação bilíngue de surdos. Ainda que a área do estudo – Informática na Educação – seja diferente da nossa e que não discorra especificamente sobre o ensino-

aprendizagem de Libras, estas diretrizes - compiladas a partir de fontes bibliográficas e de entrevistas com professores - abordam boas práticas para a produção de vídeos em Libras/Português a serem seguidas por designers não familiarizados com uma língua visuo-gestual. Estas diretrizes podem nos ajudar a criar critérios de avaliação para os vídeos do nosso estudo. Algumas delas são já conhecidas e bem incorporadas às práticas de professores e intérpretes, como a diretriz 47: “O vestuário do intérprete deve ser simples, e a cor da roupa deve contrastar com a cor da pele do(a) intérprete.” ou a diretriz 54: “Indique quando a sinalização terminar.” pois estas orientações já fazem parte do dia a dia deles. Porém, outras diretrizes mais associadas à captação de imagens e à edição de vídeo não são tão óbvias para docentes com pouca experiência em produção audiovisual, como estas a seguir: Diretriz 49: “Sempre filme o intérprete de frente”, diretriz 24: “Na montagem, inserir intervalos que permitam o estudante pausar os vídeos”, diretriz 09: “Sincronize o tempo de fala com a imagem e a legenda”. Orientações como estas são extremamente relevantes para a produção de vídeos com mais qualidade técnica e de conteúdo.

O estudo de Krusser (6) busca identificar recursos gráficos e ferramentas computacionais que contribuem tanto para a leitura de textos em português quanto para a visualização de vídeos em Libras (o que a autora chama de “leitura de textos em Libras”) de forma fluida e agradável. Três textos foram traduzidos para a Libras e avaliados através de questionários e entrevistas. A pesquisa mostra como recursos gráficos que permitem relacionar conteúdos verbais e visuais, e recursos tecnológicos como ajuste da velocidade de visualização, recursos de navegação pelo conteúdo e visualização da estrutura e hierarquia do texto conduzem o usuário de Libras a uma leitura eficiente e agradável.

O estudo aponta como recursos gráficos podem contribuir ou atrapalhar a leitura em Libras explicando o conceito de “invisibilidade” no design: isso ocorre quando os elementos do vídeo são inseridos com o intérprete de forma que não se destaquem e desviem a concentração da leitura da Libras, buscando uma composição que não causa estranhamento ao leitor. Esse mesmo conceito também é comumente descrito na montagem de filmes (e vídeos): A edição é “invisível” quando o espectador assiste o conteúdo (uma narrativa) sem se incomodar, ou até mesmo sem perceber os cortes e mudanças de planos. Em suma, o design deve contribuir para uma imersão na leitura.

Na dissertação de Benetti (7), o tema é a produção de videoaula para o Ensino Superior. A pesquisa ocorreu através de oficinas de capacitação para alunos de pós-graduação

e professores, com o uso um de software livre. As videoaulas produzidas consistiam em capturas de telas de slides acompanhadas por uma narração do professor. Foram realizadas 3 oficinas intercaladas por questionários de avaliação. O estudo mostra a ausência de fluência tecnológica dos professores e, ao mesmo tempo, a necessidade e o desejo destes por capacitação em busca de uma autoria docente de qualidade.

Diferentemente das videoaulas elaboradas no estudo de Benetti, a produção de uma videoaula de Libras requer conhecimentos tanto para captação de imagens como para edição de vídeos. É de extrema importância que o professor saiba ajustar a iluminação do seu cenário e configurar sua câmera, a fim de obter imagens de alta qualidade para a posterior edição, que por sua vez, também demanda conhecimentos complementares do docente.

Amorim (8) analisa as vídeo provas do ProLibras de 2007 e do Enem em Libras de 2017 comparando os recursos gráficos visuais presentes em cada uma, e mostra como recursos do *Design de Interação* como os demonstrados por Krusser (6) tornaram esta última videoprova em um produto bilíngue e que dá autonomia a seus usuários. O estudo discorre sobre os guias e manuais que orientam o uso da Libras no Audiovisual, concluindo que estes ainda não oferecem as diretrizes necessárias para o desenvolvimento de um projeto de videoprova em Libras. Adicionalmente, o estudo apresenta orientações para a elaboração de videoprovas em Libras, pontuando sobre equipamentos para gravação e edição, e sobre organização e dinâmica da tradução.

Os guias e manuais citados são baseados na inserção da Libras a nível secundário, ou seja, apenas um recurso de acessibilidade da obra audiovisual, como a “janela de Libras” e não tratam de vídeos onde a Libras é a língua prioritária ou a sinalização seja o foco da obra. As orientações para produção de videoprovas são pouco detalhadas. Assim, temos a intenção de aprofundar estas orientações apresentando equipamentos de gravação não profissionais, como celulares, softwares de edição de vídeo gratuitos e algumas orientações sobre captação e edição básicas, que possam ser assimiladas e bem aproveitadas por docentes de disciplinas de Libras que almejem produzir seus próprios materiais didáticos.

Experiências com o uso de tecnologias digitais no ensino de Libras em um Instituto Federal são relatadas no artigo de Rezende (9). São elencadas seis tecnologias e sua aplicação prática pelos docentes: vídeos, softwares de tradução automática, jogos, noticiário acessível em Libras, dicionários online de Libras, e aplicativos móveis. Conclui-se que os recursos tecnológicos apresentados são importantes para o desenvolvimento de ensino e aprendizagem

da Libras, desde que docentes e discentes saibam utilizá-los corretamente e em consonância com o plano de ensino da disciplina.

Sobre os vídeos, Rezende enumera seus diferentes usos, por professores e alunos do instituto, como fonte de pesquisa em canais do *YouTube*, material didático ou avaliativo produzido por professores e material para entrega de trabalho produzido pelos alunos. As conclusões endossam o que já foi citado nos outros estudos desta revisão: os vídeos permitem melhor aproveitamento do curso e melhor assimilação do conteúdo, entretanto muitas vezes é necessária uma formação específica, tanto para professores quanto para alunos.

O artigo dos professores da UFG (10) discute as dificuldades para aprender Libras encontradas pelos alunos e as estratégias destes durante o estudo. Um questionário foi respondido por 91 alunos de diversas licenciaturas durante as aulas presenciais de disciplinas de Libras. As principais dificuldades são o pouco contato com a língua, a modalidade linguística e a internalização dos sinais. Já as estratégias mais utilizadas foram: ver vídeos, utilizar aplicativos de tradução e aprender com a explicação do professor durante a aula. As estratégias menos utilizadas ou consideradas pelos alunos como malsucedidas são o uso de slides e apostilas e escrever ou fazer anotações durante a aula.

O vídeo foi o mais indicado pelos alunos como a estratégia eficaz para a aprendizagem de Libras, mas ao mesmo tempo foi o mais votado também como menos eficaz. Isto porque apesar das vantagens já mencionadas em outros estudos, como a melhor visualização dos movimentos, há na internet uma quantidade imensa de vídeos e um mesmo sinal apresenta variações. Assim, os alunos não sabem quais informações são realmente corretas ou confiáveis. Por esse motivo queremos, em nosso estudo, focar em vídeos produzidos pelos próprios professores de Libras. Quando os alunos têm a sua disposição vídeos de autoria do curso em que estudam, não necessitam pesquisar por conteúdos de terceiros, que podem fugir dos interesses de ensino e aprendizagem específicos para aquele momento de formação.

A tese de Ribeiro (11) aborda o uso de recursos tecnológicos por docentes surdos da Educação Superior no ensino de Libras. Os recursos tecnológicos são: apresentação de slides, imagens digitais, vídeos do *YouTube*, aplicativos de tradução automática, dicionário digital, glossário digital, DVD, ambiente virtual de aprendizagem, entre outros. As entrevistas realizadas com seis docentes surdos revelam que o grau de satisfação destes com as tecnologias disponíveis varia de regular a excelente. São relatados pontos negativos e positivos além de dificuldades no uso de cada ferramenta. Finalmente são apresentadas

sugestões para estimular o uso destas tecnologias como auxílio aos docentes surdos no Ensino Superior.

Os docentes surdos afirmam que os aplicativos de tradução automática ainda necessitam de muitas melhorias. Faltam muitos sinais e quando isso ocorre, o aplicativo apresenta somente a datilologia da palavra. Além disso, frases são traduzidas sem seguir a sintaxe própria da Libras, produzindo assim um “português sinalizado”. Estas afirmações corroboram com a supremacia e eficiência dos vídeos sobre os aplicativos na tradução de Libras para português e, conseqüentemente, no ensino de Libras.

Esta seção de estudos nos ajudou a refletir sobre a importância dos vídeos como materiais didáticos para o ensino de Libras e como outras tecnologias associadas ao vídeo podem colaborar com a aprendizagem. Boa parte destes estudos afirma a necessidade de um conhecimento mínimo para a produção de vídeos autorais e apontam caminhos para sua realização de forma mais assertiva.

Os estudos da revisão de literatura reafirmam a relevância dos recursos audiovisuais no ensino-aprendizagem de Libras e indicam o que deve ser feito para a criação de materiais didáticos mais eficientes. Entretanto, pouco se discute sobre como estes recursos podem ser elaborados. Um estudo interdisciplinar abordando os conhecimentos do audiovisual e da educação especial, especificamente do ensino-aprendizagem de Libras, pode revelar caminhos para a produção destes materiais pelos próprios docentes.

Sendo assim, o presente estudo tem como hipótese que, de modo geral, professores de Libras do Ensino Superior não possuem conhecimentos e nem suporte suficientes para a produção de materiais com recursos audiovisuais para suas aulas, recursos estes de extrema relevância para aprendizes ouvintes. Identificar estes materiais e entender como são produzidos através de uma análise técnica que comprove as dificuldades dos docentes na elaboração destes materiais contribuirá para uma formulação de orientações e recomendações para a produção de novos materiais mais eficientes e assertivos para as disciplinas de Libras.

CAPÍTULO 3

PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 Objetivo

Esta pesquisa⁸ tem como objetivo analisar os recursos audiovisuais no ensino da Libras como L2, no ensino superior. Especificamente, pretendem-se identificar estes materiais, conhecer os processos utilizados na elaboração deles, verificar dificuldades e apresentar técnicas da área de conhecimento audiovisual, como procedimentos de produção, captação e edição de imagens, que possam tornar estes materiais mais eficientes.

Este estudo configura-se como uma pesquisa exploratória-descritiva, de abordagem qualitativa, a partir da proposta de levantar o que já é desenvolvido na área e o que pode ser aprimorado - acerca dos materiais didáticos com recursos audiovisuais utilizados nas disciplinas de Libras de Instituições Federais de Ensino Superior.

Segundo Gil (2019), a pesquisa exploratória objetiva elucidar conceitos através da formulação de hipóteses que podem ser investigadas em pesquisas ulteriores, sendo considerada assim, o primeiro passo de um estudo mais abrangente sobre determinado tema. Já as pesquisas descritivas têm o propósito de descrever as propriedades de um fenômeno ou o estabelecer relações entre variáveis.

A respeito da abordagem qualitativa, Gil (2019) esclarece que é a mais adequada às pesquisas sociais devido ao seu enfoque interpretativista, ou seja, ao seu modo mais subjetivo na busca do conhecimento, através da interação entre pessoas. A escolha deste tipo de pesquisa deu-se devido à percepção de que o tema abordado carece de investigações atualizadas. Assim, o diálogo com os sujeitos participantes por meio de entrevistas e o levantamento e análise do material enviado podem ser de grande valia para futuras investigações mais aprofundadas.

3.2 Instrumentos

Os instrumentos escolhidos para atingir os objetivos de pesquisa propostos foram três: formulário online, entrevista por videoconferência com o pesquisador e envio de um a três materiais didáticos com recursos audiovisuais utilizados ou produzidos pelo professor.

⁸A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética de Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar sob o número de protocolo CAEE: 18400719.8.0000.5504 e segue todos os cuidados éticos.

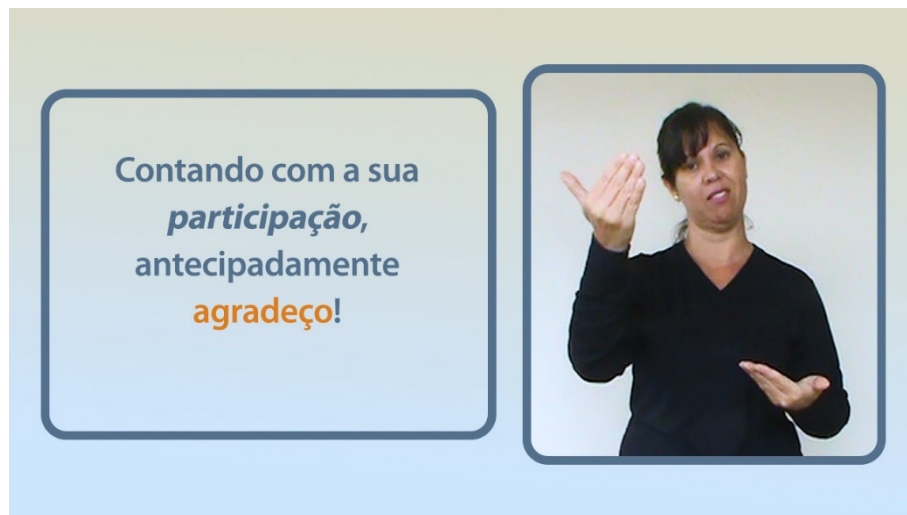
O formulário online (anexo B) teve o propósito de estabelecer contato com docentes de Libras, conhecer o material didático produzido e/ou utilizado por estes docentes, pois intentou-se compreender como os recursos audiovisuais foram por eles elaborados.

As entrevistas foram agendadas com alguns docentes que responderam o formulário e enviaram materiais. Estas entrevistas foram pautadas em roteiro semiestruturado, dando mais liberdade tanto ao entrevistado quanto ao pesquisador para refletir e comentar os questionamentos abordados.

Finalmente, o envio dos materiais permitiu uma análise técnica quanto à captação e edição de imagens que revelou algumas dificuldades destes docentes durante a produção. A partir desta análise, elaboramos um conjunto de recomendações que objetivam a criação de materiais com recursos audiovisuais mais eficazes e apropriados.

Para que o formulário chegasse a um grande número de possíveis participantes, foi produzido um texto, com posterior tradução em vídeo onde uma intérprete de Libras apresentou sucintamente a pesquisa e fez o convite de preenchimento do formulário aos interessados que se enquadrassem no perfil e nos critérios de inclusão.

Figura 1: Vídeo convite para participantes da pesquisa



Fonte: elaborado pelo autor - vídeo disponível em <https://youtu.be/PLjjqSbFfiM>

Este vídeo foi amplamente divulgado através de redes sociais - páginas do *Facebook* e grupos do *Whatsapp* e *Facebook* - cujo foco é a surdez, educação especial, estudo de Libras, e temáticas semelhantes, e alcançou aproximadamente mil visualizações em poucos dias, mas ainda assim não obteve um bom resultado para o preenchimento do formulário: apenas oito pessoas responderam e destas, somente duas atendiam completamente os requisitos exigidos

para participação. Assim, com o baixo número de participantes obtido, foi necessário realizar uma busca nos *sites* de cada Instituição Federal de Ensino Superior (IFES) para conseguir elaborar uma lista de professores de disciplinas de Libras.

No site Cadastro e-MEC - Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior⁹ - é possível realizar uma busca por cursos de graduação através de uma busca avançada com uso de palavras-chave. Assim foi possível constatar 33 cursos presenciais de IFES, sendo: seis cursos de Bacharelado, 26 Licenciaturas em Letras-Libras e uma Licenciatura em Pedagogia Bilíngue. A seguir, com uma busca pelos sites de cada instituição, seus departamentos e cursos, além de informações públicas disponibilizadas nos Sistemas Integrados de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAAs) elaboramos uma lista com 110 professores de disciplinas de Libras em nível intermediário ou avançado.

Um e-mail foi enviado para cada um destes professores, com o convite em texto e os links dos vídeos em Libras, do convite para participação¹⁰ e do TCLE¹¹.

Após duas semanas foram registradas 15 participações. Todos estes participantes receberam um novo e-mail, também com vídeo em Libras¹², agradecendo o preenchimento do formulário e requisitando o envio de um a três materiais didáticos com recursos audiovisuais, produzidos por eles ou não, para análise.

Até algumas semanas depois, cinco destes participantes enviaram materiais para análise. Dentre todos os participantes, três foram selecionados para as entrevistas realizadas antes do exame de qualificação. As entrevistas foram com docentes ouvintes, o que dispensou a necessidade de um intérprete. Inicialmente a ideia era entrevistar professores ouvintes e surdos, e fazê-lo com ouvintes primeiramente mostrou-se mais confortável ao pesquisador, uma vez que não necessitaria de intérpretes. Posteriormente, diante do volume de dados produzidos, tornou-se inviável ampliar o número de entrevistados – por esta razão os docentes entrevistados são todos ouvintes.

O formulário foi o primeiro contato com os possíveis participantes. Para verificar se o participante preenchia todos os requisitos, perguntamos em que instituição e em qual curso ele ministra aulas, além de quais disciplinas e respectivas cargas horárias. Assim, os professores

⁹<https://emec.mec.gov.br>

¹⁰<https://youtu.be/PLjjqSbFfiM>

¹¹<https://youtu.be/Eux--0kkLR8>

¹²<https://youtu.be/xu2pB7pgav4>

dos cursos indicados (Pedagogia Bilíngue e licenciatura ou bacharelado em Letras-Libras) que ministram apenas aulas básicas ou professores que ministram aulas de Libras básico para outras licenciaturas não foram selecionados para as etapas seguintes.

Além das perguntas básicas para a identificação de cada participante, sua formação, instituição onde trabalha e se é surdo ou ouvinte; procuramos identificar qual o conhecimento / facilidade com a prática de produzir materiais didáticos com recursos audiovisuais e a importância e necessidade percebida por eles no uso desses recursos. Também questionamos a familiaridade com equipamentos de captação e softwares de edição de vídeos e se eles dispõem de equipe dentro da instituição para auxiliá-los nestas tarefas. Para tanto, organizamos o formulário com perguntas de múltipla escolha, de caixa de seleção (quando é possível selecionar mais de uma alternativa) ou de resposta escrita (descritiva).

Como a coleta de dados se estendeu durante a pandemia da Covid-19 e conseqüentemente, durante a paralisação das aulas presenciais, foi necessário solicitar aos participantes que respondessem com base em suas atuações anteriores ao período de quarentena. A pesquisa foi realizada de acordo com os protocolos de saúde para evitar a contaminação por Covid-19: Todas as reuniões entre o pesquisador, orientadora e participantes da pesquisa foram remotas.

O formulário apresenta a próxima pergunta com base na resposta anterior, para não haver perguntas que não se aplicam. Por exemplo, se o participante afirma que não produz vídeos, não lhe é perguntado de que maneira ele produz vídeos. O formulário avança essas questões automaticamente e passa para o próximo assunto. Assim, o formulário apresenta cinco perguntas no mínimo e doze perguntas no máximo. O formulário completo está no anexo B.

3.3 Participantes da pesquisa

Os participantes deste estudo são professores de disciplinas Libras, nos níveis intermediário ou avançado, em cursos na modalidade presencial, em IFES, de três cursos de graduação que envolvem a formação em Libras prioritariamente: Pedagogia Bilíngue, Licenciatura em Letras Libras e formação de tradutores e intérpretes Libras-Português (TILS) – também nomeado como bacharelado em Letras Libras.

O critério de escolha destes participantes deve-se ao fato de que nos cursos de formação de professores ou TILS, os alunos ouvintes estudam Libras como L2 até os níveis

mais avançados, visando à proficiência, e pouco se sabe sobre os materiais com recursos audiovisuais produzidos por estes professores.

Os critérios de inclusão dos participantes foram: ser professor de disciplina de Libras em cursos presenciais de formação de professores de Libras e de tradutores e intérpretes Libras-Português (TILS); ser professor de uma IFES; aceitar participar da pesquisa; aceitar enviar os materiais utilizados em aulas aos pesquisadores.

Perfil dos participantes

O formulário foi respondido por vinte e um participantes. Deste total, seis participantes não se enquadravam nos critérios de inclusão estabelecidos – dois por não serem professores de IFES e quatro por não serem professores de Libras em nível intermediário ou avançado para cursos que visam a formação de professores, tradutores e intérpretes de Libras. Portanto, estes seis participantes foram descartados e a análise dos dados resultantes do formulário corresponde aos demais quinze participantes.

Quadro 2: Total de participantes

Número de participantes que respondeu ao formulário	Participantes que não atendiam aos critérios	Total de participantes
21	06	15

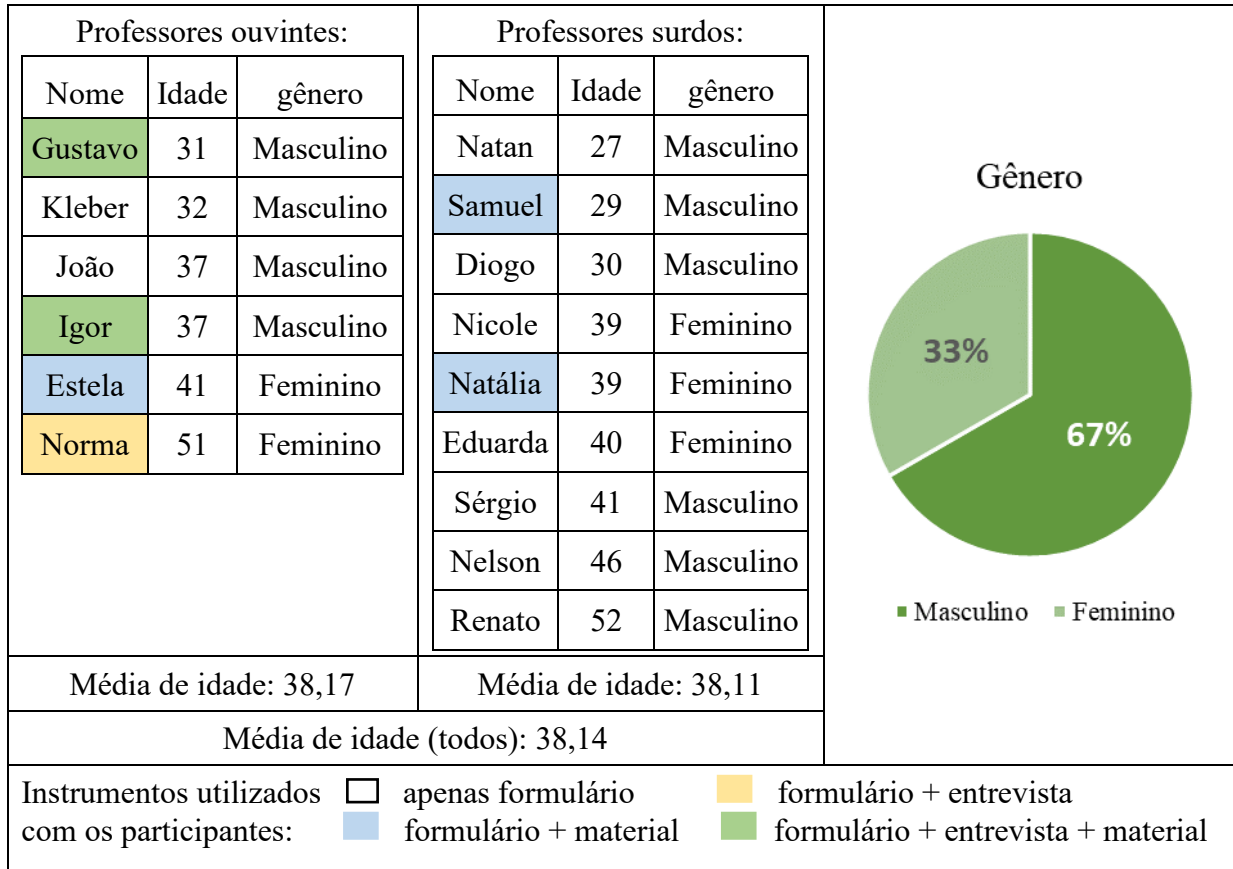
Fonte: Elaborado pelo autor

Destes quinze participantes, nove são surdos e seis são ouvintes. Isso reflete o Decreto 5.626, que prioriza a contratação de docentes surdos para o ensino de Libras. A idade dos participantes varia entre 27 e 52 anos e a média é de 38 anos. São professores de Libras há 11 anos em média, sendo que o mais experiente conta 25 anos ensinando Libras e dois professores afirmam que trabalham há 2 anos neste ofício. Lecionam na IFES atual há quase 6 anos em média. O professor com mais tempo de casa soma 15 anos e do lado oposto temos uma pessoa com um ano apenas.

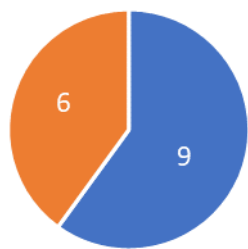
A titulação dos docentes varia entre especializações lato sensu, mestrado e doutorado. São três docentes com especialização, um deles com mestrado em andamento. Os demais doze possuem mestrado, sendo cinco que ainda não iniciaram o doutorado, outros cinco que já estão com o doutorado em andamento, e dois que já o finalizaram.

Figura 2: Infográfico sobre perfil dos participantes

Nome (fictício), idade (em novembro de 2020) e gênero:

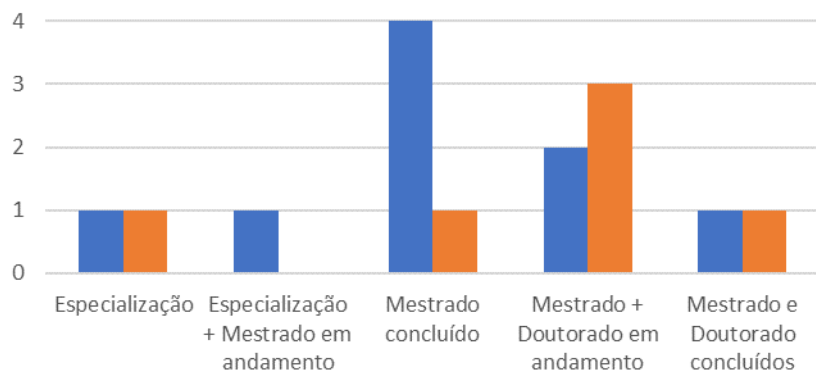


Surdos / Ouvintes



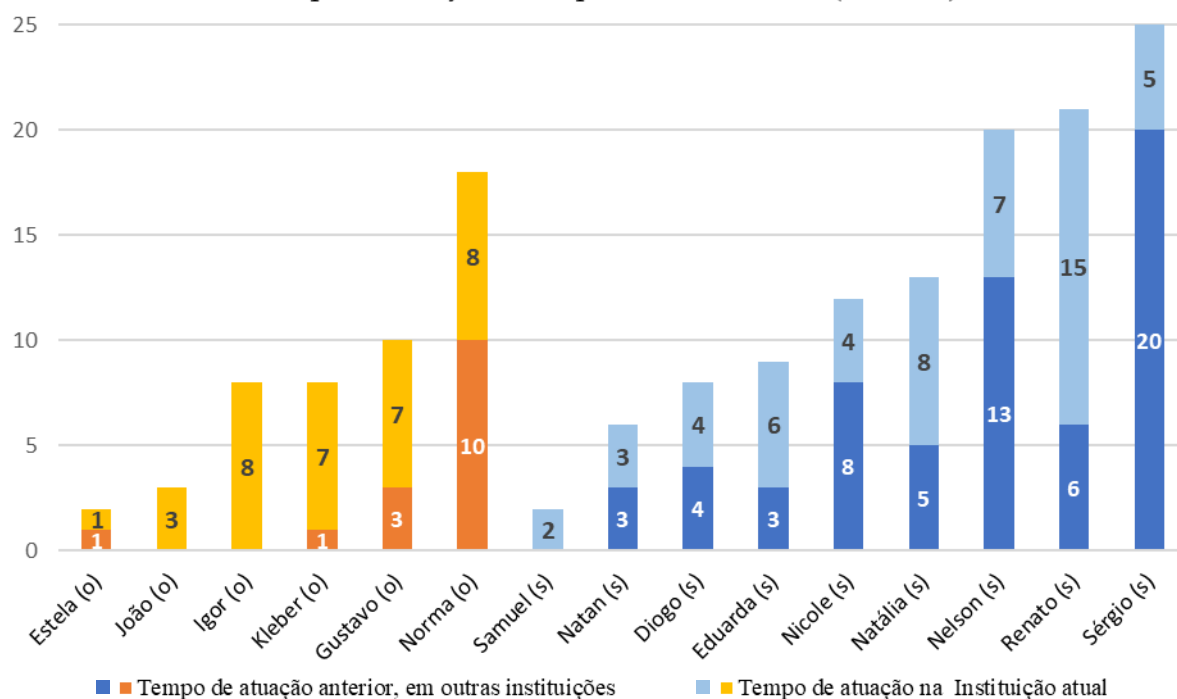
■ 9 professores surdos
■ 6 professores ouvintes

Títuloção



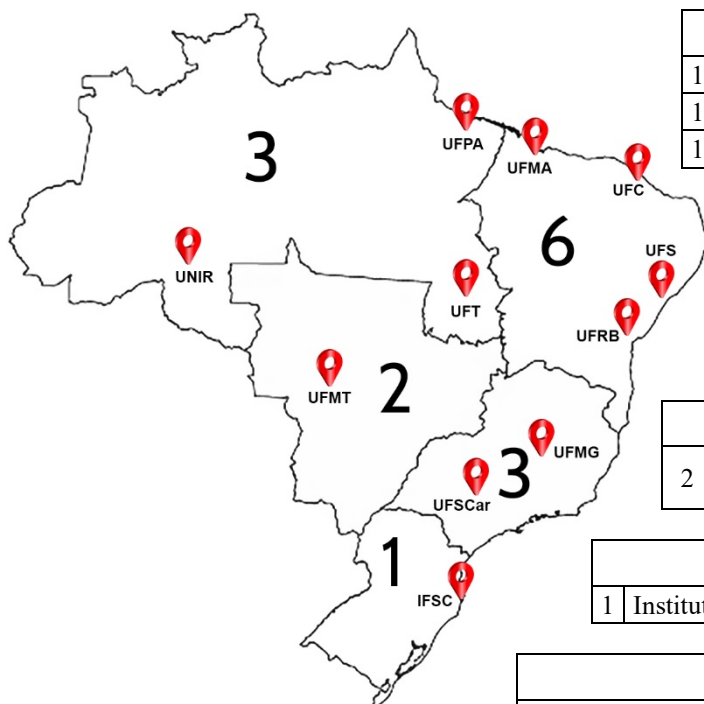
■ professores surdos ■ professores ouvintes

Tempo de atuação como professor de Libras (em anos)



Número de participantes por instituição e por região:

Nordeste: 6 participantes	
3	Universidade Federal do Ceará (UFC)
1	Universidade Federal de Sergipe (UFS)
1	Universidade Federal do Maranhão (UFMA)
1	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)



Norte: 3 participantes	
1	Universidade Federal de Rondônia (UNIR)
1	Universidade Federal do Pará (UFPA)
1	Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Sudeste: 3 participantes	
1	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
2	Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Centro-Oeste: 2 participantes	
2	Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

Sul: 1 participante	
1	Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC)

TOTAL:	
15 Participantes	10 Universidades e 1 Instituto

Fonte: elaborado pelo autor

Os quinze participantes são docentes em onze instituições diferentes: um Instituto e dez Universidades Federais. Os cursos presenciais são onze também: um bacharelado em tradução e interpretação, uma licenciatura em pedagogia bilíngue e nove licenciaturas Letras-Libras. As disciplinas de ensino de Libras de nível intermediário ou avançado geralmente utilizam o mesmo nome - "Libras" e um número que indica o nível, entre 3 e 7, mas há também alguns nomes diferentes como Libras C e Libras D, Libras Pedagógica, Tópicos Especiais em Libras e Vivência em Língua de Sinais. A carga horária semestral varia entre 60 horas, 68, 80, 85 e até 96 horas.

3.4 Apresentação dos dados

Os dados coletados por cada instrumento foram analisados de forma sequencial, seguindo a ordem da coleta: formulário, entrevista e material.

Os dados obtidos através do formulário são apresentados pergunta por pergunta, verificando, a depender do caso, a soma ou a média das respostas de cada participante e ainda, se for pertinente, a divisão destes resultados entre professores ouvintes e professores surdos. Para facilitar a visualização destes dados, disponibilizamos uma tabela no anexo D. O nome de cada participante foi substituído por um nome fictício, conforme os acordos estabelecidos no TCLE.

Dentre os participantes que responderam ao formulário, alguns foram selecionados para as entrevistas, conforme mencionado anteriormente. A entrevista foi norteadada por uma pauta semiestruturada de perguntas (anexo C). Foram realizadas entrevistas de trinta minutos cada uma com três professores: Gustavo (31 anos), Igor (37) e Norma (51). Apresentamos uma análise do conjunto destas entrevistas, destacando alguns pontos em comum e outros que revelam as diferenças no uso de materiais didáticos com recursos audiovisuais pelos professores de Libras.

Os materiais com recursos audiovisuais enviados por cinco participantes não estão integralmente disponíveis para visualização, atendendo também os critérios do TCLE. Disponibilizamos alguns trechos de cada material com o rosto dos docentes desfocado. Durante as análises, apresentaremos estes trechos de vídeos através de QR Codes vinculados ao *YouTube*.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE DE DADOS

Diante dos dados obtidos a partir dos diferentes instrumentos utilizados, apresentamos uma análise das principais respostas do formulário e das entrevistas, além de uma análise técnica dos vídeos, permeada com a introdução de alguns conceitos do audiovisual e da linguagem cinematográfica, caminhando para as orientações e recomendações de captação, edição e compartilhamento de vídeos a serem desenvolvidas no próximo capítulo.

4.1 Análise das respostas do formulário

Antes de iniciar as perguntas relativas ao tema da pesquisa, destaca-se o seguinte aviso: "Para as próximas perguntas (mínimo de 5 e máximo de 12), tome como base os últimos anos que você ministrou aulas presencialmente - antes do início da pandemia da Covid-19."¹³

As respostas de cada professor podem ser conferidas no anexo D. Para esta análise tomamos como base os consensos e contrastes das principais respostas obtidas: Os docentes consideram importante e utilizam materiais com recursos audiovisuais. Isso é unânime, claro. As diferenças aparecem nas próximas perguntas, referentes ao uso ou não de áudio ou legendas, por exemplo. Trataremos disso um pouco mais adiante.

Todos os docentes fazem uso de materiais com vídeos: do *YouTube*, do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Além disso, utilizam o livro "Libras em Contexto" (FELIPE, 2005), dicionários digitais e aplicativos. Lebedeff (2017) faz uma crítica sobre o uso de "cartilhas" e vídeos que pouco avançaram no sentido pedagógico necessário, pois ainda contam com apresentação de glossários e vocabulário em categorias semânticas, e que é necessário perceber as limitações desses materiais no apoio ao ensino da Libras. Nota-se que alguns dos materiais citados como utilizados por professores ainda são

¹³O formulário foi criado no final de 2019 e início de 2020, pouco antes da pandemia da Covid-19 e do período de quarentena iniciarem.

desse tipo, ou seja, passados mais de uma década dessas produções, elas parecem ser referência aos docentes, ainda que sua qualidade e uso sejam questionados por estudiosos desse campo (LEBEDEFF, 2017).

Treze dos quinze participantes (86,6%) já produziram materiais com recursos audiovisuais. As respostas indicam que os professores produzem materiais bem elaborados e com planejamento prévio, mas também sabem aproveitar as tecnologias disponíveis para gerar materiais rápidos, quando é importante detalhar ou revisar um conteúdo em um momento específico.

As respostas indicam um equilíbrio entre materiais com e sem áudio. Os professores surdos defendem o uso de materiais sem áudio para uma imersão na língua e não “mal acostumar” o aluno ouvinte. Porém Campos, em sua tese publicada em 2015 já mencionou a preferência dos discentes por vídeos com tradução em voz:

[...] o conjunto de vídeos foi muito bem avaliado, contudo, houve uma queda da avaliação como excelente em relação às opiniões relativas a todos os vídeos sem voz. Já os vídeos com voz foram mais bem recebidos pelos alunos, isto é, os alunos pareciam ter tido maior dificuldade em acompanhar o conteúdo dos vídeos sem tradução simultânea dos enunciados em Libras para o português. [...] Diante dos resultados apresentados, percebemos a importância de todos os vídeos terem tradução (voz) para que os alunos se interessem mais e possam adquirir de forma mais facilitada o significado de sinais e expressões. Posteriormente, esses mesmos vídeos podem ser reconfigurados, manualmente, em modo silencioso, para uma melhor observação dos enunciados sem voz e aprofundamento da compreensão e apreensão dos sentidos em Libras (CAMPOS, 2015, p. 126-127).

Contudo, devemos ter em mente que o estudo de Campos trata da disciplina de Libras em nível básico para alunos de outras licenciaturas em EaD. Neste caso é natural que os discentes, ainda em seus primeiros contatos com a língua, sintam a necessidade do apoio da tradução em áudio. Por outro lado, podemos refletir que alunos de nível intermediário ou avançado não necessitem mais de traduções em áudio ou legendas para os vídeos de narrativas em Libras, mas que estes recursos são necessários para os vídeos de vocabulário, já que estes apresentam sinais que o aluno provavelmente ainda não conhece.

Segundo as respostas coletadas, estes vídeos de vocabulário avançado apresentam em sua maioria a tradução em legendas e não em áudio, tanto em materiais de professores surdos quanto de ouvintes. Acreditamos que isto ocorra devido à facilidade de inserir legendas em um vídeo em relação a inserir áudio. Professores surdos necessitam contar com o auxílio de

outra pessoa que grave a tradução em voz, e os docentes ouvintes devem saber como gravar o áudio separadamente da imagem e depois juntar e sincronizar com a imagem na edição. Todavia deve-se refletir se a legenda se mostra como recurso mais adequado para alunos em processo de aprendizagem da Libras, visto que legenda e Libras ofertados ao mesmo tempo podem gerar uma “disputa” visual do aluno. Conforme aponta Campos (2015, p. 169) “No caso de alunos ouvintes, a tradução ideal é por meio da voz e não legendas escritas, evitando a poluição visual. Isso permite ao aluno concentrar-se e aprender melhor os movimentos das mãos e expressões faciais”.

A maior parte dos docentes não conta com suporte técnico e/ou de pessoal nas instituições, ou prefere trabalhar por conta própria na elaboração de materiais com recursos audiovisuais. Esta situação se agrava mais ainda em cursos presenciais, pois os cursos EaD preveem a necessidade de profissionais do audiovisual para o funcionamento de grande parte das disciplinas nesta modalidade, independentemente do curso. Ainda assim é notável que o número destes profissionais tem diminuído nos últimos anos. Segundo Campos, “a equipe audiovisual da SEaD-UFSCar conta com o apoio de 12 profissionais que atuam em diversas áreas: direção, edição, produção, animação, fotografia, som, ilustração e arte.” (CAMPOS, 2015, p. 38). Em 2021, segundo informações da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (ProGPe)¹⁴, apenas dois técnicos de laboratório audiovisual trabalham na Secretaria Geral de Educação a Distância (SEaD).

Analisando as informações destas últimas respostas – a dificuldade do professor em produzir o material audiovisual com os recursos que ele almeja (áudio e/ou legenda, fixos ou não) e a falta de suporte técnico especializado – podemos refletir que muitas vezes o material disponibilizado pelo professor é fruto não exatamente do que ele planejou, mas do que foi possível ser realizado dentro das limitações e conhecimento técnicos do professor naquele momento.

Quando tratamos sobre as diferenças entre audiovisual e fotos ou ilustrações, as vantagens mais citadas são: melhor percepção e compreensão do movimento, auxilia na fixação e autonomia do discente, motiva a participação e aumenta a satisfação do aluno, possibilidade de usar ou não legendas e áudio conforme nível de conhecimento dos alunos. A professora Natália respondeu que fotos e ilustrações deixam o aluno “preso no sinal”. Entendemos por isso que as imagens dos livros permitem apenas a visualização de alguns

¹⁴<https://www.progpe.ufscar.br/>

sinais – inclusive alguns sinais necessitam, além das setas, de mais de uma imagem para mostrar como este é realizado – enquanto o material audiovisual mostra detalhadamente a visualização de uma frase ou diálogo no mesmo espaço de tempo em que é realizado. Além disso, no vídeo vemos com clareza o uso de expressões faciais e de classificadores.

Outras considerações dos docentes extraídas das respostas ao formulário tratam da falta de materiais para abordar o ensino de Libras em diferentes contextos (L1, L2, LE), materiais sem organização ou sistematização didática, necessidade de criação de banco de recursos abertos e falta de conhecimento para produção dos materiais pelos professores.

4.2 Entrevistas

As entrevistas foram realizadas após a fase do formulário e antes da entrega e análise dos materiais enviados pelos professores. Elas foram de suma importância para validar diversas informações colhidas pelo formulário, mas sua análise não seguiu um rigor metodológico pertinente. Assim, os pesquisadores optaram por dedicar mais tempo e empenho na análise dos materiais audiovisuais enviados pelos participantes e no desenvolvimento do conteúdo do capítulo 5 – as orientações e recomendações para a produção de vídeos.

Foram realizadas três entrevistas, com os participantes Gustavo, Igor e Norma. Apontamos aqui algumas de nossas percepções, de onde se destacam quatro aspectos: reconhecimento da eficiência dos recursos audiovisuais em materiais didáticos para o ensino-aprendizagem de Libras, necessidade do uso de materiais com abordagem comunicativa, falta de regionalismos da Libras nos materiais e dificuldades técnicas e de recursos na produção de novos materiais.

Os entrevistados apontam os materiais com recursos audiovisuais como os mais indicados para o ensino-aprendizagem de Libras. Comparando-os com materiais que contenham apenas fotos ou ilustrações, Gustavo comenta: “Eu percebo que, em havendo as duas possibilidades, eles (os alunos) preferem o vídeo e descartam... não é que descartam o material, mas é que ali está mais presente a língua enquanto vivacidade, dinamicidade...”. Norma também afirma: “com o vídeo, o aluno vê a dimensionalidade da língua... porque quando tem um material impresso, ele fica sem saber de onde parte o sinal, onde termina o

sinal, se tem expressão facial, se não tem expressão facial. Então, o vídeo, ele já dá essa possibilidade da dinamicidade... de ver quando termina o sinal, as expressões faciais...”

Quanto ao uso de uma abordagem mais comunicativa ao invés de métodos pautados essencialmente na tradução e repetição de vocabulários, os três entrevistados concordam que esse é o melhor caminho para o ensino-aprendizagem de Libras e já vem ocorrendo em grande parte dos cursos no ensino superior. Gustavo diz que: “por ser mais uma abordagem mais comunicativa, que a gente viu nos materiais, a gente sempre ficava naquele “PPP”, né? *Presentation, Practice, Production*”. Ele se refere ao método conhecido pela sigla APP (Apresentação, prática e produção), que leva os alunos à uma aprendizagem mais comunicativa. Igor comenta que os métodos antigos persistem: “muitos materiais que eles se prendem nos vocabulários, grupos semânticos...” mas isso está mudando: “abordar esse ensino de uma forma mais comunicacional... as pesquisas já apontam que ele pode acontecer... trabalhar em uma perspectiva verbo-visual, também”. Norma comentou que quando um material de vocabulário está ligado e contextualizado com outro material com narrativas, isso qualifica o primeiro material. Em suas palavras: “essa listagem é boa, porque ele (o material, o autor) trabalhou dentro de um contexto, ele trabalhou separadamente em uma cena específica e depois ele trabalhou o glossário...”.

Outro aspecto citado pelos entrevistados que chamou a atenção foi a falta de pesquisas e de materiais sobre a Libras em diferentes regiões do Brasil. Igor e Norma esclarecem que a maior parte dos materiais disponíveis hoje vêm do Sul (UFSC) e Sudeste (INES), onde se iniciaram oficialmente os estudos sobre Surdez e Libras, e que seria importante haver esse conteúdo criado e protagonizado por autores de todas as regiões do Brasil. Isso contemplaria o ensino-aprendizagem dos diversos regionalismos da Libras e também contextualizaria esses estudos com as realidades de cada cidade ou estado do Brasil. Igor diz: “falta é trabalhar a partir de uma perspectiva intercultural e trazer a realidade para dentro desse ensino [...] trabalhar com narrativas amazônicas, trabalhar as lendas das nossas regiões... dentro desses materiais dentro desse ensino de Libras...”. Norma acrescenta: “é importante que os vídeos possam utilizar sinais que sejam reconhecidos pela comunidade surda nacional, porque isso facilita muito a compreensão”.

Os docentes entrevistados reconhecem as dificuldades para criação de novos materiais com recursos audiovisuais. Estas dificuldades são: falta de equipamentos e estrutura nas universidades, levando o docente a utilizar recursos próprios, falta de apoio técnico na

universidade e conhecimento técnico insuficiente para a criação destes materiais. Gustavo comenta: “acredito que a gente possa mensurar nesse sentido assim 75% recursos próprios e 25% da Universidade [...] a gente tem a pretensão, mas não temos o conhecimento tecnológico suficiente ainda ou até um recurso para que se mantenha um site dessa forma...” Igor afirma: “A maioria dos materiais eu produzi em casa”, e Norma comenta que algumas dessas dificuldades foram contornadas com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa de seu estado: “nós ganhamos os equipamentos, né? ...o computador, a câmera de gravação, os tripés, o material para fazer gravações.”

Podemos concluir que os três docentes têm opiniões próximas quanto aos diversos temas abordados nas entrevistas. Eles almejam para o futuro materiais mais contextualizados, interativos, sistematizados, regionalizados. E acreditam que este caminho já está traçado. Nós, pesquisadores, concordamos, porém podemos afirmar que esse caminho não é curto e apresenta obstáculos adiante. Muitos professores necessitam de uma formação continuada em produção audiovisual e tecnologias para produzirem materiais didáticos mais eficientes. Não se trata de se tornarem profissionais do setor audiovisual, claro. Mas esta pesquisa comprova que conhecimentos básicos em cada fase da produção são de extrema importância para a realização de materiais com qualidade. Nas palavras de Rezende:

Foi evidenciado que alguns dos recursos tecnológicos apresentados são ferramentas que podem ter outras aplicações, desconhecidas para muitos e, por isso, carece de uma formação específica tanto para professores quanto para estudantes para que possam melhor explorar e usufruir dos benefícios (REZENDE et al, 2019, p. 61).

A seguir, vamos analisar o material enviado por alguns dos participantes da pesquisa. É uma análise realizada a partir de conhecimentos técnicos de captação e edição de vídeos, mas também de conhecimentos teóricos da linguagem audiovisual.

4.3 O material audiovisual enviado






A partir da análise técnica dos recursos audiovisuais presentes nos materiais enviados pelos participantes foi possível identificar dificuldades na produção, revelando falta de estrutura, suporte e conhecimento dos professores. Destacam-se nas análises aspectos

positivos e negativos presentes, a partir da literatura específica das áreas da visualidade e da tecnologia. Essa análise torna-se relevante, pois

[...] para ensinar e aprender Libras, deve-se trabalhar com a articulação dos elementos verbais e visuais. É impossível aprender Libras com os elementos verbais ou com os elementos visuais apenas, o que acaba descontextualizando o conteúdo, impedindo a produção do estilo de determinado enunciado (CAMPOS, 2015, p.65).

Através do quadro a seguir é possível acessar trechos editados pelo pesquisador dos vídeos enviados por cada professor. Apresentamos a seguir uma descrição dos materiais enviados pelos professores e em seguida, a análise destes materiais.

Quadro 3: Trechos de vídeos enviados para a pesquisa

Professor, idade, Tempo de docência (total e IES atual)	Link do vídeo	QR Code de acesso
Estela, 41 anos Total: 2 anos IES Atual: 1 ano	https://youtu.be/D_KL4hUWrNM	
Samuel, 29 anos Total: 2 anos IES Atual: 2 anos	https://youtu.be/kArWHcR1fsM	
Gustavo, 31 anos Total: 10 anos IES Atual: 7 anos	https://youtu.be/6PMa86gFV8s	
Igor, 37 anos Total: 8 anos IES Atual: 8 anos	https://youtu.be/S5tGikelNjw	
Natália, 39 anos Total: 13 anos IES Atual: 8 anos	https://youtu.be/U9WhM-2ZsI	

Fonte: Elaborado pelo autor

Estela

Enviou dois vídeos. Os vídeos indicam na tela inicial que foram realizados quando a docente ainda era aluna. São trabalhos realizados para as disciplinas de estágio. Nos dois vídeos ela aparece como uma professora lecionando em frente à lousa. No vídeo 1 trata-se de uma aula de Libras como L1 para crianças e no vídeo 2, Libras básico como L2 para universitários.

A docente foi gravada enquadrada da cintura para cima, em chroma-key com imagem de lousa branca inserida atrás. Ela está posicionada mais para o lado esquerdo da tela e algumas imagens aparecem na lousa, do lado direito. Em um vídeo, ela interpreta uma aula de Libras sobre números ordinais e cardinais. Pergunta e dá a palavra aos seus alunos, como se eles realmente estivessem sentados à sua frente. Durante sua explicação, ela somente sinaliza em Libras e não fala em português. No vídeo não há legendas nem áudio. Em alguns momentos, ela utiliza cartilhas com os números ou com palavras em datilografia. Ao final do vídeo de mais de 20 minutos, ela propõe uma atividade e logo depois corrige essa atividade como se estivesse conversando com os alunos.

O outro vídeo segue no mesmo caminho, com ela simulando uma aula presencial. O tema agora é "Natureza". Ela apresenta os sinais relacionados a este contexto, como chuva, nuvem, vento, árvores, flores, floresta, entre outros. Mais para o final ela utiliza cartilhas e sugere atividades em grupo como "brincadeiras".

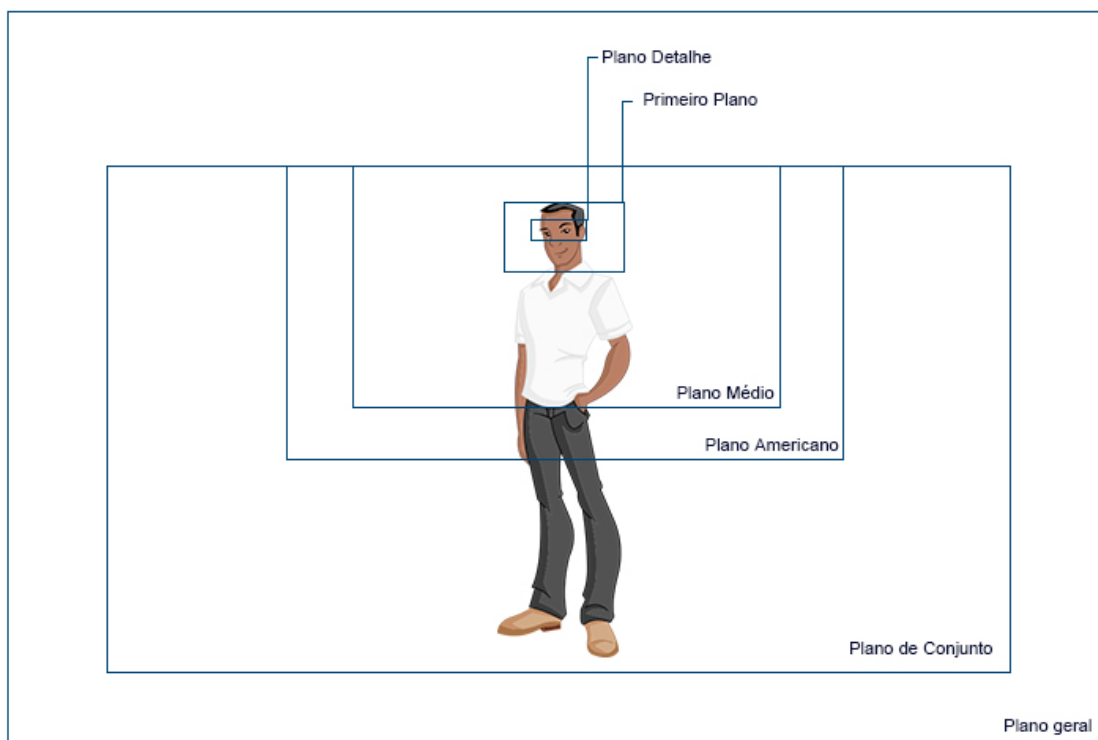
Os vídeos são longos e não há nenhuma mudança de enquadramento. Isso pode tornar o vídeo cansativo e fazer com que o aluno/espectador perca a concentração. Lebedeff (2017) aponta para este quesito:

Os vídeos utilizados na UCL apresentam a sinalização em apenas um plano, o que pode ficar monótono, caso o vídeo não seja curto. Por outro lado, os da Remark mudam constantemente de plano, o que dá agilidade ao vídeo, mas pode ser um fator de distração para aprendizes iniciantes, caso sejam trocas excessivas.

Alternar o plano médio da professora com planos detalhe das imagens da lousa e das cartilhas, quando são apresentadas, seria ideal para que estas imagens estivessem mais visíveis na tela e inclusive para dar mais ritmo ao vídeo. Esta nomenclatura dos planos é amplamente utilizada no cinema e em produções audiovisuais, é universal e refere-se ao

quanto de um ambiente, personagens ou objetos estão enquadrados na tela. A imagem abaixo ilustra estes planos.

Figura 3: Planos cinematográficos



Fonte: https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario/oficinas/etapa-1-o-que-define-o-enquadramento/

Samuel

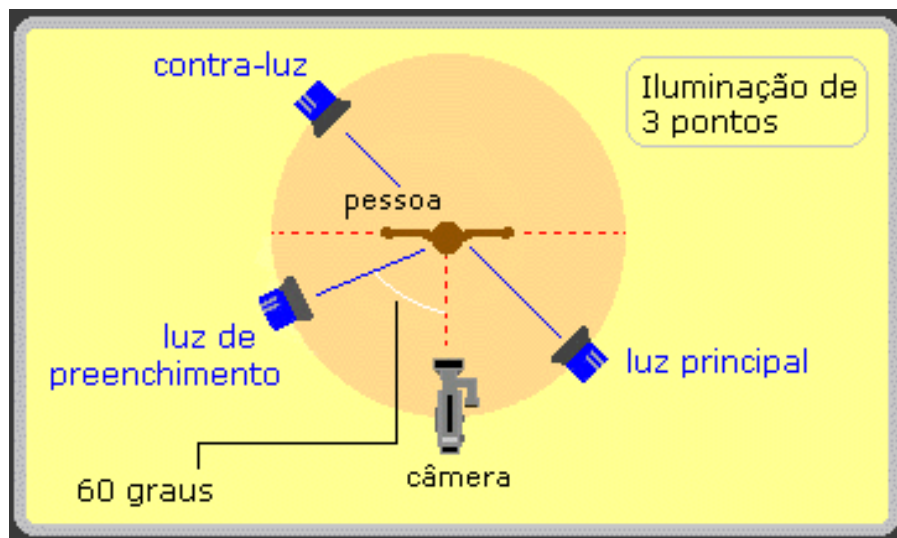
Enviou um arquivo de texto e quatro vídeos. O docente apresentou uma atividade em PDF com quatro exercícios sobre classificadores¹⁵. Para responder a cada exercício há um vídeo que deve ser visto. Cada exercício tem quatro itens que devem ser identificados ou descritos. Cada vídeo apresenta os quatro itens do exercício correspondente. Os vídeos variam entre 12 segundos e 62 segundos de duração. A atividade é para turmas de Libras 4. O enquadramento em plano médio (da cintura para cima) não se altera durante todo o vídeo. O

¹⁵ Os classificadores na Libras são configurações de mãos que, relacionadas a objetos, pessoas e animais funcionam como marcadores de concordância verbal. Os classificadores “funcionam como parte dos verbos em uma sentença, estes sendo chamados verbos de movimento ou de localização, indicando o objeto que se move ou é localizado” (BRITO, 1995, p. 103).

professor foi gravado em fundo verde, mas na edição não foi realizado o processo de chroma-key. No vídeo não há legendas nem áudio.

A iluminação foi produzida corretamente. O professor apresenta sombras bem suaves no rosto, o que é positivo porque causa maior profundidade. Não há sombras das mãos e braços no tronco. Essas sombras atrapalhariam a visualização da sinalização. Usar roupas pretas ou bem escuras ajuda a reduzir essas sombras. Mas caso o professor opte por usar roupas de tons mais claros, é possível adequar a iluminação para amenizar estas sombras. A imagem abaixo apresenta um esquema básico de iluminação, utilizado em ambientes fechados como estúdios, composta de três fontes de luz: A luz principal, a de preenchimento e a contraluz. A luz principal não é colocada muito próxima à câmera, para que o professor possa olhar para frente sem ser ofuscado pela luz. A luz de preenchimento ameniza as sombras geradas pela luz principal e a contraluz, posicionada atrás e acima da cabeça, “destaca” a pessoa do fundo, seja este um cenário ou fundo para chroma-key.

Figura 4: Esquema de iluminação para estúdio



Fonte: <http://www.fazendovideo.com.br/infotec/preenchimento-luz.html>

Os recursos tecnológicos atuais permitem que os textos e os vídeos como os de esta atividade sejam agrupados em um único arquivo ou até mesmo em um formulário online, como por exemplo o *Google Forms*¹⁶, que poderia ser acessado e preenchido em um

¹⁶ Aplicativo geralmente utilizado para gerenciar pesquisas, mas que também pode ser usado para registrar respostas de questionários.

navegador de internet, mas acreditamos que mesmo desta forma mais simples de elaboração, o aproveitamento do material pelos alunos não foi prejudicado.

Gustavo

Enviou 3 vídeos sequenciais. Ele aparece em fundo neutro (verde ou azul), centralizado, enquadrado da cintura para cima, olhando para a câmera e sinalizando devagar e com precisão. Há legendas em português. Ele explica como utilizar o material e apresenta o que vem a seguir, seja uma narrativa (denominada nestes vídeos de "contexto") ou uma atividade. Ao final de cada trecho, volta novamente para ele fazendo perguntas sobre o que acabou de ser exibido, explicando o conteúdo, ensinando o vocabulário e apresentando um novo conteúdo. Os vídeos que ele apresenta iniciam-se com uma tela com o título. Nas narrativas, o professor conversa em Libras com outra pessoa. Os dois sinalizam bem devagar. Os vídeos são exibidos uma vez sem legenda e, após breve explicação do professor, o mesmo vídeo é apresentado com legenda. Nos vídeos de conteúdos gramaticais ou de vocabulário, somente o professor aparece sinalizando e sempre há legendas. Nenhum dos vídeos contém áudio.

O vídeo 1 de doze minutos apresenta o alfabeto, saudações, nome, expressões não manuais em frases interrogativas e afirmativas, números, pronomes pessoais e pronomes possessivos. O vídeo 2 (quase dez minutos) apresenta vários verbos (do contexto aula, escola) e revisa o conteúdo da aula 1. O vídeo 3 reforça os verbos da aula 2, reforça a datilologia e apresenta os advérbios: agora, nunca, sempre, depois, antigamente, entre outros.

Quando o professor aparece no fundo azul, a iluminação está um pouco acima do ideal. Percebemos isso ao ver áreas brancas no rosto, mãos e braços do professor. Já quando o professor aparece no fundo verde, o mesmo problema ocorre de forma mais acentuada. Chamamos imagens assim de “superexpostas” (porque a exposição à luz está muito alta) e as imagens escuras são denominadas de “subexpostas”. Este problema pode ser solucionado ajustando a iluminação e as configurações da câmera durante a captação. Explicaremos isso detalhadamente mais adiante.

Porém outro problema chama a atenção nesta imagem do fundo verde: A qualidade da imagem parece pior: a definição do rosto e da camiseta parecem meio desfocadas, como um borrão sem nuances de cor, sem degradês. Isso se deve à taxa de bits do vídeo, que é o quanto

de informação digital contém determinado tempo do arquivo do vídeo. Quanto mais bits – quanto mais zeros e uns – dentro de um segundo do vídeo, maior a qualidade, a definição, a fidelidade das cores e maior o tamanho do arquivo. No site do *YouTube* há indicações das taxas de bits ideais para cada resolução (tamanho da tela em pixels)

Quadro 4: Taxa de bits para cada resolução

Resolução de vídeo	Taxa de bits de vídeo
2160p (4K)	35 a 45 Mbps
1080p (Full HD)	8 Mbps
720p (HD)	5 Mbps
480p (SD)	2,5 Mbps

Fonte: <https://support.google.com/youtube/answer/1722171?hl=pt-BR>

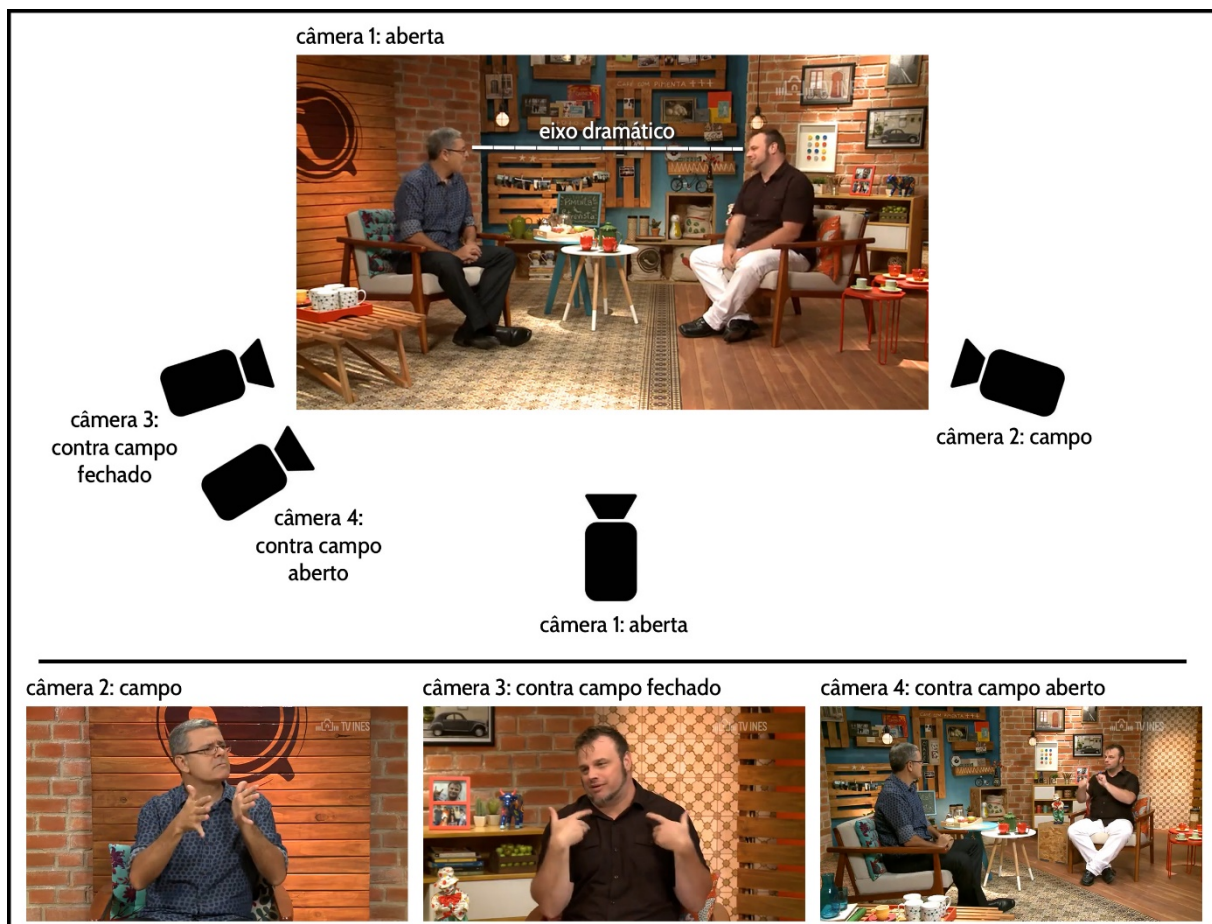
No quadro acima, a unidade Mbps quer dizer “*mega bit* por segundo” e um *mega bit* equivale a mil quilo *bits* que equivalem a um milhão de *bits*. Assim seria recomendado que o vídeo do Gustavo, que é Full HD, tivesse 8 megabits a cada segundo, mas a taxa de bits dele é de apenas 822 Kbps (822 mil *bits* por segundo), praticamente dez vezes menor. Este problema pode ter ocorrido, provavelmente, ao ajustar essa taxa no momento final do processo de edição, a “renderização”, que é quando transformamos em um único arquivo toda a edição que foi realizada no software.

As narrativas são um ponto positivo do material apresentado. Uma dificuldade que é comum nas gravações em vídeo de diálogos entre duas pessoas em Libras é que elas não sinalizam uma de frente para a outra como se estivessem conversando, pois se fosse assim, não sinalizariam de frente para a câmera e o vídeo não seria tão didático ou eficiente. Para contornar este impasse, apresentamos mais alguns conceitos da linguagem cinematográfica: O eixo dramático e o plano/contra plano.

Quando em um filme, assistimos a um diálogo entre dois personagens, a câmera não fica o tempo todo enquadrando-os em um só plano. Geralmente ocorrem vários cortes: primeiro aparecem os dois em um plano mais aberto, depois um close do personagem 1 falando, a seguir um close do personagem 2 respondendo, e assim por diante. Essa sequência de planos mostrando o diálogo entre os personagens é chamada de campo e contracampo.

Existe uma “regra” (ou um truque) para que a sequência em campo e contracampo funcione e o espectador tenha a impressão de que os dois personagens realmente estão conversando: Nunca quebre o eixo! Estamos falando do eixo dramático – uma linha imaginária traçada entre os personagens que estão conversando. Quando um plano aberto mostra os dois atores em cena, situamos o espectador naquele espaço. Nesse momento também se define o eixo dramático. Para os campos e contracampos seguintes, a câmera deve estar sempre posicionada apenas de um lado do eixo dramático. Se a câmera captar a imagem do outro lado – quebrando o eixo – teríamos a impressão de que os dois personagens estão olhando para o mesmo lado ou trocaram de lugar (DEBRITO, 2019). Para tornar isso mais claro, acompanhe a figura a seguir:

Figura 5: Eixo dramático, campo e contracampo



Fonte: Programa Café com Pimenta - TV INES – Entrevistado Jason Nichols
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L0YiviOMvyw>

Repare nas imagens como Nelson Pimenta sempre olha para a direita e Jason Nichols sempre olha para a esquerda. Eles realmente parecem estar conversando um com o outro. Se a

câmera 3 fosse posicionada depois do eixo – no fundo do cenário, atrás do Nelson, por exemplo – teríamos a impressão de que os dois estão olhando para o mesmo lado, no caso, para a direita. Enfim, esta técnica permite que o espectador visualize as pessoas sinalizando de frente, em plano médio, de forma natural, adequando assim um diálogo em Libras às diretrizes apresentadas por Quixaba e em conformidade com os preceitos da invisibilidade do design explicitados na tese de Krusser. (QUIXABA, 2017; KRUSSER, 2017)

Voltando para as narrativas do Gustavo, estes conceitos da linguagem cinematográfica poderiam ser implementados em materiais didáticos assim, o que poderia trazer benefícios como: Os professores e/ou intérpretes sinalizariam em Libras um de frente para o outro, sem a necessidade de virar o corpo de frente para a câmera, dando mais naturalidade à cena. A câmera gravaria cada um deles separadamente, podendo ser posicionada mais próxima e mais de frente, facilitando a visualização da Libras. A sequência de cortes entre campo e contracampo dá mais ritmo para o vídeo, tornando-o mais interessante e menos cansativo, além de ser útil durante as gravações, já que se alguém errar um sinal, não é necessário gravar desde o início novamente. Todavia, gravar uma narrativa desta forma acarreta, além destes conhecimentos para a captação de imagens, a expertise no momento da edição do vídeo.

Sabemos que este *know-how* não faz parte do currículo das licenciaturas Letras-Libras, bacharelados de tradução e interpretação ou pedagogia bilíngue, mas acreditamos que é um tema a ser levantado e discutido, pois, como temos visto até aqui, são inúmeros os benefícios para estes futuros profissionais. Saber como registrar a visualidade da Libras, transformando-a em um produto que pode ser compartilhado e visto por diferentes pessoas em diferentes lugares, com certeza agregaria valiosos saberes à formação destes discentes/futuros profissionais.

Igor

Enviou um vídeo demonstrativo que mostra a tela de seu computador enquanto ele navega pelo material didático. O docente trabalha com "mapas conceituais" através da elaboração de slides interativos produzidos com o software Microsoft Power Point. Na tela inicial há imagens e textos que se ramificam com setas. Cada um destes elementos pode ser clicado para acessar um vídeo, imagem ou texto. Os vídeos são trechos de vídeos da TV INES. O professor conta que dependendo do nível da turma que estiver assistindo, ele opta por retirar o som ou não. Segundo o docente, este material foi produzido para uso em sala de

aula (navegação feita pelo professor durante a aula) e não para apoio ao estudo fora da sala de aula.

É difícil avaliar os materiais do *YouTube* devido à gigantesca quantidade de materiais. Sabemos que a qualidade varia de um extremo ao outro e por isso a escolha de quais conteúdos assistir deve ser orientada pelos docentes. Geralmente, eles conhecem e sabem indicar canais do *YouTube* de outros professores de Libras que partilham da mesma didática. Há também os canais dos “*youtubers* surdos” – vídeos em Libras sobre diversos assuntos realizados por pessoas surdas que não necessariamente ensinam de forma acadêmica, mas se empenham em difundir a língua e a cultura surda¹⁷.

Os vídeos produzidos pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) através da TV INES eram excelentes. A programação, transmitida por satélite e redes sociais, era muito variada, com jornalismo diário, documentários, entretenimento e, claro, aulas de Libras. Tudo com áudio, legendas e Libras, mas não com uma janela de Libras. A Libras era protagonista - sempre em destaque, com apresentadores sinalizando em tela cheia. Porém, em março de 2021, o Governo Federal através do Ministério da Educação (MEC), suspendeu os repasses para o INES e assim, a única emissora de TV aberta totalmente voltada para os surdos saiu do ar¹⁸. Pouco tempo depois, todos os vídeos produzidos foram retirados do canal oficial da TV INES no *YouTube*¹⁹ permanecendo apenas no *Facebook*²⁰ e *Instagram*²¹. Uma nota de esclarecimento foi publicada no canal do INES no *YouTube* em 9 de março de 2021²².

Podemos classificar o conteúdo da TV INES como excelente, pois os vídeos, produzidos por profissionais das áreas do audiovisual e da Libras, não apresentam problemas técnicos e nem problemas relativos ao conteúdo ou tradução. Assim, não encontramos cenas mal iluminadas, enquadramentos inadequados ou desnecessários, enfim, não estão presentes aqui as dificuldades técnicas na produção, captação e edição que os professores de Libras tanto enfrentam ao elaborar seus vídeos. E, por outro lado, a forma como a Libras é mostrada em cada programa demonstra o alto grau de conhecimento sobre esta língua, inexistente em outras emissoras de televisão.

¹⁷Exemplos: <https://youtu.be/EVLTneITWA> , <https://youtu.be/BokSGrtTYhQ> , https://youtu.be/IORTK5hg_I

¹⁸<https://www.uol.com.br/splash/noticias/ooops/2021/03/14/exclusivo-governo-cancela-contrato-e-tira-do-ar-unica-tv-para-surdos.htm>

¹⁹<https://www.youtube.com/c/TVINESoficial>

²⁰<https://www.facebook.com/tvines.oficial>

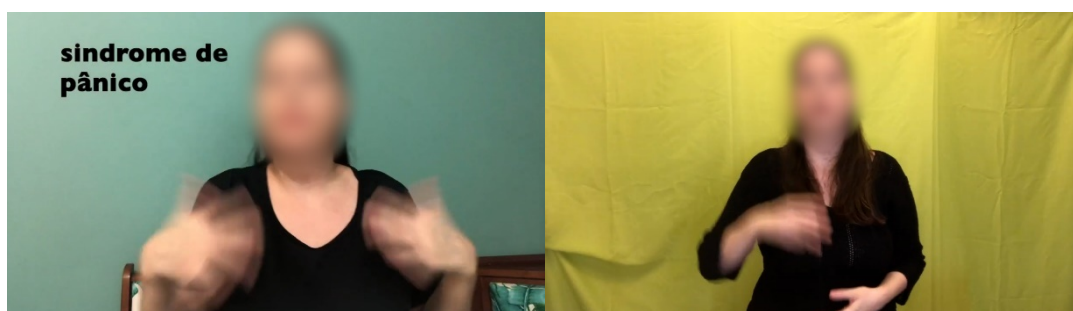
²¹<https://www.instagram.com/tvines.oficial>

²²<https://www.youtube.com/watch?v=dEsKLDaKan4>

Natália

Apresentou dois vídeos de vocabulário/sinalário de áreas específicas: um sobre sintomas de doenças e outro sobre área jurídica e órgãos governamentais. Os vídeos apresentam legendas e não contém áudio. Em um dos vídeos ela está sentada em um ambiente interno, bem próxima da câmera, enquadrada da altura do peito para cima. Sinaliza com as mãos na altura do pescoço e por vezes a sinalização sai do enquadramento nas laterais. A qualidade da imagem é mediana, a iluminação não foi suficiente e causou rastros no movimento. Veja as imagens abaixo:

Figura 6: Iluminação e rastros no movimento.



Fonte: Elaborado pelo autor. https://youtu.be/U9WhM-_2ZsI

Como a professora está mais próxima da câmera – um enquadramento entre plano médio e primeiro plano – ela optou, corretamente, por inserir as legendas no canto superior esquerdo do vídeo. Caso as legendas estivessem no lugar padrão, centralizadas no canto inferior da tela, a visualização da sinalização seria prejudicada com os textos sobrepostos às mãos da professora. Outras soluções possíveis são a captação de imagens em plano médio para assegurar o espaço suficiente para as legendas ou separar cada sinal apresentado com telas produzidas na edição, onde apareceria apenas a palavra centralizada em um fundo neutro, durante um tempo necessário para a leitura (2 a 3 segundos para uma palavra) e somente depois a docente produzindo o sinal. Esta última opção é útil para dividir o vídeo em capítulos no *YouTube*, indexando assim todo o conteúdo do vídeo²³, o que traz mais autonomia para os estudos do aluno. Segundo Quixaba: “Na montagem, inserir intervalos que permitam o estudante pausar os vídeos. [...] O controle do tempo de reprodução permite ao estudante definir o ritmo que ele consegue assistir ao vídeo. (QUIXABA, 2017, p. 92)

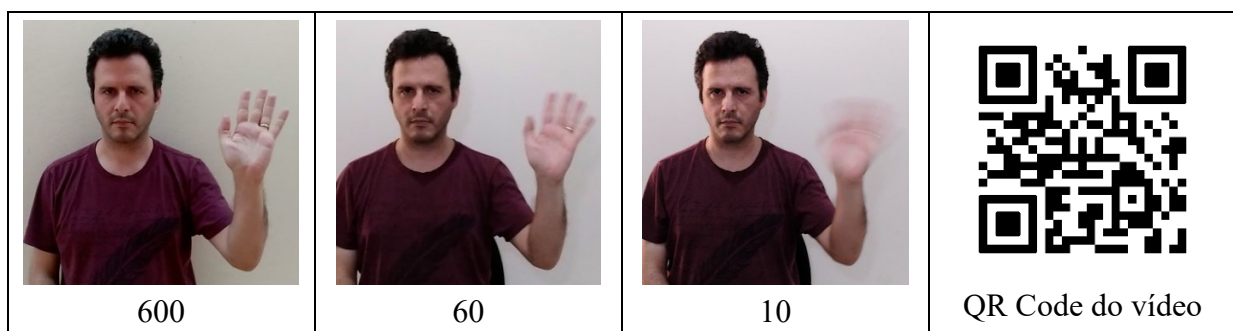
²³No capítulo 5 apresentamos um passo a passo de como criar capítulos no *YouTube*

Novamente verificamos problemas com a iluminação durante a captação de imagens. As câmeras, de vídeo ou fotográficas, digitais ou analógicas, possuem três parâmetros para regular a entrada de luz: o tempo de exposição, o valor do “ISO” e a abertura da lente. Estas configurações são as mesmas das câmeras antigas, que utilizavam filmes, como os filmes fotográficos e os de 8, 16 e 36 milímetros. Algumas câmeras digitais, como as de celulares, não apresentam a configuração de abertura, pois suas lentes são muito pequenas. No entanto, as outras duas configurações mantiveram a nomenclatura, mas os processos são digitais. O ISO indicava a sensibilidade do filme à luz e hoje é um valor que pode ser regulado nas câmeras digitais. E o tempo de exposição – que antes era um procedimento físico, pois era o tempo entre a abertura e o fechamento de uma “cortina” determinando o tempo em que o filme era exposto à luz que entrava pela lente, criando a imagem na película – hoje também é simulado por um processo totalmente digital em aparelhos como os *smartphones*, já que o filme foi substituído por um sensor eletrônico que é ativado e desativado no intervalo de tempo desejado.

Diferente da fotografia, o vídeo tem mais um item que deve ser regulado em conjunto com os citados anteriormente: o FPS, que são os frames (ou quadros, imagens) por segundo do vídeo a ser gravado. Normalmente gravamos a 30 quadros por segundo, mas celulares mais modernos podem gravar a 60 quadros por segundo ou mais. O valor do tempo de exposição para o vídeo é o valor da fração de um segundo em que o frame será exposto à luz. Assim, se o tempo de exposição é 60, quer dizer que o frame receberá a luz da lente por 1/60 segundo.

Desta forma o tempo de exposição regula a iluminação (quanto maior o tempo, maior a exposição à luz e mais clara a imagem final) mas também modifica a visualização do que estiver em movimento na tela. Se este tempo for muito longo, a câmera captura o rastro do movimento do que estiver se movimentado. Veja no quadro a seguir um exemplo de uma gravação com tempos de exposição diferentes. Utilize o QR Code para ver em vídeo.

Quadro 5: Vídeos com diferentes valores de tempo de exposição



Fonte: Elaborado pelo autor

Podemos perceber no exemplo que o vídeo com muito rastro no movimento prejudica a visualização, mas a versão sem nenhum rastro também não é natural aos nossos olhos. Ou seja, nós enxergamos os movimentos rápidos com um pequeno rastro no movimento. Para gravar vídeos com este rastro natural, há uma regra simples: o valor do tempo de exposição deve ser o dobro do valor do FPS. Assim, se um vídeo é gravado a trinta quadros por segundo, o valor do tempo de exposição deve ser ajustado para 60 (que equivale a 1/60 segundo).

É importante ressaltar que não existe “certo” ou “errado” sobre as imagens que produzimos, mas sim o uso coerente das técnicas e equipamentos para criar a imagem que necessitamos para cada situação. Por exemplo, no caso de filmes de ação, o rastro da imagem pode representar movimentos com muita velocidade e, nesse caso, esse rastro foi feito propositalmente. Assim, concluímos que é necessário conhecer a teoria e a técnica ao gravar vídeos, já que uma característica da imagem pode parecer (ou ser entendida como) um “efeito” ou um “defeito”.

Figura 7: Teoria e técnica sobre tempo de exposição para criar efeitos em filmes de ação



Fonte: <https://screenrant.com/the-matrix-special-effects-do-dont-hold-up-age-well-keanu-reeves/>

Lebedeff aponta que não há problemas em trabalhar com glossários. Pelo contrário. Eles têm a sua importância no currículo de cada disciplina de Libras, até mesmo nos níveis mais avançados. Outra dica valiosa é a de não camuflar um glossário em diálogos de uma narrativa pois isso deixa o vídeo extenso e cansativo: “[...] os glossários devem ser um suporte para as habilidades linguísticas, mas, disponibilizados como glossários. É inútil querer

disfarçar um glossário com duas ou três frases de diálogo... é extremamente entediante” (LEBEDEFF, 2017, p. 139)

A professora também apresentou um vídeo para avaliação dos alunos. Neste vídeo temos uma pessoa convidada. Ela é surda e sinaliza por pouco mais de 5 minutos. Depois volta para a professora apresentando as questões. São nove questões, todas em forma de perguntas sinalizadas, para respostas descritivas, sem alternativas. Neste vídeo não há legendas nem áudio.

Aqui percebemos um bom trabalho de edição, adicionando vídeos diferentes e utilizando telas para separar cada pergunta. Estes intervalos ajudam o aluno a “navegar” pelo vídeo e encontrar algum trecho, se ele quiser voltar ou avançar para um ponto diferente.

Análise conjunta e outras considerações

Todos os professores gravaram seus vídeos em fundo verde ou azul, cores recomendadas para realizar o efeito de chroma-key durante a edição. Este efeito permite que o fundo seja substituído por uma imagem ou vídeo. No entanto, apenas uma docente concretizou este procedimento na edição, trocando o fundo por uma lousa para simular uma sala de aula. Nas entrevistas com estes professores, alguns afirmaram que tinham a intenção de trocar o fundo, mas não foi possível por falta de equipamentos, conhecimento técnico ou mesmo tempo para essa realização. Outros afirmaram que gravam nestes fundos sem a intenção de realizar o efeito de chroma-key, pois eles não têm a intenção de alterar o fundo e, ao mesmo tempo, o fundo verde ou azul contrasta bem com a pessoa sinalizante e já está instalado no lugar da gravação, seja num estúdio improvisado em casa ou num estúdio da universidade.

Entendemos as dificuldades dos professores e da equipe técnica (quando existe), e por isso recomendamos não gravar nos fundos utilizados para chroma-key caso este efeito não seja realizado durante a edição. Remover o fundo é necessário quando serão inseridos imagens ou vídeos atrás do professor (ou pessoa que está sinalizando). Não é necessário gravar em fundo verde e depois fazer o procedimento de chroma-key para inserir um fundo branco atrás. Neste caso é melhor gravar diretamente em um fundo branco. Isso porque, finalizar um vídeo em chroma-key, além de ser um processo demorado e complexo, pode danificar a imagem do professor. Um chroma-key mal executado, seja por causa da

iluminação durante a captação ou pelos ajustes durante a edição, pode “apagar” os dedos das mãos, por exemplo. Benetti pesquisa o conhecimento tecnológico dos professores em sua dissertação e conclui: “[...] o maior desafio para estes participantes está em torno da fluência de produção de material didático, Recursos Educacionais Abertos e adaptação e reutilização destas categorias.” (BENETTI, 2017, p.79)

Apesar de solicitar materiais para o ensino avançado, uma parte dos materiais enviados apresenta conteúdos de níveis básicos. Acreditamos que isso se deve a que os professores, em sua maioria, ainda produziram poucos materiais com recursos audiovisuais para o ensino avançado de Libras. Dada a falta de suporte e experiência técnica, os docentes iniciam suas produções audiovisuais com conteúdos de nível básico. Segundo Sousa et al, “Existe, portanto, uma lacuna no Brasil em termos de referencial curricular e material didático para o ensino de Libras como segunda língua em todos os níveis de competência de um utilizador - do elementar ao proficiente.” (SOUSA et al, 2021)

No próximo capítulo, sintetizamos alguns passos da captação, edição e compartilhamento de vídeos baseados nas dificuldades encontradas na análise dos materiais.

CAPÍTULO 5

ORIENTAÇÕES E RECOMENDAÇÕES PARA PRODUÇÃO DE VÍDEOS

Como produto da análise dos materiais enviados, elaboramos uma lista de orientações e recomendações para a produção de novos materiais com recursos audiovisuais almejando maior qualidade técnica e maior eficiência no ensino-aprendizagem dos conteúdos a serem apresentados. Estas orientações estão divididas em três grupos: captação de imagens, edição e compartilhamento.

5.1 Antes de gravar

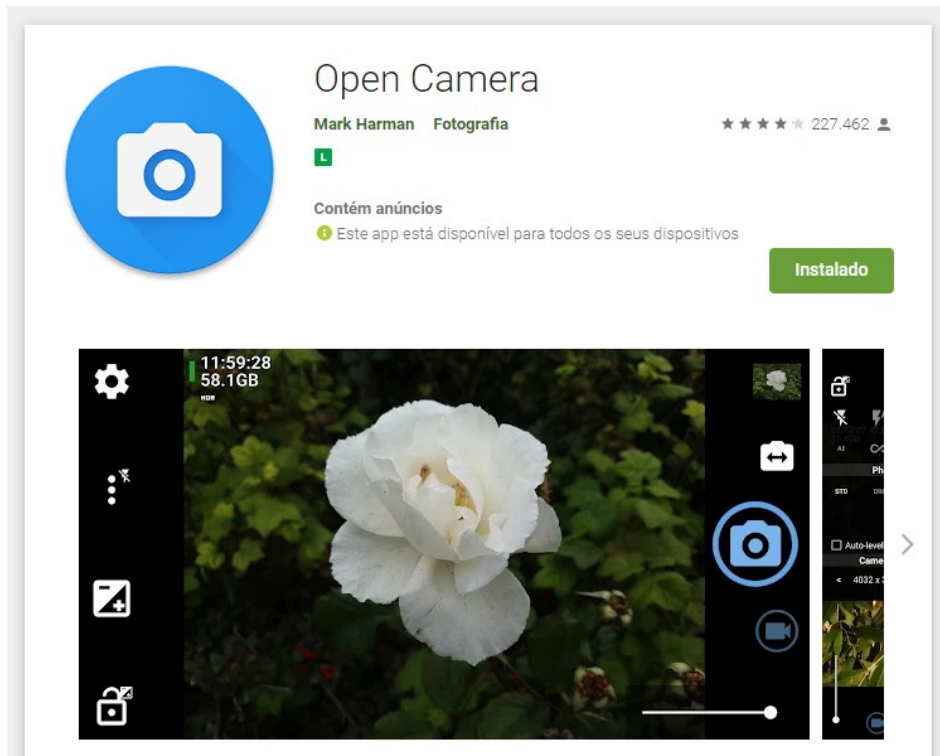
É importante planejar o momento da gravação. Fazer um roteiro e estudar as frases e as traduções para a Libras são práticas que economizam tempo. Ao gravar uma sequência de campo e contracampo, é fundamental definir previamente a posição de cada pessoa na cena e assim verificar onde pode ser posicionada a câmera para criar enquadramentos respeitando o eixo dramático e priorizando uma boa visualização da sinalização em Libras.

A gravação será realizada em ambiente externo ou em estúdio? Caso seja em estúdio, o objetivo é inserir uma janela de Libras em um vídeo? Durante a edição será realizado o *chroma-key*? As respostas a estas perguntas são necessárias para determinar a iluminação necessária que deve ser utilizada.

5.2 Captação de imagens

Vamos apresentar algumas configurações básicas de uma câmera de vídeo e exemplificá-las através de um aplicativo de câmera para smartphone que é gratuito e de código aberto. O nome deste aplicativo é “*Open Camera*” e pode ser baixado para smartphones com sistema *Android* através da loja de aplicativos *Google Play*. Os smartphones recomendados para a captação de imagens com este aplicativo são os chamados “intermediários”. Geralmente, eles possuem processadores de quatro ou oito núcleos e armazenamento de pelo menos 64 Gigabytes.

Figura 8: Aplicativo *Open Camera* no site *Google Play*



Fonte: <https://play.google.com/store/apps/details?id=net.sourceforge.opencamera>

Após instalar o aplicativo, acesse o menu de configurações e altere cada item de acordo com o quadro abaixo, acessando o “menu de configurações” (ícone de engrenagem):

Quadro 6: Ajuste das configurações para gravar vídeo

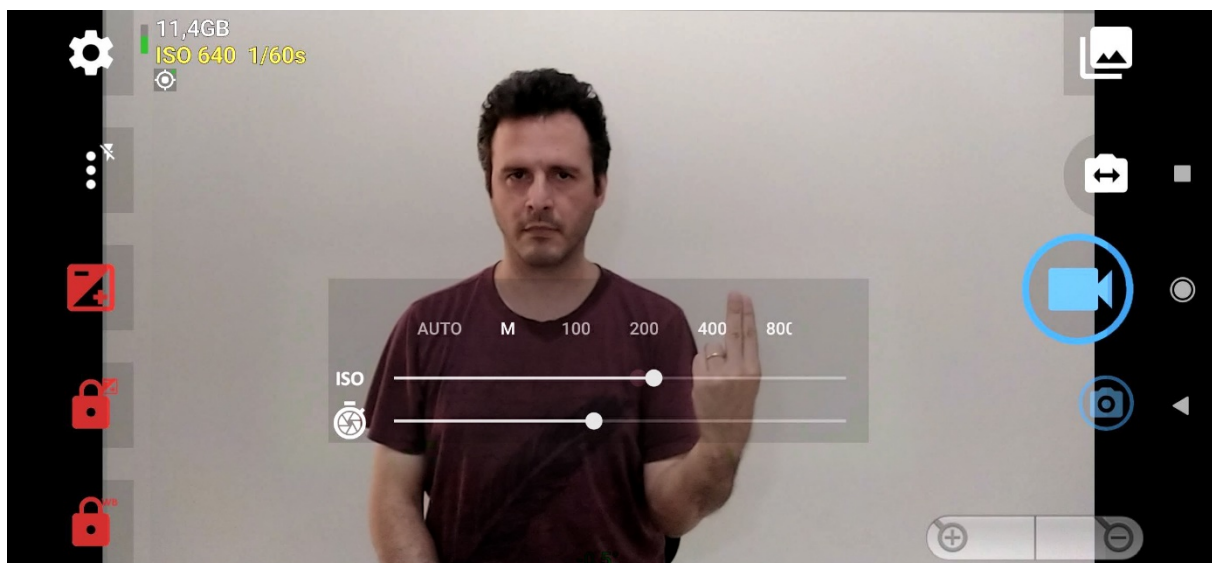
Menu “Configurações de vídeo”:	
Resolução de vídeo	FullHD 1920 x 1080
Video format	MPEG4 H264
Menu “Camera preview”	
Mostrar zoom	Ativado
Exibir ângulo	Ativado
Mostrar ISO	Ativado
Menu “GUI na tela”	
Show flash icon	Ativado
Show auto White balance lock icon	Ativado

Show auto exposure lock icon	Ativado
Manter tela ligada	Ativado
Forçar brilho máximo	Ativado

Fonte: Elaborado pelo autor

Com estas configurações a câmera está pronta para ser ajustada à iluminação da cena a ser gravada. Esta é a tela do aplicativo com os controles que deve ser exibida:

Figura 9: Tela do aplicativo Open Camera para gravação de vídeo



Fonte: Elaborado pelo autor

Ao centro da tela temos os controles de ISO e de tempo de exposição. Como a câmera já está regulada para gravar a 30 quadros por segundo (FPS=30), ajuste o tempo de exposição para 60 (1/60s) e somente depois ajuste o valor do ISO até a imagem ficar clara. Se o valor do ISO ficar muito alto (acima de 800) a imagem pode ficar granulada. Nesse caso, é necessário aumentar a intensidade da iluminação.

Antes de começar a gravar, é importante “travar” o foco e o balanço de branco²⁴. Eles estão configurados para regulagem automática, assim basta clicar em cima da imagem do

²⁴ Balanço de branco é o nome dado ao ajuste feito nas câmeras para regular a “temperatura de cor”, que por sua vez, indica a tonalidade de cores da cena a ser gravada, dependendo do ambiente ou da iluminação que

objeto ou pessoa a ser gravada que o foco e a tonalidade de cor da imagem são regulados automaticamente. Mas é necessário deixá-los bloqueados para que não oscilem durante a gravação. Para isso, proceda como indicado nas imagens:

Figura 10: Bloquear ajuste automático de foco e balanço de branco



Fonte: Elaborado pelo autor

Desta forma, estão concluídas as configurações básicas para gravar vídeos. O manual oficial do aplicativo (conteúdo em inglês) pode ser acessado através do site <https://opencamera.sourceforge.io/help.html>. Também é possível encontrar tutoriais em vídeo

está sendo usada. O valor é em graus Kelvin e varia de 1000 a 15000. Valores mais baixos tornam a imagem mais azulada (cores frias) e os mais altos deixam a imagem mais avermelhada (cores quentes). Assim, esse valor deve ser ajustado contrabalanceando a luz do ambiente a ser gravado: Se a luz do ambiente está avermelhada é preciso diminuir o valor, e vice-versa.

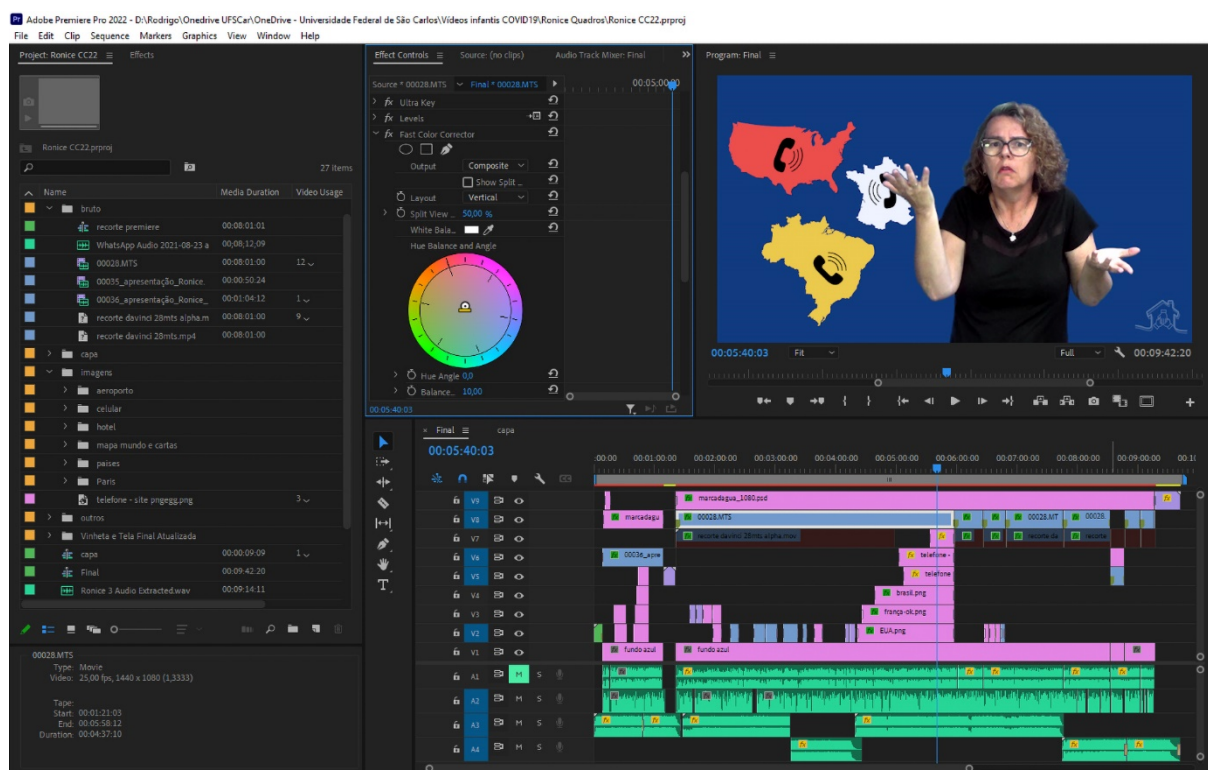
(inclusive em português) sobre este aplicativo no *YouTube*. Ao iniciar as gravações, é importante anotar cada tomada que foi bem-sucedida (quando não houve erros na sinalização). Cada arquivo fica salvo com um nome que contém um número diferente – geralmente esse número é a data e hora que se iniciou a gravação desse arquivo.

A transferência de arquivos do celular para o computador, deve ser realizada por um cabo USB conectando os dois equipamentos. Aplicativos como *Whatsapp* ou *Google Photos* não são indicados para essa transferência pois os arquivos são recodificados com taxas de bits menores e assim perdem qualidade em relação ao original. Outra opção é utilizar armazenamentos virtuais como o *Google Drive* ou *One Drive*. Dessa forma mantem-se a qualidade, mas o tempo do procedimento pode ser muito maior.

5.3 Edição

É possível realizar a edição em um computador pessoal (PC) e escolher entre diversos editores de vídeo. A grande maioria (para não dizer todos) funcionam baseados numa mesma organização e lógica. Sua interface é dividida basicamente em quatro janelas: 1. A janela de arquivos, similar ao explorador de arquivos do sistema operacional do PC, onde os arquivos de vídeo, áudio e/ou imagem são importados e organizados em pastas. 2. A “timeline” que é a linha do tempo, onde esses arquivos são inseridos, cortados e posicionados de maneira a construir o vídeo desejado. 3. O “monitor”, a tela onde o resultado parcial/final da edição é visualizado. 4. A janela de “propriedades e/ou controle de efeitos” onde se modificam as propriedades dos arquivos inseridos na timeline (como posição, escala, opacidade) e os ajustes dos efeitos adicionados a estes arquivos. Existem outras janelas que variam nomes e funções de acordo com cada software. Veja na imagem a seguir estas janelas na interface do software de edição Adobe Premiere.

Figura 11: Interface de um software de edição de vídeo

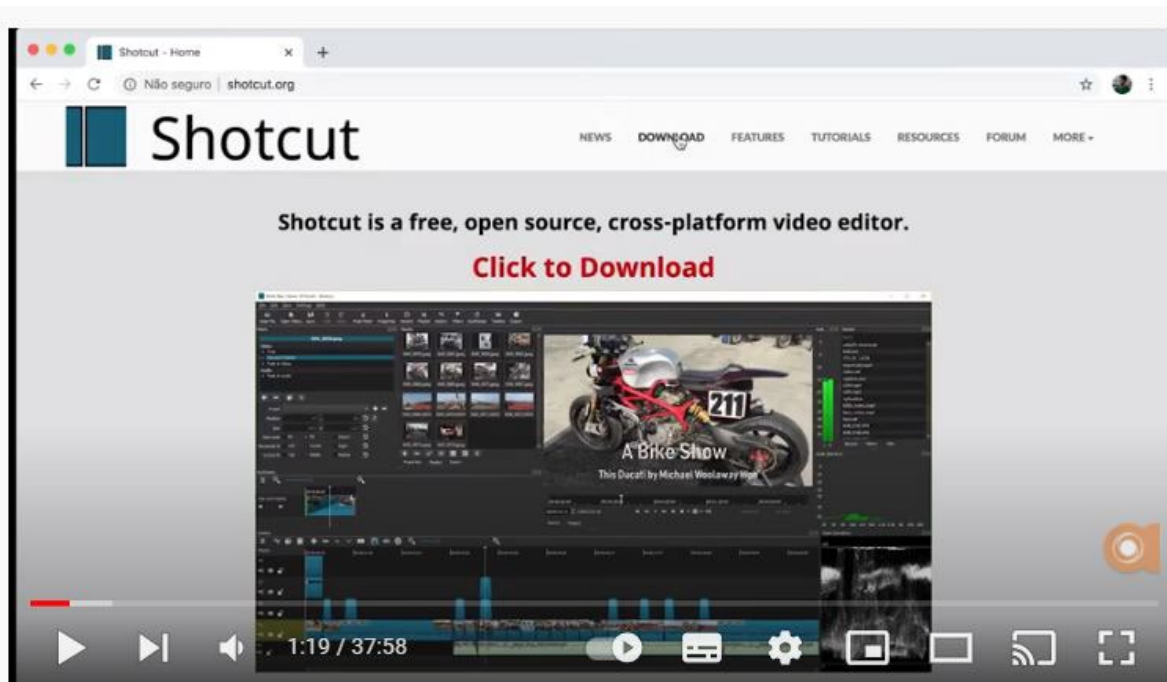


Fonte: Elaborado pelo autor. Vídeo finalizado: <https://youtu.be/6oDvolUxQm8>

Recomendamos o software gratuito e de código aberto *Shotcut* (<https://shotcut.org/>), que pode ser instalado nos sistemas operacionais *Windows*, *Linux* e *macOS*. O objetivo deste capítulo não é ensinar o passo-a-passo de como editar um vídeo, mas apresentar algumas orientações e recomendações baseadas nos principais problemas e dificuldades encontrados nos vídeos enviados pelos professores participantes desta pesquisa.

Para mais informações sobre edição de vídeo com o software *Shotcut*, compartilhamos este tutorial em vídeo produzido pela Secretaria Geral de Educação a Distância da UFSCar (SEaD): <https://youtu.be/SNR4q6TT4Ts>. Este vídeo foi publicado em agosto de 2020, quando já estava claro para toda a comunidade acadêmica que a pandemia do Covid-19 se estenderia por muito tempo. A SEaD então publicou este vídeo com o intuito de auxiliar professores que desejavam trabalhar também com videoaulas, além dos encontros síncronos com plataformas como Google Meet.

Figura 12: Tutorial básico de *Shotcut* produzido pela SEaD – UFSCar



Fonte: <https://youtu.be/SNR4q6TT4Ts>

Os vídeos finalizados não devem ser longos. Vídeos de dois a cinco minutos são ideais para reterem a atenção do aluno e são menos cansativos (LEBEDEFF, 2017). Caso o assunto requeira mais tempo, deve ser considerada a opção de criar uma sequência de vários vídeos, que podem ser agrupados por uma lista de reprodução no *YouTube*, por exemplo.

Durante a edição, a inserção de telas com os títulos de cada assunto ou itens de um mesmo assunto é essencial para separá-los temporalmente, e organizar o conteúdo do vídeo, facilitando a navegação e busca por determinada informação (KRUSSER, 2017). A partir de estas telas é possível criar capítulos no *Youtube* (veremos isso mais adiante).

Textos e elementos gráficos podem ser adicionados com o software de edição, porém, no caso de inserir legendas, há duas opções: (1) Inserir as legendas como elementos gráficos do vídeo, e (2) criar a legenda em um arquivo separado do arquivo do vídeo. A diferença entre estas duas opções é que na primeira, a legenda estará “embutida” na imagem do vídeo. Já na segunda opção, a legenda pode ser ativada e desativada durante a execução do vídeo. Isso pode ser estratégico para o professor, à medida que ele solicita aos alunos visualizarem o vídeo com ou sem as legendas.

Efeitos visuais e elementos gráficos podem trazer benefícios como aumentar e desenvolver a visualidade da obra, mas se usados em exagero e sem um propósito definido, acarretam prejuízos como tornar o vídeo cansativo e, conseqüentemente, ineficaz. A edição - e todas as suas técnicas e efeitos - não deve concorrer com o conteúdo a ser mostrado, no caso, a Libras. É esse o conceito da invisibilidade do design descrito na tese de Krusser, transposto para o audiovisual. A edição aqui deve favorecer a aprendizagem da Libras sem desviar a concentração dos estudantes.

Para a gravação da voz, caso o narrador não possua um microfone profissional ou semiprofissional, recomenda-se gravar com os microfones de fones de ouvido que acompanham o aparelho celular. Assim, a qualidade do som é melhor do que se gravado narrando diretamente no próprio celular, sem microfone externo. Para sincronizar a voz com o vídeo, recomendamos realizar primeiramente a edição das imagens e, com o vídeo finalizado, o narrador deve gravar a voz assistindo o vídeo. Claro que para isso é necessário que ele saiba Libras. Se o narrador não for fluente em Libras, ele pode ler um texto da tradução, mas esta opção dificulta a posterior sincronização da voz com o vídeo, durante a edição. Nos dois casos é ideal que uma revisão seja feita por uma pessoa ouvinte e fluente em Libras.

Ao finalizar a edição, é necessário ajustar os parâmetros para exportação do arquivo de acordo com as propriedades do vídeo editado e em consonância com as do vídeo a ser criado. Por exemplo, se os vídeos foram gravados em *Full HD* (1920x1080) a trinta quadros por segundo, o ideal é editar e exportar o vídeo nessa mesma resolução e taxa de quadros (*FPS*), respeitando a taxa de bits (*bitrate*) como indicado no Quadro 4. Mesmo que a finalidade deste vídeo seja, por exemplo, a transmissão em uma *live* ou web conferência com resolução e *bitrate* bem menores, é conveniente guardar uma versão com as propriedades originais, na eventualidade de utilizá-lo em situações que demandem maior qualidade.

5.4 Compartilhamento

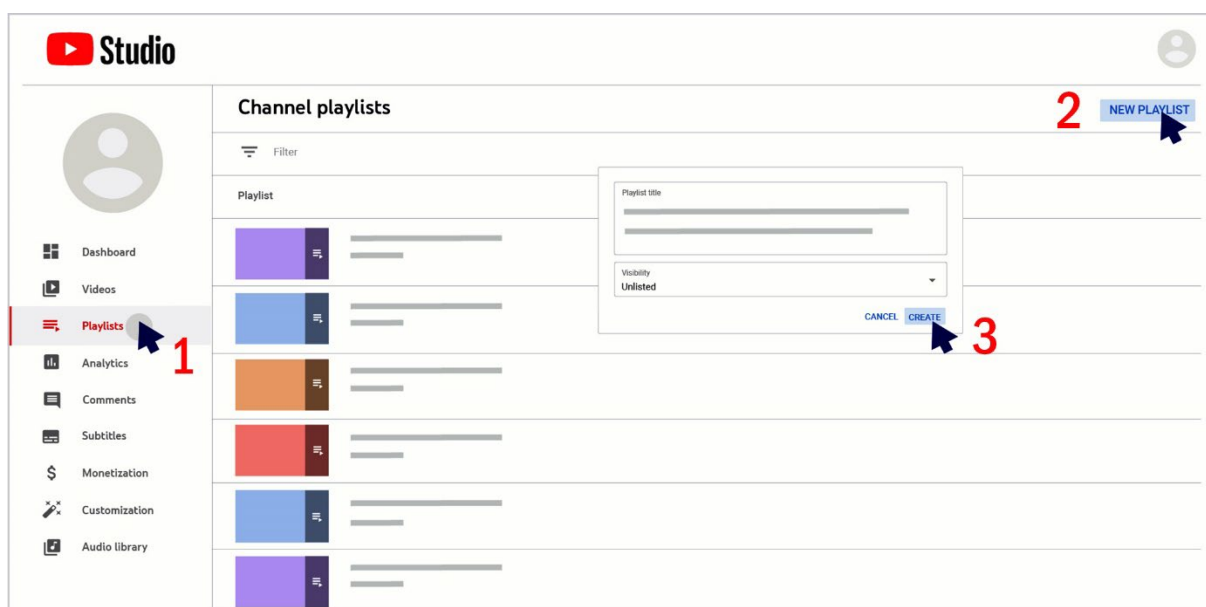
Compartilhar vídeos no *YouTube* tem se tornado algo cada vez mais simples e frequente no dia a dia. Ao criar uma conta no *Google*, criando uma conta de e-mail do *Gmail*, por exemplo, o professor pode utilizar diversos serviços do *Google*, dentre eles, o *YouTube*. Cada conta do *YouTube* pode possuir até dois canais independentes, além de administrar canais de outras contas através do aceite de um convite.

Dentro de cada canal, não há limites para o número de vídeos ou tempo total dos vídeos disponibilizados. Ou seja, diferente de outros serviços como *Google Fotos* ou *Google Drive*, os vídeos do YouTube não ocupam o espaço de armazenamento disponível na conta do *Google* (15 *Gigabytes* para a conta gratuita). O painel de gerenciamento de vídeos do canal chama-se “*YouTube Studio*”.

No *YouTube Studio* é possível visualizar, editar as informações e/ou excluir cada um dos vídeos inseridos no canal (não apenas os públicos, mas também os “não listados” e os privados²⁵, além de criar listas de reprodução, inserir legendas, inserir links para outros vídeos, dentre muitas outras opções. Vamos mostrar aqui, simplificada, como criar uma lista de reprodução (*playlist*) e a legenda de um vídeo.

A *playlist* pode conter vídeos do próprio canal do professor e/ou vídeos de outros canais. Para criar uma *playlist* devemos acessar o menu lateral esquerdo do *YouTube Studio* e clicar em *Playlist*. Se o canal já possuir *playlists*, elas irão aparecer ao centro da tela. No canto superior direito da página selecionamos o botão “Nova *playlist*”. Uma janela flutuante se abre onde podemos inserir o nome da *playlist* e sua visibilidade, que funciona da mesma forma que a visibilidade dos vídeos.

Figura 13: Siga os passos de 1 a 3 para criar uma *playlist* no *YouTube*



fonte: adaptado de <https://support.google.com/youtube/answer/10232933#zippy=%2Ccriar-uma-playlist>

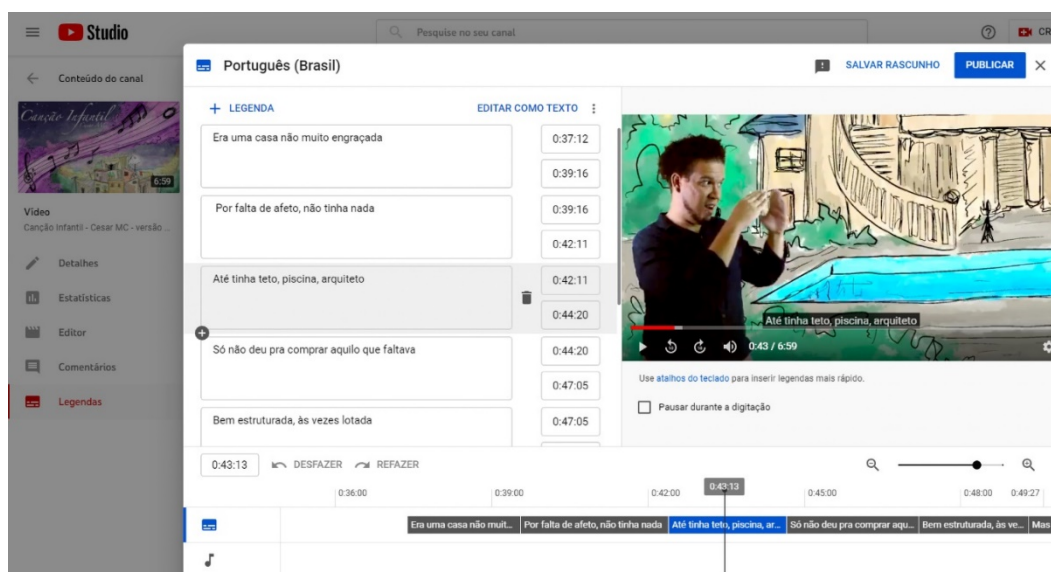
²⁵ Mais informações sobre visibilidade dos vídeos no *YouTube* na página 21

Os vídeos do próprio canal podem ser adicionados à *playlist* através do *YouTube Studio*, na aba “Conteúdo”. Basta selecionar um ou mais vídeos e no botão “Adicionar à *playlist*”, e escolher em quais *playlists* esses vídeos serão adicionados. Vídeos de outros canais podem ser adicionados na tela de exibição do vídeo, clicando em “+ salvar”, do lado direito, abaixo do título do vídeo.

Outra ferramenta importante do *YouTube Studio* está na aba “Legendas”. Com ela podemos importar legendas previamente criadas com *softwares* como *Elan* e *Subtitle Workshop* para os vídeos do canal, ou ainda criar as legendas no próprio *YouTubeStudio*.

Ao realizar o upload de um vídeo para canal do YouTube, se este vídeo contém áudio, automaticamente é criada uma legenda a partir do idioma detectado. É possível editar essa legenda e corrigir os erros, que são muito comuns nestes procedimentos de transcrição automática. Caso o vídeo não contenha áudio (um vídeo em Libras sem tradução para voz, por exemplo) é possível adicionar uma legenda e editá-la desde o início, manualmente.

Figura 14: Editor de legendas do *YouTube Studio*

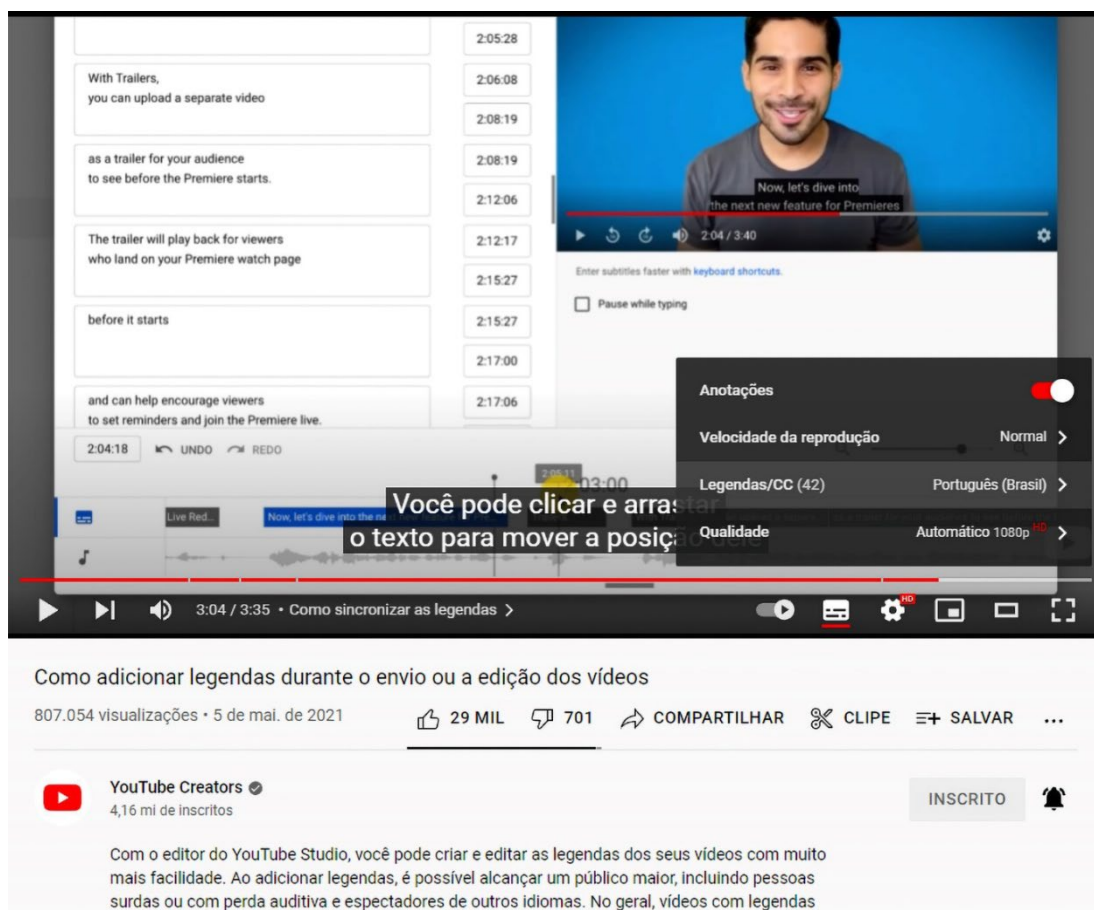


Fonte: Elaborado pelo autor. Vídeo: https://youtu.be/H_6R4NAk8b4

Após publicar a legenda, ela estará disponível para visualização através do ícone “legendas/ legendas ocultas” no canto inferior direito do vídeo. Se o vídeo possuir mais de uma legenda, podemos selecionar a legenda desejada clicando no ícone “detalhes” (ícone de

engrenagem). O vídeo a seguir, criado pelo próprio Youtube, mostra um passo a passo de como criar e editar legendas. Este vídeo tem áudio em inglês, mas contém legendas para 42 idiomas, inclusive português do Brasil. Link do vídeo: <https://youtu.be/rB9ql0L0cUQ>

Figura 15: Tutorial para criar legendas no Youtube



Fonte: <https://youtu.be/rB9ql0L0cUQ>

A última recomendação é a de criar capítulos para os vídeos publicados no *YouTube*. Eles são úteis para localizar pontos específicos do vídeo. Desta forma, o espectador (o aluno) pode navegar pelo vídeo e localizar o conteúdo desejado com mais facilidade. Para criar capítulos basta criar uma lista na descrição do vídeo. Essa lista deve conter em cada linha o tempo do início do capítulo em minutos e segundos, seguindo o formato mm:ss, e o título do capítulo. Para que os capítulos sejam mostrados na barra de progresso do vídeo e também numa janela com as miniaturas, o primeiro capítulo deve iniciar em 00:00 e todos os capítulos devem durar pelo menos dez segundos.

Figura 16: Visualização de um vídeo com capítulos no YouTube (no smartphone)



Fonte: Elaborado pelo autor. Vídeo: <https://youtu.be/EYURaV7Dp6I>

Veja na figura 16 como este procedimento simples pode transformar um vídeo em um material didático mais interativo e, conseqüentemente, mais interessante para o aluno.

Assim finalizamos um conjunto de orientações e recomendações baseadas nas principais dificuldades observadas nos materiais enviados por professores de Libras. Notamos como algumas informações sobre captação, edição e compartilhamento de vídeos podem ser valiosas para a produção de materiais mais assertivos e eficientes.

CAPÍTULO 6

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo foi desenvolvido sob a hipótese de que grande parte dos professores de Libras do Ensino Superior não possui conhecimentos e nem suporte suficientes para a produção de materiais com recursos audiovisuais para suas aulas, recursos estes de extrema relevância para aprendizes ouvintes que estão/estarão envolvidos com o ensino bilíngue.

Com o objetivo de identificar estes materiais e entender como eles são produzidos, foi realizada uma análise técnica que comprovou as dificuldades dos docentes na elaboração destes materiais. Além do envio de materiais didáticos com recursos audiovisuais, a coleta de dados incluiu outros dois instrumentos: o formulário online, que ajudou a conhecer o perfil dos professores, e as entrevistas, complementando e qualificando as análises. Como objetivo específico, este estudo desenvolveu um conjunto de orientações e recomendações para a captação de imagens, edição e compartilhamento de novos materiais que possam ser mais eficientes e assertivos para as disciplinas de Libras.

Inicialmente, são apresentados dois capítulos teóricos que sintetizam os contextos históricos do audiovisual educativo no Brasil e das disciplinas de Libras para cursos de graduação. Através da leitura de estudos anteriores, além de Leis, Decretos e normas, notamos como o audiovisual e o ensino de Libras convergiram e a educação a distância foi facilitadora deste processo.

A revisão de literatura mostrou alguns estudos com temática similar, direcionando nosso olhar a perceber características presentes nos materiais analisados, desenvolvendo assim uma lista de critérios a serem observados nestes materiais.

O percurso metodológico se estendeu com a chegada da pandemia da Covid-19, e obtivemos poucas respostas ao formulário online. Deste número reduzido de participantes, uma parte menor ainda enviou materiais e aceitou participar de uma entrevista por web conferência. Ainda assim, os dados se mostraram suficientes para cumprir com os objetivos da pesquisa.

As análises das respostas ao formulário online e das entrevistas deram indícios da falta de conhecimento teórico e técnico de audiovisual e também da falta de equipamentos e

suporte técnico que estes professores geralmente enfrentam. Isso revela a necessidade da formação complementar que muitos docentes necessitam para a elaboração de seus vídeos.

Por outro lado, as análises dos recursos audiovisuais em materiais didáticos de cada docente mostram procedimentos baseados majoritariamente no uso intuitivo ou pouco aprofundado de equipamentos e softwares, acarretando problemas que poderiam ser solucionados de maneira simples pelos próprios professores, caso possuíssem tais conhecimentos teóricos e técnicos do audiovisual.

Estes problemas são: Iluminação inadequada durante a captação de imagens, falta de critério para uso do fundo azul ou verde para *chroma-key*, enquadramentos que dificultam uma correta visualização da sinalização em Libras, utilização da câmera em modo automático prejudicando a qualidade da imagem, falta de conhecimento para ajustar parâmetros de configuração da câmera como ISO e tempo de exposição, desconhecimento de conceitos da linguagem cinematográfica, como eixo dramático e campo / contracampo, dificuldades na edição e configuração para exportação do vídeo e mal aproveitamento dos recursos disponíveis do *YouTube*, como criação de legendas, capítulos e listas de reprodução.

A análise dos materiais pautou-se na leitura e reflexão do referencial teórico somada ao conhecimento técnico e teórico de audiovisual do pesquisador. Desta forma, possíveis soluções foram apresentadas a partir de orientações e recomendações para os procedimentos de captura de imagens, edição e compartilhamento de vídeos. Para a demonstração destas orientações foram indicados softwares e aplicativos gratuitos e de código aberto, para uso em computadores pessoais e smartphones, visto que estas ferramentas são adequadas e suficientes para a elaboração de materiais didáticos por professores de graduação com pouca experiência em produção audiovisual.

Mas somente o conhecimento técnico não é suficiente. Não basta apenas conhecer e dominar os equipamentos tecnológicos para captação e edição dos vídeos. O Cinema não surgiu com a invenção da câmera, mas sim com o desenvolvimento da linguagem cinematográfica. E são alguns dos conceitos básicos desta linguagem que os professores de Libras devem conhecer para poder criar vídeos mais dinâmicos e atraentes, com narrativas e com um ritmo que desperte e mantenha o interesse dos alunos no conteúdo. Assim, neste estudo apresentamos os planos cinematográficos, e os conceitos de eixo dramático e campo / contracampo.

De maneira geral, este estudo procurou demonstrar aos professores das disciplinas de Libras como o conhecimento de conceitos básicos da linguagem cinematográfica aliado ao bom aproveitamento das tecnologias audiovisuais disponíveis aos profissionais da educação são essenciais para o ensino-aprendizagem de uma língua visuogestual. Esperamos que os benefícios de utilizar adequadamente estes recursos sejam vistos em materiais didáticos, atividades e avaliações, apresentando vídeos planejados e corretamente produzidos a partir do uso consciente destes conceitos, técnicas e ferramentas para uma melhor visualização da Libras, seja em narrativas e atividades ou simplesmente em sinalários.

Como técnico audiovisual do curso TILSP da UFSCar, vejo a necessidade desta formação, não somente para professores de Libras que almejam melhorar a qualidade de seus materiais didáticos audiovisuais, mas para os alunos que necessitam deste conhecimento para realizar os trabalhos práticos solicitados durante o prosseguimento das disciplinas do curso e que no futuro certamente utilizarão estas habilidades no exercício de suas profissões, tanto na área acadêmica, como professores criando novos materiais didáticos, quanto na área profissional, trabalhando com tradução e interpretação em meios audiovisuais.

REFERÊNCIAS

ALBERTON, B. F. A.; ROSA, E. F. A disciplina de Libras e a produção de material didático: um estudo de caso. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 29-41, Jan./Jun. 2016. Disponível em: <https://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/view/308>

ALBRES, N. A. Ensino de Libras como segunda língua e as formas de registrar uma língua visuo-gestual: problematizando a questão. **Revel**, v. 10, n. 19, 2012.

AMORIM, W.P.D. **Luz, câmera, edição: recursos gráficos visuais para traduções acadêmicas de Português/Libras em videoprovas**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2019.

BACICH, L.; NETO, A.T. ; DE MELLO TREVISANI, F. **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Penso Editora, 2015.

BENASSI, C. A.; DUARTE, A. S. **Sequências didáticas para o ensino de Libras como L2**. Cuiabá: Claudio Alves Benassi, 2016. Disponível em <<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/issue/view/236>> Acesso em 01/04/2021

BERNARDINO, E.L.A.; PEREIRA, M.C.daC.; PASSOS, R. ESTRATÉGIAS DE ENSINO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS COMO SEGUNDA LÍNGUA. **Trama**, [S.l.], v. 14, n. 32, p. 27-39, jun. 2018. ISSN 1981-4674. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/19354>>. Acesso em: 08 abr. 2021. doi: <https://doi.org/10.48075/rt.v14i32.19354>.

BRASIL. **Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, 20 de dezembro de 1996.

_____. **Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001**. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Brasília, DF, 9 de Janeiro de 2001

_____. **Portaria nº 2.253, de 18 de outubro de 2001**. Dispõe sobre a introdução nas instituições de ensino superior do sistema federal de ensino, na organização pedagógica e curricular de seus cursos superiores reconhecidos, a oferta de disciplinas que, em seu todo ou em parte, utilizem método não presencial, com base no art. 81 da Lei n. 9394, de 1996.

_____. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 25 de abril de 2002.

_____. **Decreto Nº. 5.622, de 19 de dezembro de 2005**. Regulamenta o art. 80 da Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/dec_5622.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2020.

_____. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art.18 da Lei nº

10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 2005.

_____. **Decreto nº 7.612 de 17 de novembro de 2011.** Institui o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência - Plano Viver Sem Limite.

_____. **Lei Federal 13.005, de 25 de junho de 2014.** Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília, DF, 25. Junho de 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm>. Acesso em: 19/02/2021

_____. **Portaria nº 1.134, de 10 de outubro de 2016.** Revoga a Portaria MEC nº 4.059, de 10 de dezembro de 2004, e estabelece nova redação para o tema. Diário Oficial da União, Brasília, 11 de outubro de 2016.

_____. **Decreto Nº 9.057, de 25 de maio de 2017.** Regulamenta o art. 80 da Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Decreto/D9057.htm#art24>. Acesso em: 29 dez. 2020

_____. **Portaria nº 1.428, de 28 de dezembro de 2018.** Dispõe sobre a oferta, por Instituições de Educação Superior - IES, de disciplinas na modalidade a distância em cursos de graduação presencial. Diário Oficial da União, Brasília, 28 de dezembro de 2018.

BENETTI, L. C. **Propostas emergentes: A videoaula como recurso pedagógico no ensino superior.** Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Colégio Técnico Industrial, Programa de Pós-Graduação em Tecnologias Educacionais em Rede, Santa Maria, RS, 2017.

BRITO, L.F. **Por uma gramática da língua de sinais.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ, Departamento de Lingüística e Filologia, 1995.

CAMARGO, L. D. V. L. **Produção e Avaliação de Materiais Didáticos Audiovisuais para Ensino de LIBRAS a Distância.** 2013. 153 p. Dissertação (mestrado) - Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Estudos de Linguagens, Belo Horizonte, MG.

CAMPELLO, A.R. e S. **Pedagogia Visual: sinal na Educação de Surdos.** In: QUADROS, R. W; PERLIN. G. (Org). **Estudos Surdos II.** Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007, p. 101-131.

CAMPOS, M. L. I. L. **O processo de ensino-aprendizagem de libras por meio do moodle da UAB-UFSCar,** 2015. 206 p. Tese (Doutorado em Educação Especial). Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP.

CARNEIRO, V. L. Q. **Função pedagógica e formato audiovisual de vídeo para professores: a proposta do curso “TV na Escola e os Desafios de Hoje”.** 2002. Trabalho apresentado no GT 16. **Anais da 25ª Reunião Científica da ANPEd.** Caxambú, setembro de 2002. Disponível em: <www.25reuniao.anped.org.br/posteres/vanialuciacarneirop16.rtf>. Acesso em: 08/04/2021

CARVALHO, T. R. de; GEDIEL, A. L. B. A produção de vídeos como materiais didáticos para ensino de Libras como segunda língua, **LínguaTec**, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Bento Gonçalves, v. 5, n. 2, p. 310-323, nov. 2020

DEBRITO, M. **Criando mundos**: fundamentos de direção cinematográfica, escrita criativa, roteiro audiovisual– São Paulo: [s.n.], 2019.

GERHARDT, T. E. ; SILVEIRA, D. T. (Org.) . **Métodos de Pesquisa**. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

FREITAS, G. G. de .; FARIA, J. G. .; FIGUEIREDO, F. J. Q. de . A disciplina de Libras em cursos de licenciatura na UFG: Um estudo sobre dificuldades e estratégias na aprendizagem. **Signótica**, [S. 1.], v. 32, 2020. DOI: 10.5216/sig.v33.63206. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/63206>. Acesso em: 17 nov. 2021.

FURTADO, I.; MARÇAL, E. Educação e Conhecimento na Sociedade Imagética. *In*: MARÇAL, E.; ANDRADE, F. (Org.). **Gestão, Ensino e Tecnologias: Práticas Docentes, Experiências e as Tecnologias Digitais**. Campinas - SP: Pontes Editores, 2016, 1ed., v. 1, p. 243-256

GESSER, A. **Metodologia de Ensino em Libras como L2**. Universidade Federal de Santa Catarina, Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Florianópolis, 2010.

GESSER, A. **O ouvinte e a surdez**: Sobre ensinar e aprender a Libras. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7ª ed. São Paulo, Atlas, 2019

GOMES, L.F., Vídeos didáticos: uma proposta de critérios para análise **R. bras. Est. pedag.** , Brasília, v. 89, n. 223, p. 477-492, set./dez. 2008. Disponível em: <<http://rbepold.inep.gov.br/index.php/rbep/article/view/688>> Acesso em: 08/04/2021

JESUS, L. M de. **Motion Graphic Design como ferramenta de educação a distância em Libras**, 2013. 97 p. Dissertação (Mestrado, Centro de Comunicação e Expressão) Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

KRAMER, C.W. **Ensino semipresencial na educação superior**: Uma abordagem hodierna. 1. ed. São Paulo: AmazonServicos de Varejo do Brasil Ltda, 2020. v. 1. 162p.

KRUSSER, R. S. **Design editorial na tradução de português para libras**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2017.

KERBAUY, M. T. M., SANTOS, V. M. **Políticas públicas para o audiovisual educativo no Brasil**: um caminho a ser construído. In: SIMIS, A., et al., orgs. Comunicação, cultura e linguagem [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. Desafios contemporâneos collection, pp. 213-239. ISBN 978-85-7983-560-5. Disponível em: <http://backoffice.books.scielo.org/id/2h3ks/pdf/simis-9788579835605-11.pdf>

LEBEDEFF, T. B. Vídeos como Objetos de Aprendizagem para o Ensino de Línguas: uma discussão na perspectiva de aprendiz de Língua de Sinais Britânica. **Veredas - Revista de Estudos Linguísticos**, v. 21, p. 129-143, jan2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/27984>> Acessos em 18 mar. 2021.

LEBEDEFF, T. B. ; SANTOS, A. N. dos. Objetos de aprendizagem para o ensino de línguas: vídeos de curta-metragem e o ensino de Libras. **Rev. Bras. Linguist. Apl.**, Belo Horizonte , v. 14, n. 4, p. 1073-1094, dez. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982014000400013&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 18 mar. 2021.

MÜNSCH, K. C. R. O YouTube como tecnologia educacional, **Caderno Intersaberes**, v. 9 n. 21 (2020): Intersecções: língua, cultura e história / Dossiê. Disponível em: <https://cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/1531> Acesso em 25/10/2021

NUNES DE SOUSA, A. et al. Quadro De Referência Da Libras Como L2. **Fórum Lingüístico**, [s. l.], v. 17, n. 4, p. 5488–5504, 2020. DOI 10.5007/1984-8412.2020.e77339. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=aph&AN=148898641&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 17 nov. 2021.

PELUSO, L. ; LODI, A.C.B. La experiencia visual de lossordos. Consideraciones políticas, lingüísticas y epistemológicas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 26, n. 3, p. 59-81, 2015.

PEREIRA, M.C.P. A Língua de Sinais Brasileira: análise de material didático de ensino como segunda língua para ouvintes. **Revista Linguagem**, v. 7, n. 1, 2009.

QUIXABA, M. N. O. **Diretrizes para projeto de recursos educacionais digitais voltados à educação bilíngue de surdos**. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Centro de Estudos Interdisciplinares em Novas Tecnologias na Educação, Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, Porto Alegre, 2017.

REZENDE, J. R. S.; MENDES, N. F. O.; CHAVES, R. M. N.; SANTOS, S. K. da S. de L.; OLIVEIRA, V. C. F. de. Tecnologias digitais aliadas ao ensino da Libras: Um relato de experiência no IFB. **Revista Nova Paideia - Revista Interdisciplinar em Educação e Pesquisa**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 50 - 64, 2019. DOI: 10.36732/riep.v1i2.11. Disponível em: <http://ojs.novapaideia.org/index.php/RIEP/article/view/23>. Acesso em: 17 nov. 2021.

RIBEIRO ROCHA, P.S.; DE LIMA, R.W.; QUEIROZ, P.G.G. Tecnologias para o ensino da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS): Uma revisão sistemática da literatura. **Revista Brasileira de Informática na Educação**, [S.l.], v. 26, n. 03, p. 42, set. 2018. ISSN 2317-6121. Disponível em: <<https://www.br-ie.org/pub/index.php/rbie/article/view/7140/5561>>. Acesso em: 30 mar. 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.5753/rbie.2018.26.03.42>

RIBEIRO, S. S. **O uso de recursos tecnológicos por docentes surdos no ensino da Língua Brasileira de Sinais na Educação Superior**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador, 2021.

SANTOS, A. N. dos. **Libras na UFPEL:** Experiência da produção de material didático para o ensino da Libras como L2 a partir da abordagem comunicativa. In: XVII ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 2015, Fortaleza - CE. Didática e a prática de ensino na relação com a formação de professores. Fortaleza - CE: EdUECE, 2015.

SOUZA, S. A. ; BENASSI, C. A. **Sequências didáticas para o ensino de libras como L2:** Análise da aplicação na disciplina de libras nos cursos de música, história e pedagogia - licenciaturas. In: Seminário de Educação - Semiedu, 2016, Cuiabá. Saberes e Identidades; Povos, Culturas e Educações. Cuiabá, 2016.

TORI, R. **Educação sem distância: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem** - 2. ed. -São Paulo: Artesanato Educacional, 2017.

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (ANEXO A)

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada **“USO DE RECURSOS AUDIOVISUAIS NO APOIO AO ENSINO PRESENCIAL DE LIBRAS COMO SEGUNDA LÍNGUA”**, sob a responsabilidade do aluno do curso de Pós-graduação em Educação Especial, Rodrigo Vecchio Fornari e sob a orientação da pesquisadora Profa. Dra. Lara Ferreira dos Santos, docente do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Essa pesquisa terá como objetivo geral identificar e analisar o uso de recursos audiovisuais no ensino da Libras como L2, utilizados em material de apoio ao estudo fora de sala de aula para alunos ouvintes no ensino presencial e como objetivo específico, pesquisar de que forma estes recursos audiovisuais podem potencializar o ensino-aprendizagem de Libras em cursos presenciais.

Essa pesquisa tem grande relevância, visto o aumento significativo de cursos presenciais em que a Libras se faz presente e o crescente número de professores formados em licenciaturas Letras/Libras, bacharelados em tradução e interpretação em Libras/Português, e licenciaturas em pedagogia bilíngue (Libras/Português) - que necessitam de materiais didáticos de qualidade para o melhor desenvolvimento de suas aulas. Além disso, contribuirá em muito para os estudos na área da Surdez.

Você foi selecionado(a) para participar da pesquisa, pois faz parte da população escolhida para a mesma, que se trata de professores de Libras de cursos presenciais de formação de tradutores e intérpretes Português/Libras (TILS) das universidades federais do Brasil. Sua participação deverá ser voluntária e não é obrigatória. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional. Você poderá interromper a participação na pesquisa a qualquer momento, anulando o presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A sua recusa em participar da pesquisa não envolverá prejuízos ou comprometimentos na relação com o pesquisador ou com a instituição responsável.

Esta pesquisa envolve os seguintes procedimentos: Entrevista por web conferência previamente agendada e envio de material audiovisual utilizado atualmente no apoio ao ensino presencial de Libras, em nível intermediário ou avançado. A sua participação, portanto, consistirá em realizar esses procedimentos. Os possíveis riscos envolvidos na pesquisa durante a realização da pesquisa estão relacionados ao conforto dos participantes e os possíveis constrangimentos. Para amenizar essas possibilidades algumas medidas serão tomadas: Sua identidade será preservada conforme os padrões profissionais de sigilo e ética. Os resultados obtidos e materiais utilizados, só serão divulgados em pesquisas e publicações científicas com a devida permissão da instituição e de todos os participantes, além de obedecer às

normas éticas exigidas. Caso haja algum dano a sua pessoa, os prejuízos serão assumidos pelos pesquisadores.

As informações e resultados obtidos por meio dessa pesquisa serão informados a mim e poderão se tornar públicos, mediante a publicação de relatórios e trabalhos científicos, sem que a minha identidade seja revelada. Os dados coletados serão tratados de forma sigilosa, assegurando o anonimato e a não identificação dos participantes, sendo utilizados nomes fictícios.

Receberei uma cópia deste termo, no qual deverá constar o nome, o telefone e o endereço do pesquisador principal para que eu possa tirar eventuais dúvidas sobre o projeto, além do nome, telefone e endereço da orientadora dessa pesquisa. Poderei solicitar tais esclarecimentos a qualquer momento ou em qualquer fase da pesquisa.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da pesquisa e concordo com minha participação.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110.

Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br

São Carlos, _____ de _____ de 20 ____.

Sujeito da pesquisa:

Nome	Assinatura
Pesquisador responsável Rodrigo Vecchio Fornari	Orientadora da pesquisa Prof ^a Dr ^a Lara Ferreira dos Santos
Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)	Professora do Programa de Pós-graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)
Endereço: Rod. Washington Luís km 235 - SP-310 - São Carlos CEP 13565-905.	Endereço: Rod. Washington Luís km 235 - SP-310 - São Carlos CEP 13565-905.
E-mail: rodrigofornari@ufscar.br	E-mail: larasantos.ufscar@gmail.com

Formulário online para professores de Libras (ANEXO B)

Nome:

E-mail (Para contato posterior no caso de envio de materiais):

Idade:

Você é surdo(a) ou ouvinte?

- Surdo(a)
- Ouvinte

Formação: Comente brevemente o seu percurso acadêmico que o(a) tornou professor(a) de Libras

Tempo de atuação como professor(a) de Libras: (em anos)

Instituição onde trabalha:

Tempo de atuação na referida Instituição: (em anos)

Nome das disciplinas de Libras ministradas e respectivas cargas horárias (exemplo: Libras 3 - 60 horas) :

Para as próximas perguntas (mínimo de 5 e máximo de 12), tome como base os últimos anos que você ministrou aulas presencialmente - antes do início da pandemia da Covid-19.

1. Na sua opinião, qual a importância do uso de recursos audiovisuais na sala de aula ou como material de apoio para o estudo em casa?

1 pouco importante - - - - - 5 muito importante

2. Você faz uso de algum material com recurso audiovisual nas disciplinas de Libras que ministra?

sim não

3. Com que objetivos você usarecursos audiovisuais?

- Para ensinar em sala de aula
- Para apoio ao estudo do aluno em casa.
- outros _____

4. Você indica algum material para que os alunos estudem fora da sala de aula? Quais (poderia indicar alguns?) Se sim, com qual objetivo? (Ex: fixação de vocabulário, prática dialógica, etc)

5. Você já produziu algum tipo de material/recurso audiovisual para seus alunos?

sim não

6. Sobre o material/recurso audiovisual que você produziu: Como elaborou? Que recursos utilizou?

- Apenas me gravo com o celular ou câmera
- Gravo conversas com duas ou mais pessoas sinalizando
- Logo depois de gravar, envio para os alunos por email, *YouTube*, Google drive ou alguma rede social, etc...
- Depois de gravar, faço a edição de cenas no computador e, quando necessário, insiro textos e legendas.
- outros _____

7. Os materiaisaudiovisuais que você produz contêm áudio? Classifique sua resposta em uma escala de 1 a 5

1 - Nenhum - - - - 5 - Todos

8. Você conta com suporte de técnicos e laboratórios com equipamentos da Instituição onde você trabalha para as suas produções?

- Sim. Utilizo sempre ou com frequência.
- Sim, mas não utilizo frequentemente.
- Sim, mas opto por fazer minhas produções sozinho(a).
- Não há este suporte/serviço na instituição onde trabalho.
- outros _____

9. Além do material audiovisual de sua autoria, você indica algum material audiovisual pronto para estudo fora da sala de aula aos alunos? Poderia indicar?

10. Você percebe diferenças na aprendizagem dos alunos ao comparar o uso de fotos/ilustrações em livros e o uso de material audiovisual? Em que sentido?

11. Deseja pontuar algo mais em relação a este tema?

12. Caso surja alguma dúvida sobre este formulário, seria possível agendarmos uma webconferência para complementar as informações?

Obrigado!

Agradeço sua atenção e disponibilidade. Entraremos em contato para o envio do seu material (ou material que você utiliza/indica). Qualquer dúvida pode entrar em contato por email.

Roteiro das entrevistas com professores de Libras (ANEXO C)

1. Me conta um pouco sobre o material que você enviou.
2. Pra que você prepara esse material? Qual é sua intenção?
3. O que os alunos acham desse material?
4. O que você compreende por material didático com recursos audiovisuais?
5. Olhando seu material, vejo que você produziu vídeos e slides. Como você produz?
Onde?
6. Os alunos assistem em casa ou na sala de aula?
7. Você recomenda materiais para estudo em casa? quais?
8. Você pede para o aluno estudar seu conteúdo fora da aula? Como fazer isso?
9. Você vincula o material audiovisual que produz com outros materiais, como textos, slides ou formulários online?
10. O que é melhor para o aluno, no seu ponto de vista: materiais audiovisuais com tradução simultânea em português (áudio), com legenda em português, com os dois recursos ou sem nenhum destes recursos? Por quê?
11. Você reaproveita um mesmo material produzido para outras turmas ou outros semestres? Se preocupa com a organização e arquivo de materiais produzidos?
12. Sobre o futuro: O que ainda falta? Como melhorar os materiais com RAVs ?

Tabela de respostas do formulário online (ANEXO D)

nome fictício	surdo ou ouvinte	1. Importância do uso de recursos audiovisuais: 1 - pouco até 5 - muito					2. Você faz uso de algum material com recurso audiovisual?	3. Com que objetivos você usa recursos audiovisuais? a) Para ensinar em sala de aula. b) Para apoio ao estudo do aluno em casa. C) Outro			4. Você indica algum material para que os alunos estudem fora da sala de aula?
		1	2	3	4	5		a	b	c	
Samuel	Surdo					X	sim	X			Site TV Ines, Dicionário de Libras, Glossário UFSC, canais de Surdos Youtubers, etc. Fixação de vocabulário, compreensão de Libras.
Eduarda	Surdo					X	sim	X	X		Sim, vocabulário, prática dialógica, entrevista campo e webcam para surdos etc
João	Ouvinte			X			sim	X	X		Não
Kleber	Ouvinte					X	sim	X	X		artigos científicos para leitura, vídeos disponíveis no YouTube, material produzido pelo proponente, alguns vídeos do TVINES dentre outros.
Renato	Surdo				X		sim	X	X		Estudos vocabulários de Libras e CL, alunos estuda conhecer, estimular aprendendo de Libras
Nicole	Surdo					X	sim	X			Sempre indico pratica dialogica
Diogo	Surdo				X		sim	X	X		Dialógica e pesquisa
Gustavo	Ouvinte					X	sim	X	X	Para que o aluno veja a Libras em uso	Indico a minha própria página criada no youtube, Site da TVInes, Videos do "Libras em Contexto"
Norma	Ouvinte					X	sim	X	X		Aplicativos, Dicionário Digital de Libras, vídeos do INES e canais Youtube: federação mundial de surdos, FENEIS e banco de recursos abertos UFRGS ,UFSC
Natan	Surdo					X	sim	X	X		Na tradução de Libras (Frase, Texto e outros)
Nelson	Surdo		X				não				- (respondeu "não" na pergunta 2)
Igor	Ouvinte					X	sim	X	X		Laboratório da instituição, TV Ines, A vida em Libras e Café com Pimenta, Cleber Couto, Parfor, Amazônia Paraense
Estela	Ouvinte					X	sim	X	X		Vídeos para discutir um tema da aula, textos para leitura.
Natália	Surdo				X		sim	X	X	também para atividades avaliativas e atividades em casa	videoaulas da disciplina de Libras dos cursos de licenciatura (presencial e EaD) desta Universidade
Sérgio	Surdo					X	sim	X	X		Todos tipo de material
TOTAIS	15 docentes	0	1	1	3	10	14 SIM 1 Não	14	12	2	Outros/não especificado = 8, INES = 5, Youtube = 5 Dicionário/Vocabulário = 5, Dialógica = 3, pesquisa = 3 material próprio = 3, UFSC = 2, não = 1
Totais - Surdos e Ouvintes	9 surdos	0	1	0	3	5	8 Sim 1 Não	8	6	1	Outros/não especificado = 5, INES = 3, Youtube = 3 Dicionário/Vocabulário = 4, Dialógica = 3, pesquisa = 2 material próprio = 2, UFSC = 1, não = 0
	6 ouvintes	0	0	1	0	5	6 Sim 0 Não	6	6	1	Outros/não especificado = 3, INES = 2, Youtube = 2 Dicionário/Vocabulário = 1, Dialógica = 0, pesquisa = 1 material próprio = 1, UFSC = 1, não = 1

nome fictício	surdo ou ouvinte	5. Você já produziu algum tipo de material/recurso audiovisual para seus alunos?	6. Sobre o material/recurso audiovisual que você produziu: Como elaborou? Que recursos utilizou?					7. Os materiais audiovisuais que você produz contém áudio?					
			a	b	c	d	e	1	2	3	4	5	
Samuel	Surdo	Sim	X		X	X		X					
Eduarda	Surdo	Sim	X	X	X	X							
João	Ouvinte	Não	- (respondeu "não" na pergunta 5)										
Kleber	Ouvinte	Sim	X	X		X					X		
Renato	Surdo	Sim	X	X							X		
Nicole	Surdo	Sim			X			X					
Diogo	Surdo	Sim	X		X							X	
Gustavo	Ouvinte	Sim	X	X		X	Utilização do recurso de Chroma Key	X					
Norma	Ouvinte	Sim	X									X	
Natan	Surdo	Sim		X	X	X						X	
Nelson	Surdo		- (respondeu "não" na pergunta 2)										
Igor	Ouvinte	Sim	X	X		X	uso de mapas conceituais como estratégia pedagógica no ensino de Libras.					X	
Estela	Ouvinte	Sim	X			X			X				
Natália	Surdo	Sim	X	X	X	X		X					
Sérgio	Surdo	Sim	X		X	X		X					
TOTAIS	pergunta 5: 14 docentes perguntas 6 e 7: 13 docentes	13 sim 2 não	11	7	7	9		2	5	1	2	4	1
Totais - Surdos e Ouvintes	8 surdos	8 sim 0 não	6	4	7	5			4	0	1	2	1
	pergunta 5: 6 ouvintes perguntas 6 e 7: 5 ouvintes	5 sim 1 não	5	3	0	4		2	1	1	1	2	0

nome fictício	surdo ou ouvinte	8. Você conta com suporte de técnicos e laboratórios com equipamentos da Instituição onde você trabalha para as suas produções?					9. Além do material audiovisual de sua autoria, você indica algum material audiovisual pronto para estudo fora da sala de aula aos alunos? Poderia indicar?
		a)	b)	c)	d)	e)	
		a	b	c	d	e	
Samuel	Surdo			X			-
Eduarda	Surdo						sim
João	Ouvinte	- (respondeu "não" na pergunta 5)					
Kleber	Ouvinte					Eu montei um laboratório no espaço cedido pela instituição, os recursos por hora são meus.	-
Renato	Surdo		X				Sim, mas não utilizo, alguns falta servidor de software simples para alunos.
Nicole	Surdo				X		-
Diogo	Surdo	X					Vídeo
Gustavo	Ouvinte					A instituição tem um "laboratório" para o Letras Libras. Este é mais acessível do que o da instituição.	Indico alguns materiais da UFSC, as traduções da prova do ENEM e/ou as narrativas disponíveis no Youtube
Norma	Ouvinte		X				banco de recursos UFRGS e UFSC
Natan	Surdo					Meu materiais leva no espaço a sala.	-
Nelson	Surdo	- (respondeu "não" na pergunta 2)					
Igor	Ouvinte			X			-
Estela	Ouvinte					No momento de pandemia, estamos utilizando recursos próprios.	Eu elaboro, mas também indico.
Natália	Surdo			X			Indico vídeos facebook ou youtube, com a autorização dos autores. Importante variar diferentes pessoas sinalizando para aluno
Sérgio	Surdo	X					-
TOTAIS	13 docentes	2	2	3	2	4	7 Sim, 6 sem resposta, 3 especificaram
Totais - Surdos e Ouvintes	8 surdos	2	1	2	2	1	4 Sim, 4 sem resposta, 1 especificou
	5 ouvintes	0	1	1	0	3	3 Sim, 2 sem resposta, 2 especificaram

nome fictício	surdo ou ouvinte	10. Você percebe diferenças na aprendizagem dos alunos ao comparar o uso de fotos/ilustrações em livros e o uso de material audiovisual? Em que sentido?
Samuel	Surdo	Sim, quando sinaliza os sinais de variação regional.
Euarda	Surdo	uso fotos
João	Ouvinte	uso para acentuar o aspecto visual da língua.
Kleber	Ouvinte	Sim, a percepção para todos fica mais clara (ouvintes e surdos)
Renato	Surdo	Falta conhecimento foco software, simples... Aprendendo material audiovisual, COVID-19
Nicole	Surdo	Sim, quanto mais o material ter recursos visuais, mas fácil fica o processo de aprendizagem
Diogo	Surdo	Livros e as fotos ver visual
Gustavo	Ouvinte	Com certeza! Esses recursos auxiliam na fixação e autonomia do discente em aprender a Libras.
Norma	Ouvinte	Sim, percebo que participam mais das aulas e indicam também outros que conhecem
Natan	Surdo	Aumento dos alunos satisfeitos material audiovisual o vídeo do que livros sinalizados.
Nelson	Surdo	Mídias sociais, google sala de aula, plataforma solar UFC, vídeo YouTube não listado,
Igor	Ouvinte	Diferença muito grande: No livro os sinais estão estáticos. Apesar das setas que indicam movimento. Audiovisual com legendas e áudio para iniciantes. AV com narrativas e surdos conversando para Libras avançado.
Estela	Ouvinte	Sim, facilitando mais a aprendizagem e compreensão do conteúdo ministrado.
Natália	Surdo	Percebo que alunos têm dificuldades em compreender as fotos, pois não mostra os movimentos. O aluno fica preso no sinal! É importante o material audiovisual que proporcione uma visão tridimensional dos sinais
Sérgio	Surdo	Sim! Com vídeos mostram melhor do que fotos.
TOTAIS	15 docentes	12 respostas afirmativas 3 respostas indefinidas
Totais - Surdos e Ouvintes	9 surdos	6 respostas afirmativas 3 respostas indefinidas
	6 ouvintes	6 respostas afirmativas 0 respostas indefinidas

nome fictício	surdo ou ouvinte	11. Deseja pontuar algo mais em relação a este tema?	12. Caso surja alguma dúvida sobre este formulário, seria possível agendarmos uma webconferência para complementar as informações?
Samuel	Surdo	Não.	Sim.
Eduarda	Surdo	todos	livre
João	Ouvinte	Não. - Audiovisual para surdos? Se fosse aspectos visuais, mas onde se encaixa o áudio?	sim. Audiovisual para surdos? Se fosse aspectos visuais, mas onde se encaixa o áudio?
Kleber	Ouvinte	É preciso considerar as diversas ferramentas que possam subsidiar o ensino nas diferentes formas (como L1, L. Adicional, L2, etc) ensinar Libras em uma sala com alunos de contextos diversos necessita o apoio destes materiais.	Sim, sem problemas.
Renato	Surdo	Sim, Libras e TILS	Sim.
Nicole	Surdo	Nada	infelizmente meu tempo está bem curto
Diogo	Surdo	10	Sim, sugiro através libras explicando teórica
Gustavo	Ouvinte	Nem sempre os aspectos gramaticais são separados de formas didáticas a fim de possibilitar desenvolver o desenvolvimento desta competência por temas e/ou conteúdos	Sim.
Norma	Ouvinte	Deveríamos criar um banco de recursos acessível em Libras para que todos coloquem suas produções e fique com licença aberta para uso e reuso.	Sim.
Natan	Surdo	Depende, contexto a Libras pega temas (Gênero discursivo)	Possível sim
Nelson	Surdo	Não.	Pode ser
Igor	Ouvinte	são poucos os materiais audiovisuais disponíveis nas universidades. Contamos com poucos ambientes para produzi-los e nossa formação não permite que façamos algo mais elaborado. É necessário que todos (professores, alunos, técnicos, intérpretes de Libras) saibam criá-los e utilizá-los de forma adequada no ensino aprendizagem de Libras.	Pode ser sim.
Estela	Ouvinte	Não.	Sim.
Natália	Surdo	Técnico do curso é um só para muitas demandas. As turmas variam e as aulas mudam de acordo com a demanda de cada aluno, e por isso há necessidade de produzir mais. A equipe EaD da universidade consegue atender as demandas dos professores com antecedência. O curso precisa mais técnicos audiovisuais para produção de mais vídeos, pois há carências de vídeos específicos com diálogos e sínteses em libras na área de saúde e jurídica.	Estou a disposição!
Sérgio	Surdo	-	-
TOTAIS	15 docentes	5 responderam negativamente e 4 respostas não ficaram claras. 6 respostas afirmativas. Principais pontos citados: - Falta de materiais para abordar o ensino de Libras em diferentes contextos (L1, L2, LE, etc) - Materiais sem organização didática - Necessidade de criação de um banco de recursos abertos para uso - Falta de estrutura técnica e de pessoal nas universidades para produção dos materiais - Falta de conhecimento para produção e utilização dos materiais pelos professores	12 sim. 2 Talvez. 1 Não (1 comentário transferido para questão anterior)